

EXTRAMUROS

REVISTA DE EXTENSÃO DA UNIVASF

Volume 2, número 1 | jan./jun., 2014



EXTRAMUROS

REVISTA DE EXTENSÃO DA UNIVASF

Volume 2, número 1 | jan./jun., 2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO

Reitor

PROF. DR. JULIANELI TOLENTINO DE LIMA

Vice-Reitor

PROF. DR. PROF. DR. TÉLIO NOBRE LEITE

Pró-Reitora de Extensão

PROF. DRA. LUCIA MARISY SOUZA RIBEIRO DE OLIVEIRA

Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

PROF. DR. HELINANDO PEQUENO DE OLIVEIRA

Pró-Reitor de Ensino

PROF. DR. LEONARDO RODRIGUES SAMPAIO

Pró-Reitora de Assistência Estudantil

ASSISTENTE SOCIAL ISABEL CRISTINA SAMPAIO ANGELIM

Pró-Reitor de Orçamento e Gestão

PROF. DR. ANTÔNIO PIRES CRISÓSTOMO

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento Institucional

PROF. ME. JOSÉ RAIMUNDO CORDEIRO NETO

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

Pró-Reitora de Extensão

PROF. DRA. LUCIA MARISY SOUZA RIBEIRO DE OLIVEIRA

Diretor de Extensão

PROF. DR. WAGNER PEREIRA FÉLIX

Diretor de Arte, Cultura e Ação Comunitária

PROF. ME. EURICLÉSIO BARRETO SODRÉ

Diretor do Espaço Ciência e Cultura

PROF. DR. MILITÃO FIGUEREDO

Auxiliar Administrativa do Espaço Ciência e Cultura

BETÊNIA MENDES

Assistente em Administração – Gabinete da Pró-Reitoria

EDILÚCIA BARROS DA SILVA

Assessora da Pró-Reitoria

JACKELINE FERREIRA GOMES

Assistente de Apoio às Atividades de Estágio

MARIANA FILGUEIRAS VIEIRA

Assistente de Apoio às Atividades de Extensão

RUTH MORAIS NUNES DE AMORIM

Auxiliar Administrativo

EDILENE GOMES

Estagiários – Coordenação de Estágio

EDUARDO NEVES ROCHA DE BRITO

MARCEL CARVALHO MARQUES

Estagiários – Diretoria de Extensão

BRUNA SANTOS SIQUEIRA – Cursos de Idiomas

LARA RÉGIA DIAS DA FRANCA SILVA – Ligas Acadêmicas

ANDERSON NASCIMENTO SOARES DA SILVA – Desenvolvedor Web

Estagiários – Diretoria de Arte

BRUCE WAGNER AMORIM PEREIRA

DÁRIO PEIXOTO WANDERLEY JÚNIOR

DALMO CARDOSO BARRETO

Estagiários – Espaço Ciência e Cultura

SÉRGIO NERE

ROSE MINEIA

COMISSÃO EDITORIAL

Editor Responsável

PROF. DR. FULVIO TORRES FLORES

Editor de Layout

PROF. ESP. CECILIO RICARDO DE CARVALHO BASTOS

CONSELHO EDITORIAL

PROFA. DRA. DARIZY FLÁVIA VASCONCELOS

UFBA - Universidade Federal da Bahia

PROF. DR. JOSÉ FILIPE VILELA VAZ

UMINHO – Universidade do Minho

PROF. DR. FRANCISCO ROBERTO CAPORAL

UFRPE - Universidade Federal Rural de Pernambuco

PROFA. DRA. GHISLAINE DUQUE

UNIVASF - Universidade Federal do Vale do São Francisco

PROFA. DRA. GISELE GIANDONI WOLKOFF

UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

PROF. DR. DR. H.C. HANS-JOACHIM APPELL CORIOLANO

DSHS - Deutsche Sporthochschule Köln

PROF. DR. HELINANDO PEQUENO DE OLIVEIRA

UNIVASF - Universidade Federal do Vale do São Francisco

PROFA. DRA. HOSANA DOS SANTOS SILVA

UNIFESP - Universidade Federal do Estado de São Paulo

PROFA. DRA. JOSEFA SALETE BARBOSA CAVALCANTE

UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

PROF. DRA. LÚCIA MARISY SOUZA RIBEIRO DE OLIVEIRA

UNIVASF - Universidade Federal do Vale do São Francisco

PROFA. DRA. MARCIA BENTO MOREIRA

UNIVASF - Universidade Federal do Vale do São Francisco

PROFA. DRA. SIMONE MALAGUTI

LMU - Ludwig-Maximilians-Universität München

PARECERISTAS *AD HOC*

v. 2, n. 1, jan./jun. 2014

PROF. DR. ADEON CECILIO PINTO (UNIVASF)
PROFA. DRA. ANA CARLA CIVIDANES FURLAN SCARIN (UNESP)
PROFA. DRA. ANGÉLICA MARGARETE MAGALHÃES (UFGD)
PROFA. DRA. CÁSSIA CORDEIRO FURTADO (UFMA)
PROFA. DRA. DIDIÊ CENI DENARDI (UTFPR)
PROFA. DRA. ELIETE DA SILVA PEREIRA (USP)
PROFA. DRA. EMMANUELLE DE OLIVEIRA SANCHO (UNIFOR)
PROFA. DRA. ELIZABETH FERREIRA MARTINEZ (São LEOPOLDO MANDIC)
PROFA. DRA. FABIANE PIANOWSKI (UNIVASF)
PROFA. MA. FLÁVIA MARIA DE BRITO PEDROSA VASCONCELOS (UNIVASF)
PROF. DR. FULVIO TORRES FLORES (UNIVASF)
PROF. DR. IZAIAS DA SILVA LIMA NETO (UNIVASF)
PROF. DR. JOSÉ SILVEIRA FILHO (PREF. MUN. FORTALEZA/UFC)
PROFA. DRA. KÁTIA POLES (USP)
PROF. DR. LAJOSY SILVA (UFAM)
PROFA. DRA. LARISSA ARAÚJO ROLIM (UNIVASF)
PROFA. DRA. LÍVIA MARQUES CARVALHO (UFPB)
PROF. ME. LUIZ SEVERINO SILVA JUNIOR (UNIVASF)
PROFA. DRA. LUIZA EUGENIA DA MOTA ROCHA CIRNE (UFCEG)
PROFA. DRA. MÁRCIA BARROS DE SALES (UFSC)
PROFA. DRA. MÁRCIA ELAYNE BERBICH DE MORAES (IBMEC)
PROFA. MA. MARIA DAS GRAÇAS CLEOPHAS PORTO (UNIVASF)
PROFA. DRA. MARIA DE FÁTIMA LOPES FERNANDES (UFC)
PROFA. DRA. RENATA WILNER (UFPE)
PROFA. DRA. RITA DE CÁSSIA R. G. GERVÁSIO (UNIVASF)
PROF. ME. RODRIGO GUSTAVO DA SILVA CARVALHO (UNIVASF)
PROFA. DRA. SANDRA HALLACK ARBEX (UFJF)
PROFA. DRA. TANIA MARIA DE OLIVA MENEZES (UFBA)
PROFA. DRA. VERA LÚCIA DE LUCENA MOURA DE OLIVEIRA (UFPE)
PROF. ME. VICTOR ANGELO M. MONTALLI (São LEOPOLDO MANDIC)
PROF. ME. WAYNER TRISTÃO GONÇALVES (UNIVASF)

Todos os textos e suas imagens, assim como a revisão, são de responsabilidade dos autores.

É permitida a reprodução parcial das informações publicadas, desde que seja citada a fonte.

Universidade Federal do Vale do São Francisco
Pró-Reitoria de Extensão

EXTRAMUROS – Revista de Extensão da UNIVASF
Petrolina-PE.
Pró-Reitoria de Extensão
Vol. 2, n. 1 (jan./jun.-2014).
143 p.
Semestral
ISSN 2318-3640
1. Extensão. 2. Universidade. 3. Revista.
I. Título

REVISTA DE EXTENSÃO DA UNIVASF

Av. José de Sá Maniçoba, s/n.
Centro
Petrolina – PE
CEP 56304-205

Gabinete da Pró-Reitoria: (87) 2101-6768
www.extramuros.univasf.edu.br
extramuros@univasf.edu.br
Página no Facebook:
<https://www.facebook.com/pages/Extramuros-Revista-de-Extensao-da-Univasf/266802323525796>

SUMÁRIO

EDITORIAL	7
<i>Prof. Dr. Fulvio Torres Flores</i>	
RELATOS	
Ações extensionistas voltadas ao cuidado de quem cuida frente ao Processo de Morte e Morrer	10
<i>Tiago Luan Labres de Freitas, Eleine Maestri, Denise Consuelo Moser e Pamela Karin Lazzaroto</i>	
Organiza-Ação: uma experiência de parceria entre ensino e serviço de atenção primária à saúde na conscientização do uso racional de medicamentos	18
<i>Pâmela Souza Silva, Érika Andrade Silva, Cláudia Moura Netto e Soraida Sozzi Miguel</i>	
Produção de saneantes: fonte alternativa de renda	25
<i>Flaviana Tavares Vieira e Samira Ramos dos Santos</i>	
Projeto Alimentos & Saúde – horta escolar e educação alimentar na Escola Estadual Dr. Napoleão Sales – Alfenas/MG	33
<i>Helenice Aparecida de Carvalho e Hêber Sebastião de Carvalho</i>	
Português para uruguaios fronteiriços: um relato de experiência	41
<i>Maria do Socorro de Almeida Farias-Marques e Vanessa David Acosta</i>	
A obra literária no caminho do cinema: extensão universitária com docentes da rede pública de ensino do Paraná	51
<i>Maria Fatima Menegazzo Nicodem e Teresa Kazuko Teruya</i>	
ARTIGOS	
Percepção e educação ambiental para a conservação dos recursos hídricos e da biodiversidade de um ecossistema aquático	60
<i>Hoelison Vidal da Silva e Maíra Figueiredo Goulart</i>	
Educação alimentar e nutricional em uma feira livre em Petrolina - Pernambuco	70
<i>Andressa Rodrigues Ramos Reis, Marianne Louise Marinho Mendes e Cristhiane Maria Bazílio de Omena Messias</i>	
Promoção da saúde bucal dos usuários do serviço de hemodiálise das clínicas do Instituto de Terapia Renal da Associação Evangélica Beneficente de Minas Gerais (AEBMG)	81
<i>Maria Elisa Souza e Silva, Ana Cristina de Oliveira Borges, Bruna Mara Ruas e Guilherme Soares de Resende, Sylvia Cury Coste e Lia Silva de Castilho.</i>	

Realidade prisional feminina: problemas enfrentados pelas detentas e possibilidades de reinserção social	100
<i>Eloína Ariana Ribeiro Damasceno Silva, Maria Iracema de Sousa Araújo, Thalita Silva de Castro, Yramaiane Tomaz da Silva e Júnnia Maria Moreira</i>	
Gestão de carreiras: inovação e indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão	114
<i>Murilo Campos Rocha Lima, Ravena Moura Rocha Cardoso dos Santos e Alvany Maria dos Santos Santiago</i>	
ENTREVISTA	
Experiências extensionistas do além-mar: entrevista com o professor Filipe Vaz	135
Gisele Giandoni Wolkoff	
ILUSTRAÇÕES DA REVISTA	142
DADOS TÉCNICOS	143

Prof. Dr. Fulvio Torres Flores¹ Editor Responsável

Com prazer entregamos ao público o terceiro número da **Extramuros – Revista de Extensão da UNIVASF!** Esta edição contou com a colaboração de Zé de Rocha (José Raimundo Magalhães Rocha)², artista plástico e professor do curso de Artes Visuais da UNIVASF, cujos belos e delicados desenhos vêm ilustrar a capa e as seções internas da revista.

fulvio.flores@univasf.edu.br

² Página eletrônica: zederocha.blogspot.com.br

zederocha@gmail.com

Nesta trajetória de um ano desde o lançamento do primeiro número em julho de 2013, a revista já teve mais de 12 mil acessos/downloads de seus 30 textos publicados. Para muito além do número estão a avidez e o desejo do público pela leitura de textos que tratem de experiências extensionistas universitárias.

Essa constante busca por conhecer novas experiências na área de extensão pôde ser constatada no 6o. Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, realizado na Universidade Federal do Pará, em Belém, no período de 19 a 22 de maio de 2014, no qual o Editor Responsável apresentou a comunicação “A extensão em revista: a Extramuros, suas conquistas e seus desafios” para uma plateia entusiasmada com este novo periódico científico.

Nesta edição, além das seções **Relatos** de experiência e **Artigos**, inauguramos uma nova seção intitulada **Entrevista**, apresentando texto em que a Profa. Dra. Gisele Giandoni Wolkoff (docente da UTFPR e membro do Conselho Editorial da Extramuros) entrevista o Prof. Dr. Filipe Vaz, Pró-Reitor da Universidade do Minho, em Portugal.

Abrindo a seção **Relatos**, Tiago Luan Labres de Freitas, Eleine Maestri, Denise Consuelo Moser e Pamela Karin Lazzaroto descrevem e analisam, em *Ações extensionistas voltadas ao cuidado de quem cuida frente ao Processo de Morte e Morrer*, as atividades desenvolvidas e direcionadas para os cuidadores, profissionais que com frequência vivenciam a morte em sua vida profissional.

Organiza-Ação: uma experiência de parceria entre ensino e serviço de atenção primária à saúde na conscientização do uso racional de medicamentos, de Pâmela Souza Silva, Érika Andrade Silva, Cláudia Moura Netto e Soraida Sozzi Miguel, trata de uma atividade realizada por equipe na qual se detectou a dificuldade de adesão às terapias medicamentosas, o que gerou a proposta de criação de uma bolsa organizadora.

Em *Produção de saneantes: fonte alternativa de renda*, de Flaviana Tavares Vieira e Samira Ramos dos Santos, tomamos contato com um projeto de extensão que contribuiu para a elaboração e a produção de saneantes, e no qual o saber científico esteve comprometido com a questão ambiental, a fim de oferecer uma alternativa de fonte de renda para uma comunidade carente do interior de Minas Gerais.

Projeto Alimentos & Saúde – horta escolar e educação alimentar na Escola Estadual Dr. Napoleão Sales – Alfenas/MG, de Helenice Aparecida de Carvalho e Hêber Sebastião de Carvalho, relata atividades de alunos dos cursos de Farmácia e Nutrição

com discentes de uma escola de ensino fundamental na implantação de uma horta escolar cuja produção serviu para consumo dos próprios discentes e, conseqüentemente, à melhoria da qualidade nutricional da merenda.

Português para uruguaiois fronteiriços: um relato de experiência, de Maria do Socorro de Almeida Farias-Marques e Vanessa David Acosta, descreve e analisa a experiência do contato de alunos brasileiros com uruguaiois na consolidação de conhecimentos específicos da língua e também de saberes profissionais sobre a docência.

Em *A obra literária no caminho do cinema: extensão universitária com docentes da rede pública de ensino do Paraná*, de Maria Fatima Menegazzo Nicodem e Teresa Kazuko Teruya, aprendemos sobre o envolvimento e a contribuição para a discussão sobre a cinematografia literária com base nos estudos culturais.

Abrindo a seção **Artigos**, Hoelison Vidal da Silva e Maíra Figueiredo Goulart relatam, em *Percepção e educação ambiental para a conservação dos recursos hídricos e da biodiversidade de um ecossistema aquático*, a realização de atividades de educação ambiental com alunos do ensino médio a fim de conhecerem a biodiversidade e a percepção ambiental do Rio Preto.

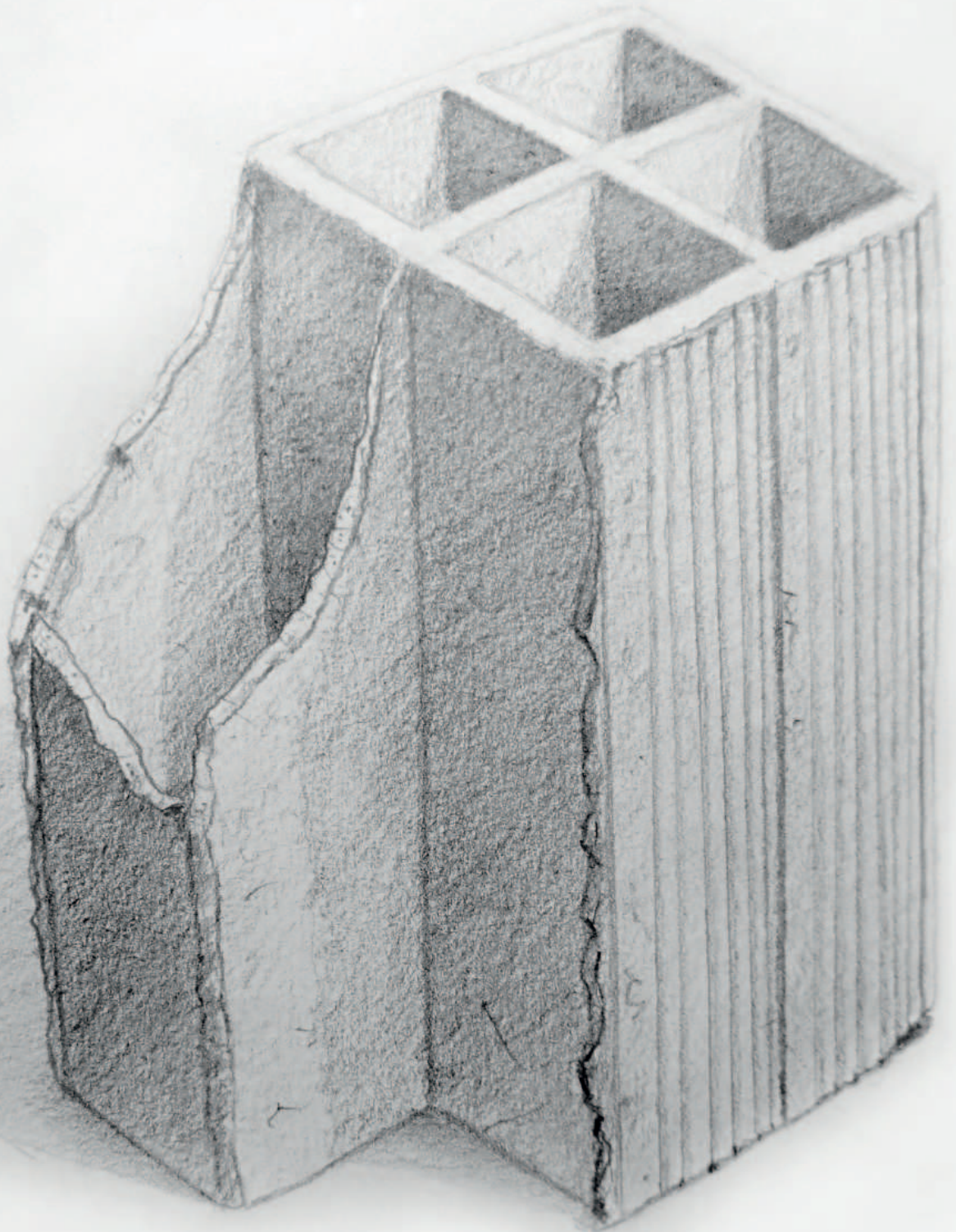
Educação alimentar e nutricional em uma feira livre em Petrolina - Pernambuco, de Andressa Rodrigues Ramos Reis, Marianne Louise Marinho Mendes e Cristhiane Maria Bazílio de Omena Messias, apresenta projeto que procurou informar a população sobre alimentos comercializados em feiras livres, tanto de forma direta quanto por meio de material educativo.

Promoção da saúde bucal dos usuários do serviço de hemodiálise das clínicas do Instituto de Terapia Renal da Associação Evangélica Beneficente de Minas Gerais (AEBMG), de Maria Elisa Souza e Silva, Ana Cristina de Oliveira Borges, Bruna Mara Ruas, Guilherme Soares de Resende, Sylvia Cury Coste e Lia Silva de Castilho, descreve as atividades que realizaram centenas de exames intrabucais permitindo o correto encaminhamento dos pacientes a serviços de saúde especializados.

A investigação sobre os problemas enfrentados por população carcerária é o foco de *Realidade prisional feminina: problemas enfrentados pelas detentas e possibilidades de reinserção social*, de Eloína Ariana Ribeiro Damasceno Silva, Maria Iracema de Sousa Araújo, Thalita Silva de Castro, Yramaiane Tomaz da Silva e Júnnya Maria Moreira. O projeto contou com atividades interativas e apresentação de vídeos, além da escuta dos relatos das detentas.

Em *Gestão de carreiras: inovação e indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão*, Murilo Campos Rocha Lima, Ravena Moura Rocha Cardoso dos Santos e Alvany Maria dos Santos Santiago expõem a contribuição realizada para o desenvolvimento de carreiras e competências para futuros gestores.

Desejamos às leitoras e aos leitores da *Extramuros* uma boa leitura dos textos desta edição e práticas extensionistas cada vez mais intensas!



Relatos

Ações extensionistas voltadas ao cuidado de quem cuida frente ao Processo de Morte e Morrer

Tiago Luan Labres de Freitas¹
Eleine Maestri²
Denise Consuelo Moser²
Pamela Karin Lazzaroto¹

¹ Acadêmicos da 8^a. fase do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Fronteira Sul, bolsistas do projeto.
E-mails: tiago-labres@hotmail.com; pame_lazzaroto@hotmail.com.

² Enfermeiras doutorandas pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Enfermagem. Professoras Assistente da Universidade Federal da Fronteira Sul. Coordenadora e colaboradora dos projetos.
E-mails: eleine.maestri@uffs.edu.br; denise.moser@uffs.edu.br.

RESUMO

Trata-se de um relato de extensão que teve como objetivo acolher uma necessidade sentida e identificada durante ações de extensão realizadas em um hospital público no ano de 2012. Desenvolveu atividades direcionadas ao cuidador que constantemente vivencia a morte em seu cotidiano profissional. A realização das atividades se deu por embasamento no Círculo de Cultura de Paulo Freire, como método para o compartilhamento das vivências dos trabalhadores, juntamente com a aproximação científica referente ao assunto, trazido por acadêmicos e professores do curso de enfermagem da Universidade Federal da Fronteira Sul. As experiências encontradas nas bibliografias mostram o quanto as equipes de saúde estão desestruturadas, e tendem a agir apenas tecnicamente durante o processo de morrer, tornando este deficiente em alguns aspectos e frustrando os profissionais de saúde, desqualificando a assistência prestada.

Palavras-chave: Cuidado; Cuidador; Enfermagem; Educação Permanente.

Extension actions to care for the carers opposite of Death and Dying Process

ABSTRACT

This is a report of an extension aimed to host a felt and identified during extension actions developed in a public hospital in 2012 to develop activities directed at the caregiver who constantly experiences death in their everyday professional needs. The realization of the activities took place in the basement for Culture Circle of Paulo Freire as a method for sharing the experiences of workers, together with the scientific approach concerning the matter, brought by scholars and professors of nursing at the Federal University of South Border. Experiments show how the health team is unstructured and tends to act only technically during the process of death and dying, making this deficient in some aspects and frustrating health professionals, disqualifying the assistance provided.

Keywords: Watch; Caregiver; Nursing; Continuing Education.

INTRODUÇÃO

O ato de cuidar ou o cuidado é uma atitude de preocupação, ocupação, responsabilidade e envolvimento afetivo com o ser cuidado, que abrange mais do que momentos de atenção, pois o processo de cuidar não deve se pautar somente na identificação dos sinais e sintomas clínicos da doença, mas, também, nas modificações que ocorrem na estrutura dos seres humanos, nos quais abalam a sua totalidade (DAMAS, MUNARI e SIQUEIRA, 2004). Com isso, o cuidado ao cuidador é uma necessidade do profissional, pois através disto os trabalhadores poderão ser mais eficazes na nobre tarefa de cuidar, se for disposto a promover o bem estar do outro sem esquecermos estes cuidadores.

Essa tarefa árdua exige estrutura e organização institucional, que motive a prática assistencial qualificada, mas a tarefa de acompanhar alguém que vivencia o Processo de Morrer poder gerar sentimentos negativos, alterando a dinâmica profissional, comprometendo, assim, a integridade psicoemocional e biológica do cuidador, e conseqüentemente, desqualificando o cuidado (HENRIQUES, BARROS e MORAIS, 2012). Desse modo, compreende-se que se o cuidador for capaz de cuidar de si e tiver uma melhor condição de vida, terá uma melhor estabilidade para cuidar do outro e ajudar as pessoas, praticando, assim, o autoconhecimento, o autocuidado e a autocura.

As experiências em instituições hospitalares mostram o quanto a equipe de saúde está desestruturada e tende a agir apenas tecnicamente durante o processo de morrer. Em consonância, nos cursos de graduação trabalhados anteriormente, o tema morte e morrer era abordado dentro de algumas disciplinas com carga horária pequena e a abordagem prática ficava a cargo do professor supervisor de campo, com vagas discussões no coletivo. Nesse processo de cuidar e ser cuidado, a atenção prioritariamente está focada no paciente e sua família, deixando esquecidas as necessidades do cuidador. Contudo, o cuidado ao cuidador é essencial para proporcionar um cuidado efetivo, haja vista que, quando o cuidador se sente bem espiritualmente, fisicamente e mentalmente, a sua qualidade de vida, tanto profissional como pessoal, é otimizada (HENRIQUES, BARROS e MORAIS, 2012).

Para o cuidador, com destaque para o profissional de enfermagem, prestar uma assistência digna e com respeito aos seus pacientes, sem esquecer sua singularidade e o cuidado a si mesmo, é necessário, para que ele se perceba como ser sensível às diversas mudanças, devendo ser solidário e respeitando o próximo para além da assistência técnica, bem como reconhecendo seus próprios limites. O trabalhador deve se identificar como ser estético, na busca pelo belo na sua relação dialógica com o paciente e sua família; como ser de possibilidades, já que está inserido no contexto hospitalar, onde frequentemente o processo de morrer está presente (VARGAS, 2010).

Assim, o cuidador deve estar disponível a ajudar e ser ajudado, e ainda como ser de crenças e valores, enfatizando o respeito diante das diversas culturas, tanto dos pacientes quanto dos profissionais. Porém, com as inúmeras atribuições realizadas pelos enfermeiros, somam-se as expectativas de liderança, humanização da assistência, competência, motivação e desenvolvimento de relações terapêuticas (MOSER et al, 2013). Com isso, faz-se refletir sobre a importância dada ao aprendizado do cuidado com o profissional que cuida (VARGAS, 2010).

OBJETIVOS

O objetivo deste estudo foi relatar o desenvolvimento de ações educativas para o cuidado do cuidador que vivencia o processo de morrer no cotidiano do seu trabalho, propiciando troca de experiências e percepções entre cuidador e acadêmicos de enfermagem sobre o cuidado com o cuidador em saúde. A identificação de fragilidades e potencialidades destes cuidadores em relação ao cuidado de si na vivência do processo de morrer foi de extrema importância para poder traçar um planejamento das atividades, e assim, poder promover a qualidade emocional do cuidador, articulando os potenciais humanos, culturais e científicos para a construção de um ambiente de trabalho saudável para os cuidadores.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência referente a práticas educativas em saúde (projeto de Extensão Universitária) desenvolvidas no período de março a dezembro de 2013, por acadêmicos e professores do curso de enfermagem da Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Chapecó, com 10 trabalhadores de um hospital público localizado no oeste catarinense. Considerando que a vivência do processo de morrer perpassa todos os setores, direta ou indiretamente, e que a instituição havia sinalizado necessidade de integração entre os trabalhadores, a participação foi de caráter voluntário aos profissionais que se interessavam na temática. Assim, o grupo foi composto por enfermeiros (1), técnicos de enfermagem (7), auxiliares administrativos/recepcionistas (1) e assistente social (1).

Para o desenvolvimento do projeto, foram propostas e executadas oito oficinas, fundamentadas na metodologia do Círculo de Cultura de Paulo Freire (1982), que ocorreram em horário de trabalho, com duração média de 60 minutos. A característica do círculo é a constituição de um grupo de pessoas com interesse comum, que se reúnem periodicamente para refletirem sobre temas geradores em suas realidades e situações de vida assim, o Círculo de Cultura se encaixa perfeitamente para a aplicabilidade desta atividade de extensão. As construções coletivas refletem percepções da realidade e geram como resultados a elaboração de estratégias concretas de intervenção (LINHARES, 2013).

As oficinas foram desenvolvidas seguindo os pressupostos do método do Círculo de Cultura de Paulo Freire (2000). A execução prática foi dividida em cinco fases de elaboração, adaptadas para a temática:

- 1ª fase: conhecer o universo vocabular do grupo a ser trabalhado. Deste modo, conhece-se a equipe, mantendo um vínculo. Para propiciar a troca de experiências e percepções entre cuidadores e acadêmicos de enfermagem sobre o cuidado com o cuidador em saúde, foi proposto inicialmente a dinâmica “tempestade cerebral”, que consiste na participação individualizada dos integrantes, tendo como objetivo coletar sugestões acerca da problemática, de forma oral e escrita (ALVES; ANASTASIOU, 2004).
- 2ª fase: escolha de algumas das palavras selecionadas do universo vocabular a partir de três critérios:

- a) da riqueza do tema;
- b) da dificuldade de compreensão e execução numa sequência gradativa dessas dificuldades;
- c) do teor pragmático, ou seja, na pluralidade de engajamento da palavra em uma dada realidade social, cultural e política.

- 3ª fase: criação de situações existenciais advindas do grupo de cuidadores, chamadas de situação-problema, que irá desafiar o grupo para uma intervenção. Neste ponto é proposto ao grupo identificar as fragilidades e potencialidades dos cuidadores em relação ao cuidado de si na vivência do processo de morrer.

- 4ª fase: criação de fichas-roteiro norteadoras, auxiliando o coordenador durante o debate no grupo sobre as fragilidades e potencialidades para a vivência do processo de morrer. Assim, visando promover a qualidade emocional dos cuidadores, articulando potenciais humanos, culturais e científicos para a construção de um ambiente de trabalho saudável para os cuidadores serão expostos conhecimentos partindo da realidade, e com profundidade e embasamento teórico as discussões serão conduzidas.

- 5ª fase: nesta fase, os participantes reveem seus conhecimentos e propõem novas ações de cuidado para serem implementadas no cotidiano e transformarem sua prática.

No círculo de cultura, Freire aprofunda a questão afirmando que o medo da liberdade, impresso nos oprimidos ao longo de sua vida, os leva a assumir mecanismos de defesa e, “através de racionalizações, escondem o fundamental, enfatizam o acidental e negam a realidade concreta” (FREIRE, 1982, p. 6). Sendo assim, a realidade dos serviços de saúde exemplifica a base de Freire.

O ponto de partida freireano inicia pela busca, pela investigação acerca do tema gerador: situações existenciais, concretas, que se encontram “codificadas” pela realidade, para então chegar à “descodificação”: “análise e conseqüente reconstituição da situação vivida: reflexo, reflexão e abertura de possibilidades concretas de ultrapassagem” (FREIRE, 1982, p. 6). Ou, ainda, uma proposta de reflexão que parte abstratamente até o concreto, uma ida das partes ao todo, sem esquecer de uma volta destes às partes. Tal processo levará o reconhecimento do sujeito no objeto, ou seja, fará com que o homem perceba a sua situação existencial concreta e a sua historicidade. O universo que antes era fechado agora vai se abrindo a uma nova realidade (LINHARES, 2013).

DISCUSSÕES

O referido hospital convive com as mesmas peculiaridades de tantas outras instituições no processo de morrer. Assim, o Programa de Educação Permanente em Saúde, através do projeto “Compartilhando Experiências do processo de Morte e Morrer” no ano de 2012, desenvolveu uma prática educativa com troca de experiências e percepções entre trabalhadores e acadêmicos de enfermagem, identificando as fragilidades e potencialidades para a vivência do processo de morrer; bem como elencou com os participantes estratégias para potencializar a vivência do processo Morrer.

De forma marcante, os trabalhadores participantes do primeiro projeto (2012) requisitaram insistentemente uma atividade direcionada especificamente para o cuidado do cuidador que vivencia o processo de Morrer. Neste sentido, elencaram-se como cuidadores todos os funcionários da instituição que direta e/ou indiretamente acompanham o processo de morrer, de forma que o desenvolvimento do projeto direcionasse para a construção de conhecimentos, bem como para ações efetivas de cuidado ao cuidador durante a vivência do processo de morte e morrer dos pacientes.

O projeto “Cuidado com o cuidador no contexto do Processo de Morte e Morrer” foi ofertado na modalidade de curso para os trabalhadores/cuidadores deste hospital, desenvolvido por acadêmicos do Curso de Enfermagem da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. O curso em si foi organizado em um grupo de 10 cuidadores, com o intuito de propiciar a imersão e participação ativa nas atividades propostas. O curso foi desenvolvido como “oficina”, a qual consiste em uma reunião de um pequeno grupo com os mesmos interesses, a fim de estudar e trabalhar o conhecimento e/ou aprofundamento de uma tema, seguindo o preconizado nas 5 fases propostas pelo projeto (ALVES; ANASTASIOU, 2004).

RESULTADOS

Os trabalhadores/cuidadores necessitavam de um preparo na forma da compreensão da morte, sendo algo inerente a todos os seres vivos. Tal forma instigou-se o entendimento de que a mesma não tem hora e nem local para ocorrer e no papel de cuidador, tudo que está a seu alcance com certeza será feito.

Essa ação foi de suma importância para quebrar paradigmas que geram impotência e sentimentos negativos de culpa por ter deixado a morte ocorrer, mesmo que em seu consciente sabiam que o seu paciente evoluiria a óbito, caracterizando assim fragilidades encontradas: sentimentos de impotência, desvalorização por si próprio e consciência pesada, sendo esses de iniciativa inconsciente, mas que muito atrapalham o cuidado.

O intuito de conscientizar e modelar esse pensamento foram a caráter de qualificar o trabalho, de forma que o cuidador se sentisse seguro e com a ideia em mente que ele fez o que estava ao seu alcance, ou seja, o possível. Ao mesmo tempo, podem-se identificar as potencialidades que os mesmos tinham, como o trabalho em grupo, respeito com o próximo e o senso de que todos necessitam de cuidados voltados ao seu lado espiritual.

Para isso, o método freireano se encaixou de forma natural e efetiva, pois o compartilhamento dos anseios e experiências vivenciadas serviu como meio integrador entre o grupo, no intuir de os integrantes sentirem que todos os cuidadores compartilham dos mesmos sentimentos quando se trata da morte. A integração entre os mesmos perante o contexto permitiu sentirem-se mais confortáveis em exaurir sua vivência.

Para subsidiar as discussões, acadêmicos e professores do curso de enfermagem compartilhavam concepções científicas referentes à vivência, com a finalidade de tornar as discussões mais embasadas e consistentes.

Foram trabalhados os pontos: Espiritualidade na morte; A questão da família neste momento; e Saúde mental do trabalhador ao longo dos encontros. Esses temas norteadores foram considerados relevantes para o desenvolvimento emocional do grupo como um todo, no intuito de desvelar a morte como algo inerente a todo o ser humano, e ao mesmo tempo, construir uma mentalidade mais fortificada referente a esse processo, bem como instigar a presença constante do espírito humanizado e holístico no cuidado (MOSEER et al., 2013).

CONCLUSÃO

Para que a humanização do cuidado seja possível, é necessário que o profissional de saúde saiba como ter esta noção de equilíbrio (cuidar e ser cuidado) e que o mesmo seja instruído durante a graduação, possuindo a oportunidade de aprender e desenvolver habilidades que contribuam para a sua autopercepção e autoconscientização, conhecendo assim os seus limites, já que são estes que futuramente estarão diante dos pacientes que necessitam dos seus cuidados.

A formação de um profissional mais seguro e consciente reflete no desenvolvimento de uma assistência diferenciada ao cliente, e com isso, o crescimento profissional e pessoal. O déficit na formação dos profissionais está relacionado com o despreparo dos docentes, que se sentem fragilizados neste momento, focando a atenção para outros aspectos, sem fazer um fechamento reflexivo sobre esta experiência. De modo geral, os professores tiveram as mesmas dificuldades quando alunos, e sentimentos de insegurança. A negação do próprio sentimento pode levar à impessoalidade e um olhar voltado para a técnica.

Os estudos que abordam o tema sugerem que os profissionais realizem ações simples, como estar ao lado, oferecer abertura para chorarem, falarem ou gritarem, ficar em silêncio, estender a mão. No entanto, a subjetividade nesta relação precisa de espaço para reflexão e exercício no dia-a-dia. A inclusão da temática na grade curricular, troca de experiências entre docentes e acadêmicos, espaços para a compreensão do fenômeno que desenvolva habilidades cognitivas, emocionais e atitudinais diante à morte, sensibilização dos profissionais e oportunidades para expressarem seus sentimentos devem acontecer, para que se tenha um melhor direcionamento do cuidado e proteção ao cuidador.

A experiência evidencia fortemente as necessidades de ações para preencherem lacunas na vida de profissionais e acadêmicos de cursos da saúde frente ao tema Morte e Morrer. No entanto, são escassas as produções que relatam propostas efetivadas neste âmbito. Com base nisto, é fato, que há um vazio a ser completado, direcionado não só com o preparo, mas também com o cuidador no processo de morrer. O trabalho em saúde, e especialmente nos hospitais, expõe os trabalhadores a situações emocionalmente conflitantes.

Desse modo, é uma necessidade do profissional que cuida ser amparado em suas necessidades. É fato que serão cuidadores mais eficazes na nobre tarefa de cuidar durante o processo de morrer se a promoção da saúde e o bem-estar próprio for valorizado. Consideramos de extrema importância as discussões sobre a vivência do processo

de morrer, envolvendo a subjetividade do cuidado, das relações, e oportunizando espaço para um olhar ao cuidado.

REFERÊNCIAS

ALVES, L. P.; ANASTASIOU, L. das G. C. **Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula.** 3 ed. Joinville, 2004.

BERNIERI, J.; HIRDES, A. O preparo dos acadêmicos de enfermagem brasileiros para vivenciarem o processo de morte-morrer. **Texto Contexto Enferm.**, Florianópolis, v. 16, n. 1, 2007.

BRÊTAS, J. R. S.; OLIVEIRA, J. R.; YAMAGUTI, L. Reflexões de estudantes de enfermagem sobre morte e o morrer. **Rev. Esc. Enferm. USP.** São Paulo, v. 40 n. 4, p. 477-83, 2006.

CARPENA, B.A.L. Morte versus sentimentos: uma realidade no mundo dos acadêmicos de medicina. **Rev. Gaúcha Enferm.** Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 100-22, 2006.

DAMAS, K. C. A.; MUNARI, D. B.; SIQUEIRA, K. M. Cuidando do cuidador: reflexões sobre o aprendizado dessa habilidade. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, São Paulo, v. 6, n. 02, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

HENRIQUES, A. H. B; BARROS, R. E; MORAIS, G. S. N. Cuidado ao cuidador na busca de um cuidado humanizado em saúde: um resgate bibliográfico. In: **13º Congresso brasileiro dos conselhos de enfermagem**, Natal, v. 1, p. 1-12, 2012.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar aos médicos, enfermeiros, religiosos e aos próprios parentes.** 7. ed. São Paulo: Martins Fontes; 1996.

LINHARES, L. L, **Paulo Freire: por uma educação libertadora e humanista.** Disponível em: <http://www.geledes.org.br/component/rsfiles/view?path=Paulo_Freire/Paulo_Freire_por_uma_educacao_libertadora_e_humanista.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2013.

MOSER, D. et. al. Ressignificar o cuidado hospitalar na perspectiva da humanização: desvelando uma experiência vivenciada, **Extramuros**, Petrolina, v. 1, n. 2, p. 46-52, 2013.

VALSECCHI, E. A. S. S.; NOGUEIRA, M. S. Fundamentos de enfermagem: incidentes críticos relacionados à prestação de assistência em estágio supervisionado. **Rev. Lat. Am. Enferm.** São Paulo, v. 10, n. 6, p. 819-24, 2002.

VARGAS, D. Morte e morrer: sentimentos e condutas de estudantes de enfermagem. **Acta Paul Enferm**, São Paulo v. 23, n. 3, p. 404-10, 2010.

COMO CITAR ESTE RELATO:

FREITAS, Tiago Luan Labres de; MAESTRI, Eleine; MOSER, Denise Consuelo; LAZZAROTO, Pamela Karin. Ações extensionistas voltadas ao cuidado de quem cuida frente ao Processo de Morte e Morrer. *Extramuros*, Petrolina-PE, v. 2, n. 1, p. 10-17, jan./jun. 2014. Disponível em: <informar endereço da página eletrônica consultada>. Acesso em: informar a data do acesso.

Recebido em: 4 abr. 2014.

Aceito em: 25 jun. 2014.

Organiza-Ação: uma experiência de parceria entre ensino e serviço de atenção primária à saúde na conscientização do uso racional de medicamentos

Pâmela Souza Silva¹
Érika Andrade Silva²
Cláudia Moura Netto³
Soraida Sozzi Miguel⁴

¹ Docente da UFJF/Campus Governador Valadares. Departamento de Farmácia. E-mail: pamela.souza@ufjf.edu.br.

² Docente da UFV – Departamento de Medicina e Enfermagem. E-mail: erikandradesilva@gmail.com.

³ Docente da SUPREMA/Juiz de Fora. E-mail: claudiagnetto@yahoo.com.br.

⁴ Docente da SUPREMA/Juiz de Fora. E-mail: soraida@suprema.edu.br.

Agradecemos aos profissionais e alunos envolvidos no projeto, à Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde de Juiz de Fora – SUPREMA.

RESUMO

A orientação farmacêutica ao idoso é essencial para garantir o uso seguro do medicamento. Nesse sentido, o objetivo do presente trabalho de extensão foi contribuir para o uso racional dos medicamentos pelos idosos atendidos em uma Unidade de Atenção Primária à Saúde (UAPS) de Juiz de Fora, MG. A atividade foi realizada por uma equipe multidisciplinar de profissionais e estudantes. Inicialmente, essa equipe realizou visitas domiciliares semanais, nas quais foi detectada a dificuldade de adesão às terapias medicamentosas. A partir de então, surgiu a proposta de criação de uma bolsa organizadora. A distribuição desse dispositivo foi realizada na UAPS, marcada com uma ação educativa nomeada de “Organiza-Ação”. Nesse momento, os usuários receberam explicação sobre armazenamento, organização e posologia dos medicamentos em uso, bem como sobre os riscos à saúde decorrentes da automedicação.

Palavras-chave: Medicamento; Atenção Farmacêutica; Atenção Primária à Saúde.

Organize-Action: an experience of partnership between education and primary health care service in the awareness of rational use of the drugs

ABSTRACT

The pharmaceutical advice to elderly people is essential to guarantee the safe use of medicine. Thus, the objective of this extension work was to contribute to the rational use of medicine by the elderly who have been watched by a Unit of Primary Health Care in Juiz de Fora, MG. The activity has been executed not only by a multidisciplinary group of professionals and students. Initially, this group made weekly visits to people's homes, in which it was identified the difficulty of adherence to the medicinal therapies. At this part, the purpose of creating an organizer bag was released. The distribution of such a device has been accomplished at Unit, which has been remarkable due to an educational action called “Organize-Action”. At the moment, the users were explained how to keep, organize and dose the medicine in use, as well as about the risks to health come from self-medication.

Keywords: Drug; Pharmaceutical Care; Primary Health Care.

INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional é hoje um fenômeno universal, característico tanto dos países desenvolvidos como, de modo crescente, dos países em desenvolvimento (NOVAES; HOLSBACK; BUENO, 2010). No Brasil, as projeções populacionais recentemente divulgadas indicam que o número de idosos irá quadruplicar até 2060, sendo que o número de brasileiros acima de 65 anos deve aumentar de 7,4% (14,9 milhões) para 26,7% (58,4 milhões) (BRASIL, 2013).

O aumento da população nessa faixa etária favorece o aparecimento de inúmeras causas de fragilidade ou risco para tais, com destaque para a presença de doenças crônicas e degenerativas, internação hospitalar nos últimos 12 meses, uso concomitante de muitos medicamentos e aumento das reações adversas a esses (FLORES; MENGUE, 2005; NOVAES; OLIVEIRA, 2010).

A prevalência do uso de medicamentos está relacionada à idade do indivíduo, sendo que a chance de usá-los aumenta desde a quarta década de vida (BARDEL; WALLANDE; SVÄRDSUDD, 2000). Entre os idosos, o número médio de medicamentos usados ao mesmo tempo está entre dois e cinco e, tende a aumentar, quando são considerados os medicamentos de venda livre (ROZENFELD, 2003). Estudos nacionais corroboram tais valores, como aquele realizado na região Sul, onde foi evidenciado o uso de 3,2 medicamentos por idoso (FLORES; MENGUE, 2005) e uma média superior de 3,6 medicamentos por residente de Goiânia (SANTOS et al., 2013).

Nesse cenário da polifarmácia, a orientação farmacêutica ao idoso é fundamental para garantir o uso seguro do medicamento e o cumprimento dos esquemas terapêuticos. Tal estratégia reduz práticas inadequadas frequentes nessa faixa etária que poderiam comprometer o tratamento, como omitir doses prescritas de determinados medicamentos ou, por outro lado, autoadministrar doses adicionais (REIS, 2010). Essas práticas incorretas constituem-se em uma importante forma de não adesão ao tratamento à medida em que podem favorecer a redução do benefício clínico (pela falta do medicamento) ou aumento dos efeitos adversos (pelo excesso de ingestão).

A adesão ao tratamento entre pacientes que sofrem de doenças crônicas, prevalentes na população idosa, é de apenas 50% nos países desenvolvidos, e supõe-se que a magnitude e o impacto da baixa adesão sejam ainda mais preocupantes nos países em desenvolvimento (OMS, 2003). O agravamento das doenças e o aumento de comorbidades são, em parte, consequências dessa baixa adesão, fatos que aumentam de forma significativa os gastos com os serviços de saúde (ALMEIDA et al., 2010). Um interessante exemplo desse aumento foi observado em um estudo realizado com pacientes idosos portadores de asma em grau moderado a severo, em que a baixa adesão ao tratamento com corticoides foi associada a um aumento de 5% nas consultas médicas anuais, enquanto a melhor adesão correspondeu a uma redução anual de 20% nas internações hospitalares (BALKRISHNAN; CHRISTENSEN, 2000).

Nesse sentido, a adesão farmacológica pela população idosa torna-se um importante desafio da saúde pública contemporânea. Assim, a presente proposta teve por objetivo contribuir para o uso racional dos medicamentos através da ampliação do conhecimento dos idosos sobre a utilização correta dos medicamentos em uso, bem

como o auxiliar na organização desses a fim de facilitar a identificação certa e o período do dia apropriado do mesmo.

RELATO DAS ATIVIDADES

A atividade de extensão foi realizada em uma Unidade de Atenção Primária à Saúde (UAPS), localizada na região sudeste do município de Juiz de Fora, entre os meses de fevereiro e junho de 2013. Essa unidade de saúde possui duas equipes da estratégia saúde da família, assumindo como área de abrangência 3 bairros dessa região. Estima-se que a população assistida por esta UAPS seja de, aproximadamente, 7.000 pessoas, ou 1.500 famílias.

A proposta apresentada foi desenvolvida como parte das atividades do Programa Integrador (P. I.) da Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde/Juiz de Fora – SUPREMA, que se apresenta como um dos componentes centrais da estrutura curricular dos cursos de Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Medicina e Odontologia, visando à indissociabilidade entre teoria e prática, à integração da Faculdade ao meio social local e regional, bem como à integração entre os diversos acadêmicos/futuros profissionais. Trata-se de um dos eixos básicos dos projetos pedagógicos dos cursos, articuladores do ensino, pesquisa e extensão. O P. I. foi estabelecido com os objetivos de contribuir para a formação integrada de profissionais de saúde e aprimorar o Sistema de Saúde de Juiz de Fora.

Estiveram diretamente envolvidos na atividade 28 estudantes dos cursos de graduação em Farmácia (4 alunos), Odontologia (8 alunos), Medicina (10 alunos), Fisioterapia (4 alunos) e Enfermagem (2 alunos), devidamente matriculados no 5º. período de seus respectivos cursos. Estes alunos foram organizados em dois grupos de forma multidisciplinar, sob a supervisão de duas professoras/facilitadoras, sendo elas graduadas em enfermagem e farmácia.

Inicialmente, esses grupos de alunos realizaram visitas domiciliares semanais por um período de, aproximadamente, três meses, sendo a frequência destas visitas semanal, o que totalizou um quantitativo de 10 visitas domiciliares. Durante essas visitas, os alunos se dividiram em duplas e foram acompanhados pelos Agentes Comunitários de Saúde (ACS) vinculados à UAPS, e suas respectivas facilitadoras. Foram selecionadas cerca de 20 famílias para serem acompanhadas pelos alunos no referido período, permanecendo na proposta de atividade de extensão apenas aquelas que tinham pelo menos um idoso em condição terapêutica de polimedicação. Ao final, respeitando o critério de inclusão, permaneceram 14 famílias em acompanhamento, sendo 30 usuários acompanhados.

A partir destas visitas, foi identificada a dificuldade de adesão às terapias medicamentosas, fato este relacionado a fatores das mais variadas ordens, como dificuldade em identificar a posologia dos medicamentos, aparecimento de reações adversas, impossibilidade de adquirir todos os medicamentos prescritos, falha no armazenamento e organização dos mesmos, entre outros. Com relação ao armazenamento dos medicamentos, foram observadas diversas estratégias para organização dos mesmos, como dentro de vidros, potes, caixas, sacolas e sacos de papel. Essa última estratégia de

organização dos medicamentos fez-se notar pela subdivisão nos períodos do dia a serem tomados (manhã, almoço e noite), fato que facilitou a tomada correta dos medicamentos pelo paciente.

Foi a partir desse diagnóstico situacional, que surgiu a proposta de criar uma estratégia para armazenamento e organização adequada dos medicamentos da população em foco, a fim de que os mesmos tivessem garantidos o uso correto dos medicamentos, através do auxílio na identificação dos horários e quantidades corretas das medicações.

Para o planejamento dessa proposta, foram realizadas quatro reuniões com os estudantes, professores e membros da equipe da Unidade de saúde, para a criação do plano de ação que garantisse meios para armazenamento e organização adequada dos medicamentos em uso pelos idosos.

Adicionalmente, foram planejadas ações visando fornecer informações relacionadas ao uso correto dos medicamentos, como horários, forma de uso e quantidade, além de explicações relacionadas aos perigos da automedicação.

Para facilitar a organização dos medicamentos, nossa equipe confeccionou um dispositivo organizador no formato de uma bolsa contendo repartições para a guarda dos medicamentos, identificados por símbolos que representassem o horário de tomada dos mesmos. Tal dispositivo foi confeccionado tendo por base o modelo de uma bolsa organizadora de medicamentos distribuída pela Prefeitura Municipal de Guarani, MG, diferindo-se da mesma apenas pelo acréscimo da logomarca da instituição patrocinadora na parte externa do dispositivo.

A bolsa para armazenamento e organização dos medicamentos foi elaborada apresentando as seguintes dimensões: 34 cm de comprimento e 26 cm de largura. Esta foi subdividida em três compartimentos fechados com zíper (Figura 1). Cada um dos compartimentos apresentou um desenho ilustrativo do período do dia com figuras em silk do período da manhã (sol com nuvens), próximo às refeições/tarde (prato com talheres) e à noite (lua e estrelas). O tecido utilizado foi resistente e impermeável, favorecendo a manutenção da integridade do medicamento. Adicionalmente, a bolsa apresentou um compartimento externo, também com zíper, a fim de possibilitar a guarda de documentos, receitas, cartões, etc. (Figura 2). Além disso, foi colocada na bolsa uma argola de metal, possibilitando sua fixação.



Figura 1. Vista superior da bolsa aberta, evidenciando as três repartições referentes aos períodos da manhã, almoço/tarde e noite (esquerda para a direita).



Figura 2. Vista frontal da bolsa fechada, evidenciando um compartimento externo separado com zíper.

As famílias selecionadas para recebimento das bolsas foram aquelas que apresentaram usuários polimedicados que demonstraram alguma dificuldade com relação ao uso correto do medicamento. A dificuldade dos idosos com relação à terapêutica medicamentosa é um assunto extensivamente discutido na literatura. Um trabalho realizado em uma Unidade de Saúde Programa Saúde da Família, no Paraná, apontou para o fato de que o principal motivo relacionado ao não cumprimento da prescrição da terapêutica medicamentosa está associado ao uso de várias medicações concomitantemente, observado em 33% dos 45 idosos investigados (BLANSKI; LENARDT, 2005). Além disso, 22% dos pacientes supracitados relacionaram o descumprimento da terapia medicamentosa ao fato de não saberem ler, enquanto 8,8% relataram tal dificuldade ao fato de apresentarem problemas visuais ou auditivos. Adicionalmente, uma pesquisa com 466 idosos evidenciou que apenas 37% deles foram aderentes à terapia medicamentosa prescrita, sendo maior entre aqueles que utilizavam menos de 3 medicamentos (ROCHA et al., 2008). Mais recentemente, Cruz e colaboradores (2011) também identificaram alta taxa de não adesão ao tratamento medicamentoso (maior que 88%) em idosos com transtorno bipolar, atribuído, principalmente, ao déficit de conhecimento acerca das doses e frequência dos medicamentos.

No total, foram distribuídas trinta bolsas, sendo de utilização individual, por usuário. A distribuição das bolsas organizadoras foi marcada com uma Ação Educativa, nomeada de “Organiza-Ação”. Tal ação foi realizada na própria UAPS, no período da manhã, com duração de 2 horas. Trinta dias antes do evento, os usuários receberam um convite por escrito, no qual, além do local, horário e data do evento, foi solicitado que os usuários levassem todos os medicamentos em uso com o propósito de receberem a explicação sobre o armazenamento e a organização de seus medicamentos. Essa atividade mereceu especial destaque em função de seu caráter individualizado, em que os alunos, de forma personalizada, dedicaram-se à organização da “bolsa” conforme a prescrição médica apresentada pelo usuário, orientando-os sobre armazenamento, posologia, e riscos à saúde decorrentes da automedicação.

Além da distribuição e explicação sobre as bolsas organizadoras de medicamentos, foram apresentados dois vídeos educativos intitulados “Qual é o remédio” e “Drogaria não é supermercado”, disponíveis na página da ANVISA (BRASIL, 2008), o que reforçou as informações sobre os riscos da automedicação. Adicionalmente, foram realizadas as atividades de aferição da pressão arterial e glicemia, finalizando a ação educativa com um café da manhã comunitário.

CONCLUSÃO

A necessidade de informações adequadas sobre o armazenamento e posologia dos medicamentos foi identificada entre diversos usuários de uma UAPS em Juiz de Fora, sendo sua maioria entre os pacientes idosos polimedicados. Nesse sentido, foi confeccionada uma bolsa de armazenamento e organização de medicamentos, a qual se constituiu em uma importante estratégia ao uso racional de medicamentos entre os pacientes atendidos nesse serviço de Atenção Primária à saúde. Adicionalmente, para entrega das bolsas e explicação sobre as mesmas, foi elaborada uma Ação Educativa denominada “Organiza-Ação”, que além de marcar a entrega dos dispositivos citados, promoveu o fornecimento de informações sobre os riscos da automedicação, constituindo-se em uma importante ferramenta de promoção da saúde.

Finalmente, importante destacar que a “Organiza-Ação” foi uma ação por meio da qual ficou evidente que o uso racional de medicamentos trata-se de um trabalho conjunto, multiprofissional, multidisciplinar e multissetorial em que todos são responsáveis pela promoção do uso racional dos medicamentos e pela qualidade de vida dos pacientes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, H. O. et al. O paciente idoso e a adesão a tratamentos. In: NOVAES, M. R. C. G. (Org.). **Assistência farmacêutica ao idoso – Uma Abordagem Multiprofissional**. Brasília: Thesaurus Editora, 2010. p. 207-219.

BALKRISHNAN, R.; CHRISTENSEN, D. B. Inhaled corticosteroid use and associated outcomes in elderly patients with moderate to severe chronic pulmonary disease. **Clinical Therapeutics**, v. 22, p. 452-469, 2000.

BARDEL, A.; WALLANDER, M.; SVÄRDSUDD, K. Reported current use of prescription drugs and some of its determinants among 35 to 65-year-old women in mid-Sweden: A population-based study. **Journal of Clinical Epidemiology**, v. 53, n. 6, p. 637-643, 2000.

BLANSKI, C. R. K.; LENARDT, M. H. A compreensão da terapêutica medicamentosa pelo idoso. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 26, n. 2, p. 180-188, 2005.

BRASIL. ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Educação e Promoção da Saúde**. Campanha “Informação é o melhor remédio”. 2008. Disponível em: <http://www.anvisa.gov.br/propaganda/educacao_saude/campanha_informacao.htm>. Acesso em: 07 set. 2013.

BRASIL. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Projeção da População do Brasil por sexo e idade: 2000-2060**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2013/default.shtm>. Acesso em: 05 set. 2013.

CRUZ, L. P. et al. Medication therapy: adherence, knowledge and difficulties of elderly people from bipolar disorder. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 19, n. 4, p. 944-952, 2011.

FLORES, L. M.; MENGUE, S. S. Drug use by the elderly in Southern Brazil. **Revista de Saúde Pública**, v. 39, n. 6, p. 924-929, 2005.

NOVAES, M. R. C. G; HOLSBACH, M. L.; BUENO, H. Aspectos demográficos e epidemiológicos do envelhecimento no Brasil. In: NOVAES, M. R. C. G. (Org.). **Assistência Farmacêutica ao Idoso – Uma Abordagem Multiprofissional**. Brasília: Thesaurus Editora, 2010. p. 43-56.

NOVAES, M. R. C. G; OLIVEIRA, M. Atenção farmacêutica e a promoção do uso racional de medicamentos em idosos. In: NOVAES, M. R. C. G. (Org.). **Assistência Farmacêutica ao Idoso – Uma Abordagem Multiprofissional**. Brasília: Thesaurus Editora, 2010. p. 155-165.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Adherence to long-term therapies: evidence for action**. Library Cataloguing-in-Publication Data. 2003. Disponível em: <<http://whqlibdoc.who.int/publications/2003/9241545992.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2013.

REIS, A. M. M. Automedicação por idosos. In: NOVAES, M. R. C. G. (Org.). **Assistência Farmacêutica ao Idoso – Uma Abordagem Multiprofissional**. Brasília: Thesaurus Editora, 2010. p. 193-205.

ROCHA, C. H. et al. Adesão à prescrição médica em idosos de Porto Alegre, RS. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 13, p. 703-710, 2008.

ROZENFELD, S. Prevalence, associated factors, and misuse of medication in the elderly: a review. **Caderno de Saúde Pública**, v. 19, n. 3, p. 717-724, 2003.

SANTOS, T. R. A. et al. Medicine use by the elderly in Goiania, Midwestern Brazil. **Revista de Saúde Pública**, v. 47, n.1, p. 94-103, 2013.

COMO CITAR ESTE RELATO:

SILVA, Pâmela Souza; SILVA, Érika Andrade; NETTO, Cláudia Moura; MIGUEL, Soraida Sozzi. Organiza-Ação: uma experiência de parceria entre ensino e serviço de atenção primária à saúde na conscientização do uso racional de medicamentos. **Extramuros**, Petrolina-PE, v. 2, n. 1, p. 18-24, jan./jun. 2014. Disponível em: <informar endereço da página eletrônica consultada>. Acesso em: informar a data do acesso.

Recebido em: 1 abr. 2014.

Aceito em: 26 jun. 2014.

Flaviana Tavares Vieira¹
Samira Ramos dos Santos²

Agradecemos à PROEXC/UFVJM pela bolsa de estudos concedida à acadêmica.

RESUMO

Este relato de experiência foi elaborado a partir de um projeto de extensão, cujo objetivo foi contribuir para a elaboração e a produção de saneantes pautadas pelo saber científico e comprometidas com a questão ambiental, visando oferecer uma alternativa de fonte de renda para a comunidade carente de Teófilo Otoni, com a atenção especial ao Bairro Jardim São Paulo onde o Campus Mucuri da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) se insere. Realizou-se uma busca de roteiros de saneantes, em seguida esses foram otimizados a fim de estabelecer quantitativa e qualitativamente os reagentes usados. Na sequência, foram desenvolvidos os produtos saneantes (detergentes, sabonetes, sabões líquidos, sólidos e em pasta), após isso a comunidade externa foi convidada a participar de oficinas sobre ações ambientalmente corretas com relação ao uso de óleos residuais comestíveis no fabrico de saneantes.

Palavras-chave: Saneantes; Óleo Residual; Produção.

Production of sanitizing products: alternative source of income

ABSTRACT

This experience report was drawn from an extension project, which aimed to contribute to the development and production of sanitizing guided by scientific knowledge and committed to environmental issues, aiming to provide an alternative source of income for the community in need of Teófilo Otoni, with special attention to Bairro Jardim Sao Paulo where the Campus Mucuri of the Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) is placed. We conducted a search of sanitizing scripts, then these have been optimized in order to establish quantitative and qualitative reagents used. In sequence, the cleaning products (detergents, soaps, liquid soaps, solids and slurry), after which the external community was invited to participate in workshops on environmentally friendly actions with respect to the use of waste edible oils in the manufacture of disinfectants were developed.

Keywords: Sanitizing; Residual Oil; Production.

¹ Professora de Química do Instituto de Ciência e Tecnologia da UFVJM. Leciona nos cursos de Engenharia Química e Ciência e Tecnologia. Doutora em Química Inorgânica pela UFMG. Com a colaboração de estudantes de graduação e professores da UFVJM, vem trabalhando com a popularização da ciência através de programas de programas radiofônicos. É autora da coleção *Pequenos Curiosos* (18 volumes), que tem a participação de ilustres ilustradores (crianças de 7 a 12 anos), estudantes de graduação e professores da UFVJM, na divulgação da ciência para o público infantil. Também desenvolve trabalhos de pesquisa nas áreas de química bioinorgânica e de materiais. E-mail: flaviana.tavares@ufvjm.edu.br.

² Acadêmica do curso de Bacharelado em Ciência e Tecnologia da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. E-mail: samirarsantos@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

O processo de produção de sabão artesanal era bastante conhecido em nosso meio até algumas décadas atrás. Com a migração de várias pessoas da zona rural para os grandes centros e algumas alterações no ritmo de vida moderna, este processo caiu em desuso e esquecimento. Atualmente é raro encontrar, até mesmo no meio rural, quem ainda se dedique a esta função.

As indústrias químico-farmacêuticas fabricam e comercializam atualmente toneladas de produtos para a higiene pessoal, sendo os principais produtos os sabões e os detergentes. Destes produtos derivam os sabonetes, xampus, sabões especiais para lavar louça e roupas.

Com o intuito de minimizar o impacto causado no meio ambiente pelo descarte inapropriado do óleo de cozinha utilizado, buscaram-se alternativas para reutilizá-lo. A proposta aqui apresentada visou o fabrico de saneantes de maneira artesanal usando esses óleos. É sabido que a maior parte dos resíduos alimentares é biodegradável, mas o mesmo não acontece com o resíduo de óleo de frituras, cujo descarte se torna um problema ambiental. Ao ser eliminado no ralo da pia poderá causar entupimento nos canos, além de tornar as águas onde estiver presente, impróprias até mesmo para o banho, poluindo o meio ambiente.

Esta proposta foi iniciada fazendo uma triagem de “receitas” de sabão, sabonete e detergentes na internet. Na sequência, estes “roteiros” foram reproduzidos em laboratório, cronometrando-se o tempo e certificando as quantias de reagentes e solventes utilizados. Alguns destes roteiros foram otimizados e levados, em forma de oficinas à comunidade externa ao Campus Mucuri da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM, no município de Teófilo Otoni – MG, a fim de ser uma oportunidade de compartilhar o conhecimento com pessoas interessadas.

Produção de Sabão

Os produtos mais utilizados para o fabrico de sabão comum são o hidróxido de sódio (NaOH) ou hidróxido de potássio (KOH), óleos vegetais ou gorduras animais, que, ao reagirem, realizam o processo de saponificação (Figura 1).

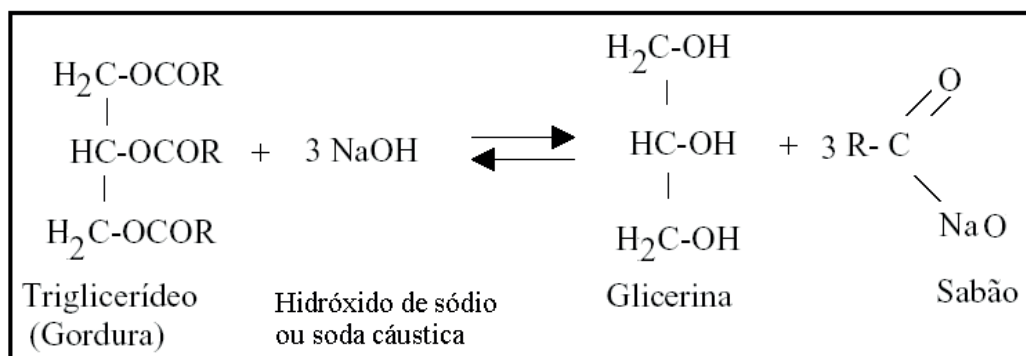


Figura 1. Reação de saponificação.

A reação de saponificação, reação geral de produção do sabão, pode utilizar matéria-prima de diversas origens. O triglicerídeo, tipo de gordura mais abundante na natureza, é usado como matéria-prima na fabricação do sabão e pode ser proveniente do sebo de origem animal, dos óleos vegetais ou da mistura de ambos.

Biodegradabilidade do Sabão

O sabão é um produto biodegradável, o que significa dizer que é uma substância que pode ser degradada pela natureza. Essa possibilidade de degradação das moléculas formadoras do sabão muitas vezes é confundida com o fato de o produto ser poluente ou não. Ser biodegradável não indica que um produto não causa danos ao ecossistema, mas sim, que o mesmo é decomposto por microorganismos (geralmente bactérias aeróbicas), aos quais serve de alimento, com facilidade e em um curto espaço de tempo.

Reutilização de Óleo Vegetal Residual

A reciclagem de agentes poluentes, como os resíduos de óleo vegetal e a transformação destes em sabão – agente biodegradável – além de evitar a contaminação do ambiente, tem por objetivo colaborar para a diminuição de gastos com material de limpeza.

Desta forma, a universidade pode contribuir decisivamente exercendo suas qualidades peculiares de orientação social com base técnica e científica. A elaboração e a produção de saneantes no Campus Mucuri em Teófilo Otoni buscou benefícios internos e externos.

Externamente, os benefícios foram associados à imagem que a universidade constrói perante a sociedade e à contribuição com o desenvolvimento de formas alternativas de renda para a população carente da região.

Internamente, os benefícios se relacionaram com a economia na aquisição de produtos de limpeza, com o meio ambiente, reutilizando resíduos de óleo vegetal já utilizado na lanchonete do campus.

Segundo Viterbo Júnior (1998) “o surgimento de uma consciência ecológica não se manifesta apenas por grupos ambientalistas, mas vem sendo incorporada por um número cada vez maior de consumidores preocupados com a qualidade de vida”, somado à disseminação da educação ambiental nas escolas e universidades, permite antever que a exigência que farão os consumidores em relação à preservação do meio ambiente deverá intensificar-se. Diante disto as organizações, incluindo aqui centros de ensino, deverão, de maneira acentuada, incorporar a variável ambiental na prospecção de seus cenários e na tomada de decisão.

Com a disseminação dos conceitos de garantia da qualidade e responsabilidade social, a gestão ambiental já é reconhecida como uma função organizacional independente, que deve fazer parte da rotina nas organizações educacionais, uma vez que é um dos principais formadores de opinião na sociedade contemporânea.

A conscientização ambiental dos dirigentes de uma organização pode provocar alterações profundas em suas prioridades estratégicas e algumas mudanças de abordagem que vão modificar as atitudes e o comportamento de todos os seus colaboradores, incluindo alunos, professores, funcionários e, principalmente, a comunidade externa que interage diretamente com a comunidade universitária.

Afirma Valle (2002) que a “educação ambiental constitui um processo ao mesmo tempo informativo e formativo dos indivíduos, tendo por objetivo a melhoria de sua qualidade de vida e a de todos os membros da comunidade a que pertence”.

OBJETIVOS

Geral

Contribuir para a elaboração e a produção de saneantes pautados pelo saber científico e comprometidos com a questão ambiental, visando oferecer uma alternativa de fonte de renda para a comunidade carente de Teófilo Otoni, com a atenção especial ao Bairro Jardim São Paulo onde o Campus Mucuri da UFVJM se insere.

Específicos

- Envolver estudantes em ações de pesquisa e extensão comunitária, desenvolvendo a responsabilidade ambiental e social;
- Fomentar a extensão e a formação científico-profissional na graduação do Bacharelado em Ciência e Tecnologia do Campus Mucuri;
- Elaborar oficinas para elaboração e produção de saneantes (detergentes, sabão e sabonetes líquidos e em barra);
- Capacitar multiplicadores criando vínculos de troca de conhecimentos.

JUSTIFICATIVA

O Bairro Jardim São Paulo é uma comunidade que apresenta diversos tipos de problemas relacionados aos aspectos ambientais, saúde pública e geração de renda, necessitando de ações que contribuam para diminuir as dificuldades que enfrentam.

Considerando que os moradores necessitam de suporte técnico e educacional para desenvolver atividades relacionadas com a proposta “*Produção de Saneantes: Fonte Alternativa de Renda*”, esta proposta visou dar subsídios técnicos para que os participantes aprendessem a produzir para uso próprio e/ou comercialização esses materiais, considerados de grande aplicabilidade na vida diária da população.

Esta proposta teve como principal motivador as precárias condições de vida da população ao entorno do Campus Mucuri, no que diz respeito à renda familiar, muitas delas estão inseridas no mercado informal. A situação na qual a população do Bairro

Jardim São Paulo vive condiz com a realidade de emprego com baixos salários, do trabalho informal e do desemprego que atinge grande parte do povo brasileiro.

METODOLOGIA

Triagem de Roteiros

Inicialmente, roteiros de sabão, sabonete e detergente foram pesquisados na comunidade em geral e em *websites*.

Otimização dos Roteiros

A otimização dos roteiros selecionados foi realizada sendo necessário identificar os que puderam servir como base para a elaboração da mistura primária.

Os roteiros selecionados para teste foram aqueles que apresentaram os reagentes mais citados em todas as formulações, por exemplo: óleo, soda cáustica, álcool, água e etc.

Foram otimizados roteiros preparados à base de gordura animal misturada a óleo usado, somente com óleo, com e sem adição de álcool, com ou sem adição de glicerina, com e sem adição de essências.

Entrevistas com pessoas que ainda produzem sabão artesanalmente foram feitas para melhor identificação do “ponto” de saponificação, tempo de cura e secagem para obtenção de um produto de boa qualidade.

Após esta etapa, quando necessário, houve a alteração dos reagentes, padronização e repetição na elaboração dos roteiros alterados.

Oficinas

A divulgação de oficinas sobre a “Produção de sabão e detergente” foi seguida de inscrições de moradores interessados em aprender o processo de produção por meio de uma ficha padronizada, que serviu para a efetivação da inscrição e caracterização das pessoas interessadas em participar das oficinas.

Além disso, houve também o papel social de informar e ensinar a todos, principalmente àqueles que, sem maiores conhecimentos químicos, geram resíduos durante o processo.

Levando-se em consideração o compromisso das Universidades Federais com a população e ainda que o município de Teófilo Otoni pode contribuir para a minimização do impacto ambiental gerado no descarte de óleos vegetais descartados em nossa sociedade.

Essências

As essências utilizadas, assim como os saneantes, foram otimizados com o intuito de utilizar produtos de fácil acesso à população.

Buscou-se elaborar essências naturais curtidas em álcool, onde as matérias-primas como cravo da índia, canela e erva-doce foram armazenados em garrafas com álcool etílico por alguns dias, a fim de serem usadas nas receitas de sabão e detergentes.

Condução do trabalho

O trabalho conduzido aconteceu prevendo a participação dos membros da universidade como mediadores do processo de produção de conhecimentos, dentro de uma concepção participativa e de uma noção de aprendizagem como processo construtivo social (VIGOTSKY, 1988a, 1988b) no sentido de que entre os saberes populares e os saberes científicos há um processo de interação e construção cooperativa.

RESULTADOS

Foi padronizada uma massa básica elaborada a partir de óleo vegetal, soda cáustica, álcool e água, misturados a frio por cerca de 30 minutos à temperatura ambiente.

Após a padronização da massa básica o repasse da metodologia de confecção de sabão a partir dos resíduos de óleo vegetal ocorreu, inicialmente, através do treinamento de vários multiplicadores (acadêmicos do curso de Bacharelado em Ciência e Tecnologia) e logo depois a metodologia foi repassada à comunidade através de oficinas temáticas: elaboração e produção de detergente, sabão, sabonete líquido e em barra.

Nas oficinas realizadas houve a identificação dos materiais necessários para a confecção do sabão, explanação teórica sobre a função de cada reagente do roteiro, demonstração e execução da proposta.

Etapas prévias de filtração e lavagem do óleo com água se fizeram necessárias para obtenção de um sabão de melhor qualidade, e resultaram em um produto mais claro e que apresentou um menor tempo de secagem.

O sabão produzido foi posteriormente testado em termos de consistência, pH, espuma e remoção de sujidade.

Testes para a determinação do potencial de hidrogênio (pH) foram realizados, através do uso de papel indicador universal de pH na faixa de 0-14 (Merck ®) após o processo de fabricação e o tempo de cura e secagem. Verificando assim que o pH do sabão manteve-se sempre básico, como o esperado.

A propriedade de formação de espuma, embora não seja importante para a remoção da sujidade, por ser um fator desejável pelo consumidor, foi também avaliada. Fez-se uso do método “agitação num cilindro”, onde uma amostra do saneante produ-

zido foi colocada em contato com uma quantidade definida de água e na sequência, foi colocada em agitação e observado a formação de espuma.

Considerou-se importante também avaliar a percepção do usuário quanto ao sabão produzido. Para isso, utilizou-se uma amostra no próprio laboratório, para lavagem de vidrarias utilizadas durante as aulas práticas de Química, a qual foi aprovada prontamente pelos usuários.

CONCLUSÃO

O fabrico do sabão utilizando óleo vegetal residual foi a primeira iniciativa de extensão que o curso de Bacharelado em Ciência e Tecnologia do Campus Mucuri da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri desenvolveu. Espera-se que essa ideia sirva de incentivo para futuros projetos em prol da conservação do meio ambiente.

REFERÊNCIAS

ALBERICI, P. **Reciclagem de óleo comestível usado através da fabricação de sabão**. Ed. Educar, 2009.

ANTUNES, R. C. Estratégia ambiental como diferencial competitivo para as empresas. **Caderno de Administração**, Maringá, v. 9, n. 2, p. 97-114, jul./dez. 2001.

DONAIRE, D. **Gestão ambiental na empresa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

FERRÃO, P. C. **Introdução a gestão ambiental**. Lisboa: Ed. IST Press, 1998.

HOFFMAN, A. J. **Integrating environmental and social issues into corporate practice**. In Environment. Abringdon, Carfax Publishing. Jun. 2000.

MOREIRA, M. S. **Estratégia e implantação de sistema de gestão ambiental modelo ISO 14000**. Belo Horizonte: Ed. Desenvolvimento Gerencial, 2001.

VALLE, C. E. **Qualidade ambiental: ISO 14000**. 4. ed. São Paulo: Senac, 2002.

VITERBO JUNIOR, E. **Sistema integrado de gestão ambiental**. São Paulo: Aquariana, 1998.

COMO CITAR ESTE RELATO:

VIEIRA, Flaviana Tavares ; SANTOS, Samira Ramos dos. Produção de saneantes: fonte alternativa de renda. **Extramuros**, Petrolina-PE, v. 2, n. 1, p. 25-32, jan./jun. 2014. Disponível em: <informar endereço da página eletrônica consultada>. Acesso em: informar a data do acesso.

Recebido em: 2 abr. 2014.

Aceito em: 11 maio 2014.

Projeto Alimentos & Saúde – horta escolar e educação alimentar na Escola Estadual Dr. Napoleão Sales – Alfenas/MG

Helenice Aparecida de Carvalho¹
Hêber Sebastião de Carvalho²

¹ Professora Associada do Depto. de Alimentos e Medicamentos/ Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Universidade Federal de Alfenas. E-mail: helenice@unifal-mg.edu.br.

² Professor Adjunto do Instituto de Química da Universidade Federal de Alfenas. E-mail: heber.carvalho@unifal-mg.edu.br.

RESUMO

O presente trabalho relata de forma sucinta as atividades do projeto de extensão “Alimentos & Saúde” da Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG). Alunos dos cursos de Farmácia e Nutrição e alunos de uma escola de ensino fundamental localizada em Alfenas-MG implantaram uma horta escolar, em um terreno baldio anexo à escola. Os produtos cultivados foram utilizados no preparo de alimentos para consumo dos próprios alunos, melhorando a qualidade nutricional da merenda escolar oferecida aos pequenos. Simultaneamente os alunos universitários ministraram palestras no ambiente escolar direcionadas aos pais, funcionários da escola e aos alunos e versaram sobre aspectos ambientais e alimentares. O projeto, que teve a duração de dois anos, contou com o apoio da Prefeitura Municipal de Alfenas e da Emater.

Palavras-chave: Horta Escolar; Educação Alimentar; Valor Nutritivo; Educação Ambiental.

Project Alimentos & Saúde – vegetable garden and food education in Public School Dr. Napoleão Sales – Alfenas/MG

ABSTRACT

This paper summarizes the activities developed in the Extension Project “Alimentos & Saúde” of the Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG). Students of pharmacy and nutrition and students of an elementary school located in Alfenas - MG set up a vegetable garden in the school’s vacant land. The cultivated products were used to prepare the food the elementary students would eventually consume, improving the healthiness of school meals. Simultaneously, university students ministered lectures to parents, school staff and the students covering environmental and dietary aspects. The 2-year-project had the support of Alfenas’s City Hall and Emater.

Keywords: School Vegetable Garden; Nutrition Education; Nutritional Value; Environmental education.

INTRODUÇÃO

Os padrões de saúde de uma população mostrar-se-ão baixos sempre que a nutrição for inadequada. Dessa forma, a nutrição e a educação alimentar são determinantes fundamentais, juntamente com cuidados sanitários, medicina preventiva e outros do conceito de saúde pública.

A alimentação e a nutrição adequadas são requisitos essenciais para o crescimento e desenvolvimento das crianças. São direitos humanos fundamentais, pois representam a base da própria vida. As crianças e adolescentes, para estarem bem alimentados, necessitam de uma variedade de alimentos seguros em quantidade suficiente e de boa qualidade (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2000).

O objetivo principal da educação alimentar é favorecer e estabelecer práticas de alimentação sadia. Pela educação alimentar nas escolas é possível introduzir atitudes desejáveis de alimentação em uma fase em que os hábitos e as características de personalidade ainda não são muito sólidos. A cooperação dos pais é essencial neste sentido. As crianças e adolescentes necessitam de informações simples, objetivas e diretas sobre alimentação, que os ajudem a compreender suas necessidades nutricionais (BURTON, 1979).

O estímulo à melhoria alimentar da população é responsabilidade de todas as instituições governamentais, não governamentais e científicas, da comunidade e da família. Em nível familiar é da maior importância a adequada orientação sobre o valor nutritivo, higiene e conservação dos alimentos.

As crianças e adolescentes necessitam de dieta rica em calorias, proteínas de boa qualidade, vitaminas e minerais devido à maior atividade física e metabólica. Os nutrientes são elementos essenciais à saúde (MAHAN; ESCOTT-STUMP, 2003). Com a implementação de hortas escolares e domiciliares é possível obter alimentos de boa qualidade, frescos, saudáveis e sem resíduos de agrotóxicos. O combate às pragas e doenças sendo feitas com produtos caseiros atóxicos, de fácil elaboração, elimina os riscos de efeitos tóxicos cumulativos ocasionados pelos inseticidas e fungicidas, habitualmente empregados nas plantações comerciais. A utilização de água limpa na irrigação reduz os riscos de contaminação dos alimentos.

Segundo Turano (1990) o conhecimento e a ação participativa na produção e no consumo de hortaliças – fontes de vitaminas, sais minerais e fibras – despertam nos alunos mudanças em seu comportamento alimentar, atingindo toda a família. Essa relação direta com os alimentos também contribui para que o comportamento alimentar das crianças seja voltado para produtos mais naturais e saudáveis, oferecendo um contraponto à ostensiva propaganda de produtos industrializados e do tipo *fast-food* (MORGADO; SANTOS, 2008).

Por sua vez, as hortaliças, por serem ricas em nutrientes e terem o ciclo produtivo relativamente curto, permitem a realização de mais de uma colheita anual, constituindo-se por isso em elementos capazes de atenuar as carências nutricionais da população. Assim, pode amenizar os graves efeitos da crise econômica sobre a população carente, oferecendo-lhe a oportunidade de cultivar alimentos saudáveis e de

baixo custo. Estas culturas se adaptam aos pequenos espaços disponíveis nos núcleos urbanos e a produção é relativamente fácil de ser obtida no tocante à necessidade de água, adubação, tratamentos culturais, combate às pragas e doenças (PROGRAMA PRÓ-HORTA, 1993).

As hortas podem se constituir em espaços de aprendizado dos alunos tornando o ambiente escolar mais agradável, havendo a transformação de áreas não ocupadas ou mal planejadas em espaços verdes (FREITAS et al., 2013). Ainda podem se constituir em laboratório vivo que possibilita o desenvolvimento de diversas atividades pedagógicas em educação ambiental e alimentar, unindo teoria e prática de forma contextualizada, auxiliando no processo de ensino-aprendizagem e estreitando relações através da promoção do trabalho coletivo e cooperado entre os agentes envolvidos (MORGADO; SANTOS, 2008).

Estas atividades contribuem para a modificação nos hábitos e atitudes de conservação do meio ambiente, pois a percepção que os escolares têm da natureza é melhorada, criando uma consciência de respeito e cuidado, tornando-os capazes de assumir novas atitudes na busca de soluções para problemas socioambientais. Além disso, os trabalhos desenvolvidos na horta criam a percepção da solidariedade, fundamental para se trabalhar em grupo, constrói o senso de responsabilidade, de valores mais humanizados e permeia todo o processo educativo, estabelecendo desde cedo relações saudáveis com o meio ambiente e entre pessoas (CRIBB, 2010).

Levando-se em consideração a necessidade de tomarem-se medidas destinadas à melhoria alimentar das populações carentes, com a participação efetiva da comunidade e com a utilização de recursos locais, este projeto teve como finalidades principais instalar horta escolar e promover ações básicas de educação alimentar.

Pretendeu-se com isso utilizar os conhecimentos acadêmicos para melhorar a alimentação dos alunos da rede escolar, conscientizar alunos, pais e professores sobre a importância da alimentação correta para a manutenção da saúde e possibilitar o contato das crianças com a terra, despertando nelas o interesse pelo plantio de hortas caseiras e pela questão ambiental.

MATERIAIS E MÉTODOS

O projeto foi executado por acadêmicos do curso de farmácia e nutrição tendo sido desenvolvido por 2 anos na Escola Estadual Dr. Napoleão Sales (Bairro Vista Grande) em Alfenas-MG. No primeiro ano de sua execução, com a participação dos alunos do curso de farmácia, houve a implantação e o manejo de uma horta escolar, com área plantada de aproximadamente de 500 m², distribuída em 30 canteiros numerados.

Além do suporte financeiro da universidade, o projeto de extensão recebeu o apoio da Prefeitura Municipal de Alfenas, a qual cedeu a máquina para a limpeza do terreno, calcário e adubo orgânico para a fertilização do solo. Também colaborou desenvolvendo as mudas no horto municipal, a partir das sementes adquiridas com os recursos da Pró-Reitoria de Extensão da Unifal-MG.

A Emater realizou a análise para correção do solo, forneceu as orientações técnicas para o cultivo, controle de pragas sem a utilização de agrotóxicos e o planejamento da horta, no qual se levou em consideração a diversificação das espécies ou variedades, observando intervalos de tempo entre sementeiras para produção constante. Na etapa de instalação da horta houve a colaboração de alguns alunos, os quais foram indicados pela diretora da escola, mas, posteriormente, todos os escolares foram inseridos, perfazendo um total de 23 salas de aulas envolvidas no projeto.

Os alunos, todos das séries iniciais do ensino fundamental, foram a princípio orientados pelos professores coordenadores da Unifal-MG e pelos universitários extensionistas, e contaram com o acompanhamento dos mesmos nas primeiras semanas de atividade, isto é, em sua inserção no trabalho na horta (Figuras 1 e 2). Os escolares se encarregaram de revolver a terra, de realizar novos plantios, bem como pelos tratamentos culturais necessários, entre os quais a remoção manual de lagartas, desbastes, remoção de folhas velhas e plantas daninhas. Também eram responsáveis pela irrigação e pela adição de esterco ao solo.



Figura 1. Escolares com as mudas para um novo canteiro.

Nenhum funcionário da escola foi desviado de suas funções para o trabalho na horta. Não foram utilizados em qualquer etapa produtos químicos, tais como fungicidas, herbicidas e inseticidas, optando-se por receitas fornecidas pelo agrônomo da Emater, que assessorou o projeto.



Figura 2. Escolares regando os canteiros de hortaliças.

Para orientar as atividades na horta, em cada sala de aula foi afixado um cartaz, constando a escala de trabalho, mostrada no Quadro 1. Não houve prejuízo ao andamento normal das aulas, sendo que dez minutos antes do intervalo de recreação, os alunos escalados eram dispensados pela professora, recebiam botas, luvas e avental e se dirigiam à horta.

Dessa forma, através de rodízio semanal entre os alunos de cada sala, foi possível cuidar de todos os canteiros nos dois turnos de funcionamento da escola. Foram produzidas diversas espécies de hortaliças, entre as quais cebolinha, salsa, agrião, espinafre, alface, brocolis, rúcula, repolho, couve-flor, tomate, chuchu, abóbora, rabanete, cenoura, beterraba, sendo alguns canteiros vistos na Figura 3.

Quadro 1. Cartaz afixado na sala de aula contendo a escala de trabalho.

CUIDE COM AMOR! CANTEIROS 1-2					
Semana	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
1	Adriana Aline	Jeissy Jéssica Go.	Priscila Taylla	Jonas Lucas	Vanderley
2	Amanda Ana Paula	Jéssica Car. Jéssica Tel.	Thamirys André	Luan Paulo	Weverton
3	Bruna Guilherme	Jéssica Alv. Josiane	Antonio Eduardo	Patrick Rafael	Wagner
4	Carolina Franciele	Mayla Eduardo	Francisco	Wander	Alexandre
1ª série/tarde Profª. Aparecida Gomes Andrade					



Figura 3. Canteiro com hortaliças em ponto de colheita.

Em seguida, em uma etapa envolvendo alunos do curso de nutrição da Unifal-MG, foram realizadas palestras. O público-alvo foram os alunos, professores e servidores da E. E. Doutor Napoleão Sales e os pais, aproveitando-se as reuniões de pais e mestres. Estas palestras versaram sobre a importância da alimentação correta para a manutenção da saúde, o valor nutritivo e sobre preparo dos alimentos. Também tiveram o intuito de informar sobre a importância do cultivo de hortas, dar noções básicas de nutrição, de higiene e conservação dos alimentos e mobilizar os alunos a incentivar os pais a participarem do projeto, instalando hortas domiciliares. Foram utilizados cartazes ilustrativos e, como forma de incentivo, promovidas premiações para as crianças cujos canteiros foram mais bem cuidados. Os prêmios, quase sempre materiais escolares, foram doados por comerciantes da cidade de Alfenas-MG. Ao final do projeto foi distribuído aos pais dos alunos um comunicado, convidando-os à implantação de hortas domiciliares. As famílias foram visitadas pelos acadêmicos da universidade e,

aqueles que demonstraram interesse, foram cadastradas e visitadas pelos acadêmicos extensionistas. Para quem tinha condições de plantar, foram distribuídos sementes e folhetos informativos da Emater, semelhantes às instruções encontradas no Manual para Escolas elaborado por Irala, Fernandez e Recine (2001). Foram distribuídos panfletos com informações sobre o valor nutritivo das frutas e hortaliças mais utilizadas, sobre a manutenção de seu valor nutritivo durante o preparo e conservação e sobre higiene e conservação dos alimentos.

RESULTADOS

Os alunos mostraram-se motivados a executar as atividades realizadas na horta, sendo que as professoras relataram que os mesmos aguardavam com ansiedade o momento em que eram liberados para se dirigirem ao local de cultivo. A direção da escola, os professores e os alunos mostraram enorme interesse em colaborar com o projeto.

O cuidado com a horta despertou nos alunos o interesse pela alimentação com hortaliças e isso foi reportado tanto pelas merendeiras da escola como pelas mães. Todos os produtos colhidos foram utilizados na merenda escolar, na forma de salada, sopas e bolos. De fato, a formação e a adoção dos hábitos saudáveis devem ser estimuladas em crianças, pois é durante os primeiros anos de vida que ela estará formando seus hábitos (IRALA, FERNANDEZ e RECINE, 2001).

As crianças se divertiram muito durante as palestras ministradas pelos alunos do curso de nutrição, os quais utilizando cartazes como materiais educativos informavam de modo lúdico os perigos dos agrotóxicos para a saúde humana e para o meio ambiente. De uma forma geral, houve estímulo para que entendessem a função de cada nutriente, com utilização de pirâmide alimentar, e a importância da modificação dos hábitos alimentares mediante a introdução de frutas e hortaliças no cotidiano alimentar.

Várias famílias foram cadastradas e receberam sementes para iniciar o plantio em suas residências. Não foi registrado nenhum ato de vandalismo contra a horta, por parte de moradores ou de alunos. Ao contrário, a iniciativa foi elogiada por alguns pais e moradores do bairro, ao observarem a utilização racional do terreno antes baldio, o que lhes serve de incentivo. Esse comportamento também foi relatado por Kandler (2009), que mencionou que a horta escolar estimula o hábito de plantar e cultivar nos alunos e seus familiares, incentivando-os para a construção de hortas em suas residências, regularizando assim o consumo de hortaliças na alimentação.

CONCLUSÃO

Esse projeto promoveu a conscientização sobre alimentação saudável e cuidados com o ambiente em indivíduos que estão em fase de formação e, por conseguinte, representa uma estratégia de amplo alcance social, a qual poderá ser reproduzida em escolas que disponham dos recursos mínimos necessários ao estabelecimento de uma horta.

REFERÊNCIAS

BURTON, B. T. **Nutrição humana** - manual de nutrição na saúde e na doença. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1979. 606 p.

CRIBB, S. L. S. P. Contribuições da educação ambiental e horta escolar na promoção de melhorias ao ensino, à saúde e ao ambiente. **REMPEC – Ensino, Saúde e Ambiente**, v. 3, n. 1, p. 42-60, abr. 2010.

FREITAS, H. R.; GONÇALVES-GERVÁSIO, R. C.; MARINHO, C. M.; FONSECA, A. S. S.; QUIRINO, A. K. R.; XAVIER, K. M. M. S.; NASCIMENTO, P. V. P. do. Horta escolar agroecológica como instrumento de educação ambiental e alimentar na Creche Municipal Dr. Washington Barros – Petrolina/PE. **Extramuros**, Petrolina-PE, v.1, n.1, p. 155-169, jan./jul. 2013.

IRALA; C. H.; FERNANDEZ, P. M.; RECINE, E. (Coord.). **Manual para escolas - A escola promovendo hábitos alimentares saudáveis Horta**, UNB, Brasília, 2001. 21p. Disponível em: <<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/horta.pdf>>. Acesso em: 01 abr. 2014.

KANDLER, R. Educação ambiental: Horta Escolar, uma experiência em educação. **Ágora: revista de divulgação científica**. v. 16, n. 2 esp., p. 642-645, 2009.

MAHAN, L. K.; ESCOTT-STUMP, S. **Krause - Alimentos, nutrição e dietoterapia**. 10 ed. São Paulo: Livraria Roca, 2003. 1157 p.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Política nacional de alimentação e nutrição**. Brasília, 2000.

MORGADO, F. S.; SANTOS, M. A. A dos. A horta escolar na educação ambiental e alimentar: experiência do projeto horta viva nas escolas municipais de Florianópolis. **Extensio – revista eletrônica de extensão**, n. 6, p. 1-10, 2008.

PROGRAMA PRÓ-HORTA. Belo Horizonte: SEAPA / SUPAB, 1993.

TURANO, W. A didática na educação nutricional. In: GOUVEIA, E. **Nutrição saúde e comunidade**. São Paulo: Revinter, 1990. 246 p.

COMO CITAR ESTE RELATO:

CARVALHO, Helenice Aparecida de; CARVALHO, Hêber Sebastião de. Projeto Alimentos & Saúde – horta escolar e educação alimentar na Escola Estadual Dr. Napoleão Sales – Alfenas/MG. **Extramuros**, Petrolina-PE, v. 2, n. 1, p. 33-40, jan./jun. 2014. Disponível em: <informar endereço da página eletrônica consultada>. Acesso em: informar a data do acesso.

Recebido em: 5 abr. 2014.

Aceito em: 6 jun. 2014.

Português para uruguaiois fronteiriços: um relato de experiência

Maria do Socorro de Almeida Farias-Marques¹
Vanessa David Acosta²

¹ Professora assistente da UNIPAMPA. Coordena o projeto de extensão a que se refere o texto, no Campus Jaguarão/RS, desde 2012.

E-mail: maria-marques@unipampa.edu.br.

² Graduanda do 7º. semestre do curso de Letras pela UNIPAMPA. Professora da rede municipal de ensino na cidade de Jaguarão/RS e bolsista voluntária do projeto de extensão a que se refere o texto. E-mail: nessa-acostaletas@gmail.com.

RESUMO

Este trabalho é um relato de experiência do projeto extensionista intitulado “Português para uruguaiois fronteiriços”. Nessa perspectiva, esse trabalho objetiva relatar o desenvolvimento do projeto na região de fronteira, de que maneira ele foi aplicado, qual a contribuição na formação acadêmica dos alunos envolvidos e relatar uma das aulas ministradas no ano de 2013. Consideramos o trabalho com uruguaiois fronteiriços bastante peculiar, já que essa experiência é de suma importância para o crescimento do aluno, consolidando conhecimentos, contribuindo para a trajetória acadêmica bem como proporcionando a oportunidade para refletir sobre o desafio de ser professor.

Palavras-chave: Português para Uruguaiois; Fronteira; Extensão.

Portugués para uruguayos fronterizos: un relato de experiencia

RESUMEN

Este trabajo se caracteriza por ser un relato de experiencia de un proyecto de extensión, llamado “Portugués para uruguaiois fronteiriços”. En ese sentido, este trabajo objetivo relatar la motivación que culminó en el desarrollarlo en región de frontera, de qué manera fue aplicado, cuál la contribución para la formación de los académicos involucrados y además relatar una clase aplicada en 2013. Entendemos que el trabajo con el público uruguayo fronterizo es bastante particular, pues es de suma para el crecimiento del alumno, consolidando conocimientos, agregando experiencia para la trayectoria académica y también dando la oportunidad a los alumnos para reflexionar sobre el desafío constante de ser profesor.

Palabras-clave: Portugués para Uruguayos; Frontera; Extensión

INTRODUÇÃO

Este artigo se distancia de um trabalho teórico por dois motivos: (1) por seu caráter descritivo e, conseqüentemente, (2) por apresentar relato de experiência de um projeto extensionista. Sendo assim, pretendemos em um primeiro momento apresentar uma breve contextualização da Universidade em que estamos vinculadas e, posteriormente, descrevemos o projeto de extensão intitulado “Português para uruguaios fronteiriços”, partindo da principal motivação que nos levou a desenvolvê-lo em região de fronteira, na Instituição e a sua contribuição na formação dos alunos envolvidos. No segundo momento, vamos relatar uma das aulas que foi desenvolvida, no projeto, em 2013.

A Universidade Federal do Pampa (doravante UNIPAMPA) se instalou, em 2006, na metade sul do Rio Grande do Sul com a responsabilidade de contribuir com o desenvolvimento da referida região. Nesse contexto, a Instituição tem como um dos seus principais objetivos contribuir com a integração e o desenvolvimento da região de fronteira (sul e oeste) do Brasil com o Uruguai e a Argentina. Essa integração com os países vizinhos se faz possível, porque a característica Multicampi da UNIPAMPA permitiu a presença de dez Campi distribuídos ao sul e ao oeste do Rio Grande do Sul. Dessas cidades, Uruguaiana e São Borja fazem fronteira com Argentina. Já Sant’ana do Livramento e Jaguarão fazem fronteira com as cidades uruguaias Rivera e Rio Branco, respectivamente. A proximidade entre os países permite que projetos possam ser realizados tanto pelo Brasil quanto pela Argentina e Uruguai a fim de aproximar ainda mais esses países, colaborando para uma efetiva consolidação educacional, fortalecendo as trocas culturais entre os estudantes fronteiriços e os que de diversas partes do Brasil chegam à UNIPAMPA.

Para enriquecer ainda mais o intercâmbio entre Brasil e Uruguai, a Instituição empenha-se, desde 2011, em consolidar um projeto institucional cujo objetivo é oferecer oportunidades diferenciadas de ingresso para estudantes uruguaios fronteiriços e indígenas aldeados nos Campi de Jaguarão e Sant’ana do Livramento. Essa seleção, direcionada para os fronteiriços, contempla apenas candidatos uruguaios que residem nas cidades de Rio Branco (UY), vizinha de Jaguarão, e Rivera (UY), cidade vizinha de Sant’ana do Livramento. Isso porque as vagas ofertadas atendem ao Decreto 5.105/2004, que promulga o acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República Oriental do Uruguai para permissão de residência, estudo e trabalho a nacionais fronteiriços brasileiros e uruguaios.

O projeto institucional destinado aos fronteiriços possibilitou e possibilita que profissionais do comércio, jovens que terminaram o “Liceo-preparatório”, e professores pudessem seguir seus estudos em uma Universidade de Ensino Superior na região em que vivem. Diante disso, cada Campus se responsabilizou pela divulgação desse ingresso nas respectivas cidades e contou com uma equipe pela elaboração e correção das provas aplicadas. A seleção consiste em uma prova dissertativa/argumentativa escrita em língua portuguesa. Na primeira oferta, em 2011, muitos uruguaios de Rio Branco, durante o período de inscrição, manifestaram uma significativa preocupação em relação à Língua Portuguesa, principalmente com a escrita, pois é a língua oficial do processo de seleção. Frente a isso, a Direção do Campus Jaguarão conversou com

alguns docentes do Curso de Letras que se mobilizaram para atender essa demanda por meio do projeto de extensão.

O PROJETO PORTUGUÊS PARA URUGUAIOS

Como foi mencionada na Introdução, a principal motivação do projeto de extensão foi a de atender a demanda solicitada pelo público uruguaio. Sendo assim, nesta seção objetivamos relatar como ele foi desenvolvido em 2012 e 2013; como se deu o envolvimento dos alunos uruguaio fronteiriços diante das atividades propostas; e como o referido estudo contribuiu para a formação dos nossos alunos de graduação nele envolvidos.

Cabe mencionar que se trata de uma iniciativa nova na Instituição. Sabemos que as regiões e cidades de fronteiras, delimitadas ou não por obstáculos geográficos, são marcadas por uma formação linguística diferenciada, pois nela se estabelecem relações sociais entre sujeitos brasileiros e uruguaio. Nas palavras de Sturza (2005, 2005, p. 47), o contato linguístico que há entre o português e o espanhol nas fronteiras do Brasil com o Uruguai e com a Argentina

[...] é decorrente de um século de litígios pelo domínio dos territórios, de uma política expansionista de ocupação da região e militarização das áreas, além da existência de povoados desenvolvidos e de um intercâmbio econômico, cultural e social já consolidado.

Para Sarquis (1996, p. 60), as zonas de fronteira compreendem amplas franjas territoriais de um lado e do outro das linhas de demarcação geográfico-políticas, no qual convivem populações com particularidades próprias que as diferenciam de outras partes dos territórios nacionais. Um exemplo é a fronteira binacional constituída por Jaguarão e Rio Branco. Essas cidades são denominadas “cidades gêmeas e/ou irmãs” por pesquisadores de diversas áreas que estudam a(s) fronteira(s) dos dois países (Brasil/Uruguai).

É destaque em produções científicas (livros, artigos, dissertações, teses) a referência de que na fronteira há o contato inevitável entre línguas, o bilinguismo diglótico, a presença do portunhol, do DPU (dialetos do português uruguaio), a troca e manejo de duas ou mais moedas (reais, pesos uruguaio e dólar), os casamentos binacionais, as amizades binacionais, o fluxo de uruguaio no território brasileiro e de brasileiros no território uruguaio. Essa mobilidade é, para muitos, cotidiana, devido a vínculos mais estreitos com trabalho, moradia, família, estudo e pelas trocas comerciais com o país vizinho.

Outro fator que influencia a mobilidade binacional é a presença dos comércios livres de impostos, os conhecidos *freeshops*. Em Rio Branco-UY, a instalação desses comércios iniciou em 2003 e estão concentrados na antiga zona comercial da cidade. De acordo com Souza (2010, p. 3),

[...] a atual instalação dos *freeshops* em Rio Branco tem significado no processo econômico da última década uma mudança acerca do intercâmbio comercial fronteiriço; o que antes se concentrava em Jaguarão – com as diferenças cambiárias - agora se encontra em Rio Branco, pelo atual movimento comercial de brasileiros e uruguaios que compram nos *freeshops*.³

³ "[...] la actual instalación de los free shop's en Río Branco, ha significado en su proceso económico de la última década un cambio en cuanto a su lugar en el intercambio comercial fronteirizo; lo que antes se concentraba en Yaguarón - según diferencias cambiarias - ahora se encuentra en Río Branco, por el actual movimiento comercial de brasileños y uruguayos que compran en los free shop's."

A presença desse comércio refletiu consideravelmente na sociedade fronteiriça. Houve um aumento significativo no comércio local, bem como a construção civil, a abertura de novos restaurantes, lojas locais, camelôs. Esse desenvolvimento também refletiu no interesse em aprender mais a língua do país vizinho: o português. Apesar de a região ser considerada bilíngue, percebeu-se que alguns trabalhadores demonstram interesse em estudar a língua portuguesa a fim de aperfeiçoar o conhecimento linguístico que têm devido ao contato entre as línguas existente na fronteira.

Sobre a integração linguística, Ferreira (2001, p. 39) aponta que

nas fronteiras do Brasil com os países de fala hispânica da América do Sul, vemos que já existe uma integração linguística natural, decorrente da necessidade de comunicação, principalmente do ponto de vista social e econômico, além dos vínculos comerciais diários que são praticados ao longo da fronteira.

Frente a esse contexto, o espaço geográfico que permite o contato diário entre as duas línguas, de uma maneira ou de outra, reflete e refrata no ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa para uruguaios. Acreditamos que o diferencial do nosso projeto está diretamente relacionado com a nossa localização geográfica, pois estamos em uma região de fronteira, fator que ao mesmo tempo facilita o ensino/aprendizagem e se apresenta como obstáculo em relação à língua dita “próxima”. Sobre o primeiro ponto, Almeida Filho (2001, p. 15) argumenta que tanto a proximidade entre as línguas quanto a base comum que os falantes dispõem faz surgir um fenômeno específico, a saber: “o apagamento da categoria de aluno principiante verdadeiro”.

Concordamos com o estudioso (2001, p. 15) quando afirma que os alunos falantes de espanhol iniciam o seu processo de ensino já em fase “pós-elementar de compreensibilidade do insumo na nova língua.” Dialogando com o público do nosso Projeto de Extensão, adicionamos que os alunos fronteiriços uruguaios quando chegam à sala de aula apresentam uma facilidade maior em se comunicar tanto na escrita quanto na oralidade se comparada a alunos que moraram por muito tempo no Sul do Uruguai. Por outro lado, a semelhança, a proximidade e o contato que esses alunos têm com a língua portuguesa se materializa em um “quase falar” (Almeida Filho, 2001), quase escrever e quase entender. Muitas vezes o aluno não percebe as diferenças, por isso necessita de ajuda externa. Esses dois extremos são fortemente identificados durante as aulas, o que se torna um desafio o desenvolvimento do projeto.

A partir dessas reflexões, organizamos o projeto da seguinte maneira: a primeira oferta foi em junho de 2012 e finalizou em outubro; a segunda iniciou em março

de 2013 e finalizou em dezembro do mesmo ano. O objetivo principal do projeto foi o de instaurar um processo de diálogo e reflexões entre a UNIPAMPA - Campus Jaguarão e fronteiriços da cidade vizinha, Rio Branco. Além desse, objetivamos possibilitar maior inserção dos alunos em formação em projetos de extensão; contribuir para a preparação dos fronteiriços candidatos à seleção de ingresso à UNIPAMPA - Campus Jaguarão; buscar sanar as dificuldades linguísticas em relação à compreensão escrita, dos candidatos fronteiriços; fomentar reflexões sobre o ensino de português para uruguaios.

No primeiro dia de aula, os alunos foram convidados a preencher um questionário cujo objetivo era traçar um perfil do nosso público. Nesse questionário foi perguntado se os alunos já haviam frequentado algum curso de língua portuguesa; quais são os contatos que eles têm com a língua portuguesa no seu cotidiano; quais são as dificuldades que encontram nas interações com os brasileiros; com que frequência eles têm contato com brasileiros; qual é o seu maior interesse pelo curso e quais são as dificuldades que têm. Por fim, pedimos que em ordem crescente enumerassem as habilidades de maior interesse (escrita, oralidade, leitura, compreensão auditiva). A escrita e a oralidade foram as habilidades mais pontuadas. Ao longo do ano atingimos os objetivos inicialmente propostos. Cabe ressaltar que durante o andamento das aulas ampliamos o trabalho com as habilidades, ou seja, as aulas que estariam restritas ao “aprimoramento” da escrita a partir da leitura passaram a contemplar também atividades que contemplassem a oralidade e a compreensão auditiva.

O curso teve carga horária de 02 horas/aula por semana. As aulas foram ministradas pelos alunos bolsistas/voluntários, nas dependências do Campus Jaguarão, sob orientação da professora coordenadora do projeto. Em 2012, o projeto contava com duas turmas, uma às quartas-feiras e a outra aos sábados, totalizando seis alunos uruguaios. Cinco desses alunos tinham contato com a língua portuguesa, seja através de familiares, seja por morarem em uma zona fronteiriça. O outro aluno até então não mantinha contato diretamente com a língua portuguesa por ter morado muito tempo distante da fronteira e por tampouco ter familiares falantes de português.

A segunda edição do projeto foi desenvolvida em 2013. A turma era composta de 06 alunos e todos já tinham contato com a língua por terem frequentado curso de língua portuguesa (oferecido pelo consulado brasileiro), pelas novelas e músicas brasileiras e pela livre circulação no comércio brasileiro. Essa característica nos permitiu uma realização de atividades em um nível mais avançado, com situações mais complexas de aprendizagem.

No início do projeto buscamos outras experiências profissionais de docentes e ou projetos de extensão que tenham trabalhado o português com uruguaios fronteiriços. Infelizmente, encontramos poucos relatos e publicações de atividades já realizadas por outros profissionais, relatos de suas experiências e dificuldades em encontrar principalmente atividades destinadas para um grupo peculiar como o nosso: uruguaios fronteiriços. Trabalhar com alunos uruguaios que já têm um conhecimento inicial/intermediário da língua portuguesa nos levou a ter que realizar diversas leituras, a discutir detalhadamente as atividades e acompanhar semanalmente as tarefas dos alunos. Buscando amparo em estudos sobre o ensino de línguas estrangeiras, como os de Llopis

Garcia (2007), focamos as atividades de compreensão oral e escrita e produção oral e escrita (Compreensão Leitora – doravante CL). Para essa estudiosa, a leitura é um processo de interação entre o leitor e seu autor, o qual pode ser maximizado seguindo uma metodologia de leitura que contemple atividades de pré-leitura, leitura e de pós-leitura. Nas palavras da autora (2008, s/p.): “A CL necessita reflexão e trabalho com os alunos antes, durante e depois de ler o texto. A CL implica a preparação do texto, de suas partes, de seu contexto, seu vocabulário, etc.”⁴ Para a estudiosa (2007), as atividades de pré-leitura são importantes porque servem como preparação e familiarização do aluno com o texto que será trabalhado. Já as de leitura contemplam as estratégias para a compreensão do texto e as de pós-leitura permitem que o aluno além de avaliar a compreensão leitora possa aproveitar esse conhecimento em alguma atividade de escrita e/ou oral que funciona como encerramento ou ponte para outras atividades.

⁴ "La CL necesita reflexión y trabajo con los alumnos antes, durante y después de leer el texto. La CL implica una preparación del texto, sus partes, su contexto, su vocabulario, etc."

Para cada plano desenvolvido, procurávamos utilizar materiais autênticos com a finalidade de aproximar cada vez mais os alunos dos diversos gêneros discursivos que circulam na sociedade e do uso real da língua portuguesa.

Dentre as atividades que realizamos com as turmas, podemos citar: trabalho com leitura, enfocando questões textuais e contextuais; atividades orais a partir de vídeos e questões motivadoras, músicas e produções escritas baseadas na temática dos vídeos e dos gêneros trabalhados.

ENVOLVIMENTO DOS ALUNOS URUGUAIOS FRONTEIRIÇOS DIANTE DAS ATIVIDADES PROPOSTAS

Nesta seção vamos relatar uma atividade que foi trabalhada em sala de aula. A aula foi elaborada com base em uma concepção social de linguagem e buscou trabalhar com a cultura, construída no cotidiano, relacionada a hábitos, a crenças e comportamentos que marcam, de uma forma ou de outra, a identidade brasileira. De acordo com Andrighetti e Schoffen (2012, p. 20), “o ensino de língua e cultura precisa desenvolver-se a partir da percepção do cotidiano e das ações realizadas no dia-a-dia dos locais”. Para tanto, retiramos uma matéria do site do projeto “A cara do Brasil”. Esse projeto, promovido pelo Yahoo.com tem o objetivo de mostrar aspectos culturais do Brasil. Nesse contexto, os brasileiros que desejam mostrar algo que, de uma forma ou de outra, identifica a cultura brasileira tal como uma festa, uma feira típica, um artesanato regional, aspectos da culinária, a dança, as músicas, um lugar histórico, enviam uma matéria para divulgar algum aspecto típico do Brasil.

De todas as matérias publicadas escolhemos a matéria “Brigadeiro, o docinho mais famoso – e com a cara do Brasil” (vide Anexo 1) Inicialmente, fizemos uma atividade de pré-leitura para ativar o conhecimento prévio dos alunos sobre o “docinho mais famoso do Brasil”. Para isso, colocamos a palavra “brigadeiro” no quadro e solicitamos aos alunos que verbalizassem oralmente se já conheciam a palavra e se não, a que poderia se referir, assim fomos construindo uma chuva de ideias.

Após essa primeira atividade, perguntamos se no Uruguai havia algum doce “com a cara do Uruguai”. Logo, questionamos se eles sabiam o porquê de o doce ser

chamado brigadeiro. Com essa discussão, apresentamos o texto sobre o docinho mais famoso de Brasil, aos alunos os quais puderam ler a matéria e partir para as atividades propostas (vide Anexo 2). Procuramos trabalhar com a oralidade, solicitando aos alunos presentes a leitura do texto e ao final dela pedimos que comentassem sobre o tema discutido. Ao longo da leitura, por solicitação dos alunos, apontamos alguns aspectos de pronúncia de algumas palavras que diferem da maneira como são faladas em espanhol. Também mostramos a eles como os verbos são escritos em uma receita, utilizando o imperativo (esta atividade não foi planejada, surgiu no contexto da aula).

Um dos objetivos da aula foi tratar língua, cultura e suas interseções, pois entendemos, conforme Andrighetti e Schoffen (2012, p. 20) que, “o ensino de língua e cultura requer também fazer com que os alunos se questionem sobre os valores subjacentes às suas próprias línguas e culturas, fato que vai muito além de simplesmente ‘comparar’ a cultura estudada com as culturas dos alunos”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: CONTRIBUIÇÃO DO PROJETO PARA A FORMAÇÃO DOS ALUNOS NELE ENVOLVIDOS

Essa oportunidade que nos foi dada, tanto para o Campus Jaguarão, quanto para a professora e para os alunos, de poder oferecer e ministrar aulas da nossa língua materna para falantes de espanhol, só veio a somar para o nosso crescimento profissional. O curso também nos proporcionou aprimoramento e consolidou alguns conhecimentos já adquiridos até aqui, contribuindo para nossa trajetória acadêmica tanto na qualidade como na diversidade das situações a que estamos expostos a cada planejamento, cada aula.

Manter os alunos atentos e motivados a aprender é uma tarefa árdua e requer disciplina de nossa parte. Os nossos encontros, discussões, a vivência da sala de aula foram importantes para compreendermos com detalhes a importância da relação aluno/professor.

Muitas vezes um professor deposita na turma tamanha dedicação e é difícil saber até onde vai a sua influência. Pensamos que o aluno sempre aprenderá melhor quando tem um professor que se dedica e provoca o senso crítico dos alunos, e não simplesmente se contenta na ilusória transmissão de conhecimentos. Essa experiência docente é bastante enriquecedora, pois como educadores devemos pensar no nosso futuro profissional e esse contato com os alunos fronteiriços uruguaios nos proporciona essa prática, esse aprendizado.

Essa experiência mostra como é desafiador ser professor, cativar os alunos, sermos facilitadores para a construção de conhecimento, pois cada vez mais o aluno estará ativo no processo de aprendizagem. O projeto nos proporcionou a oportunidade de refletir o que é importante para ser um docente que sirva como ponte. Pensamos que ao utilizarmos atividades voltadas para a solução de problemas, para o conhecimento da nossa realidade, proporcionamos além de uma importante formação para esses alunos fronteiriços que participam do projeto, uma importante reflexão para nós, bolsistas.

Além disso, entendemos que, mesmo diante das incertezas e dificuldades que surgem durante o preparo das atividades, este projeto, pioneiro na UNIPAMPA, veio a favorecer a nossa trajetória como docentes/estudantes e nos dá a certeza de que um profissional dedicado vê nos desafios oportunidades para novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J. C. P. **Português para estrangeiros interface com o espanhol**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

ANDRIGHETTI, G. H.; SCHOFFEN, J. R. Vivenciando língua e cultura: sugestões para práticas pedagógicas em Português como Língua Adicional. In: SHOFFEN, J. R.; KUNRATH, S. P.; ANDRIGHETTI, G. H.; SANTOS, L. G. (Org.). **Português como língua adicional: reflexões para a prática docente**. Porto Alegre: Bem Brasil, 2012. p. 17-38.

FERREIRA, I. A. A interlíngua do falante de espanhol e o papel do professor: aceitação tácita ou ajuda para superá-la? In: ALMEIDA, J. C. P. F. de. **Português para estrangeiros interface com o espanhol**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001. p. 39-48.

LLOPIS GARCÍA, R. Escribir sin pensar, ni pensarlo! Organizar la expresión escrita. In: FERNÁNDEZ COLOMER, M. J.; ALBELDA MARCO, M. A. (Org.). **Actas del Foro de profesores de E/ELE**, 3, Universitat de València, 2007. p. 133-142.

_____. La comprensión lectora, esa gran incomprendida! In: FERNÁNDEZ COLOMER, M. J.; ALBELDA MARCO, M. A. (Org.). **Actas del Foro de profesores de E/ELE**, 3, Universitat de València, 2008. s/p.

SOUZA, M. **Río Branco: desarrollo y frontera**. Documento de Trabajo. Impreso en InterGraf. Río Branco, Cerro Largo. Abril 2010.

SARQUIS, P. La educación en zonas de frontera: síntese en investigaciones realizadas en Argentina. In: TRINDADE, A.; BEHARES, L. (Org.). **Fronteiras, educação, integração**. Santa Maria: Pallotti, 1996. p.57-81.

STURZA, E. Línguas de fronteira: o desconhecido território das práticas linguísticas nas fronteiras brasileiras. **Revista Ciência e Cultura SBPC**, ano 57, n. 2, abr./maio/jun. 2005. Temas e Tendências: Línguas do Brasil.



A CARA DO BRASIL

Brigadeiro, o docinho mais famoso - e com a cara - do Brasil

Brigadeiro, negrinho ou trufa brasileira, essa gostosura tinha mesmo que ser uma invenção nossa. Não é à toa que esse docinho de festa é a cara do Brasil.

YAHOO!
CONTRIBUTOR NETWORK. Por **Marlene Bastos** | Yahoo! Contributor Network - qua, 24 de abr de 2013

Enviar Compartilhar 38 Tweetar 5 Share 1 +1 33 Imprimir



O brigadeiro é o doce mais popular do Brasil

Que o brigadeiro é o doce mais famoso do Brasil, disso não resta dúvida. O que muita gente não sabe é que essa guloseima é uma invenção deliciosamente brasileira. O docinho tem por ingredientes básicos o leite condensado e o chocolate em pó e é encontrado em praticamente todas as festas de aniversário, seja de criança ou de adulto.

Sobre sua origem pouco se sabe, mas, considerando o fato de que o leite condensado já existia no final do século 19, há a possibilidade de o brigadeiro ter começado a ser preparado em meados da década de 20, provavelmente com outro nome, ou até mesmo antes, com outro ingrediente no lugar do leite condensado, como o açúcar. Conta-se que, no período após a Segunda Guerra Mundial, devido a dificuldade de se conseguir leite e açúcar para o preparo de doces, descobriu-se que a mistura de leite condensado com chocolate, ovos e manteiga resultava nesse docinho tão delicioso.

Quanto ao nome brigadeiro, a história mais popular é a que atribui a origem do nome do doce ao **Brigadeiro (posto de hierarquia militar) Eduardo Gomes**. Em 1946 e 1950, ele candidatou-se à Presidência da República e, na sua primeira campanha, o docinho era distribuído ou vendido nas festas realizadas pelos aliados, para a arrecadação de fundos. O docinho fez tanto sucesso que seus aliados e eleitores começaram a chamá-lo de brigadeiro, em homenagem ao candidato, que usava o slogan "vote no Brigadeiro que é bonito e solteiro". Apesar do sucesso dos brigadeiros, Eduardo Gomes perdeu a eleição para Gaspar Dutra.

No Rio Grande do Sul, o brigadeiro é chamado de "**negrinho**", por causa da sua cor marron, porém não se sabe se este vocábulo já era utilizado antes de 1941, ano em que Eduardo Gomes tornou-se Brigadeiro, ou de 1946, ano de sua candidatura.

Com o tempo, a receita do brigadeiro ganhou novos ingredientes, como o chocolate granulado, para enfeitá-lo, e o creme de leite, que o deixa menos açucarado. Mais recentemente, o brigadeiro tornou-se um doce chique, com novas receitas a partir da original, sendo comum encontrá-lo preparado com chocolate meio amargo ou cacau em pó, vendido nas melhores confeitarias do Brasil. Em outros países, a exemplo da França, o brigadeiro é conhecido como "**trufa brasileira**".

Aos apaixonados por brigadeiro, como eu, deixo a minha receita, que é simples e rápida de preparar!

Ingredientes:

- 1 Colher de sopa de manteiga ou margarina
- 1 Lata de leite condensado
- 4 Colheres de sopa de chocolate em pó
- 1 Pacote de chocolate granulado

Modo de preparo:

Aqueça a panela em fogo médio e acrescente a manteiga. Junte o leite condensado e o chocolate em pó, mexendo sem parar até desgrudar da panela. Espere esfriar um pouco e despeje a mistura em um recipiente untado. Faça pequenas bolas com as mãos, passando a mistura no chocolate granulado antes de colocar nas forminhas.

Disponível em:
<<https://br.noticias.yahoo.com/brigadeiro-o-docinho-mais-famoso-e-com-cara-200100775.html>>

Atividade de pré-leitura

Chuva de ideias a partir das seguintes palavras-chave:

“O docinho mais famoso do Brasil”
“Brigadeiro”

Atividades de leitura

- 1) Questões contextuais:
- 2) Em que meio foi publicada a matéria?
- 3) Quando foi publicada?
- 4) Qual é, na sua opinião, o público-alvo dessa matéria?
- 5) Quem publicou a matéria e com qual objetivo comunicativo?

Depois das questões contextuais, os alunos realizaram leitura individual para responder às seguintes questões:

- 6) Qual é a origem do preparo do doce e do nome que recebe?
- 7) Quais os ingredientes que são utilizados para fazer o brigadeiro?
- 8) Quais as denominações que o doce recebe além de “brigadeiro”?
- 9) No fragmento “Em outros países, a exemplo da França, o brigadeiro é conhecido como trufa brasileira” aparece o nome dado ao doce pelos franceses. Vocês, como moradores da fronteira, conheciam o “brigadeiro” por outro nome? Qual?

Atividade de pós-leitura

Como atividade de pós-leitura foi proposta uma atividade escrita com o objetivo de o aluno comentar sobre algum doce que poderia ser identificado como o doce mais famoso do Uruguai. O aluno deveria considerar para esta produção as questões que foram levantadas nas atividades de leitura (ingredientes, história, diversidade na nomenclatura).

COMO CITAR ESTE RELATO:

FARIAS-MARQUES, Maria do Socorro de Almeida; ACOSTA, Vanessa David. Português para uruguaios fronteiriços: um relato de experiência. *Extramuros*, Petrolina-PE, v. 2, n. 1, p. 41-50, jan./jun. 2014. Disponível em: <informar endereço da página eletrônica consultada>. Acesso em: informar a data do acesso.

Recebido em: 3 abr. 2014.

Aceito em: 10 jun. 2014.

A obra literária no caminho do cinema: Extensão universitária com docentes da rede pública de ensino do Paraná

Maria Fatima Menegazzo Nicodem¹
Teresa Kazuko Teruya²

¹ Professora na Universidade Tecnológica Federal do Paraná nas áreas de Humanas (Educação) e Letras e Artes. Coordena o Projeto de Extensão 'Laboratórios de Escritas Narrativas e Poéticas'. Doutora em Educação pela UEM com tese sobre Literatura e Cinema na Educação. Email: fatima@utfpr.edu.br.

² Professora Associada da Universidade Estadual de Maringá, atuando junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação. Orienta dissertações e teses voltadas ao uso de mídias na educação, formação de professores, didática e escola pública. Doutora em Educação pela UNESP de Marília-SP, atuando como pesquisadora colaboradora sênior da Universidade de Brasília. E-mail: tkteruya@uem.br.

RESUMO

O presente trabalho é um relato sobre evento de extensão dentro do Projeto de Extensão Universitária na Área de Ciências Humanas denominado "Cinema e Literatura no Ensino Médio". Foi realizada por professora então doutoranda da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), supervisionado por sua orientadora da Universidade Estadual de Maringá, com a anuência do Núcleo Regional de Ensino (NRE) de Foz do Iguaçu-PR. Desenvolvido para a pesquisa de doutorado em 2012, tem sua continuidade no ano de 2014 nos mesmos moldes narrados para a etapa de 2012. Naquele ano 57 professores/as participaram, usufruíram, envolveram-se e contribuíram com dados sobre a cinematografia literária. Toda a fundamentação teórica se estabelece com base nos Estudos Culturais que formam um belo conjunto com a temática da extensão universitária, ensino e pesquisa.

Palavras-chave: Cinema; Literatura.

La obra literaria en el camino de la película: Extensión universitaria con profesores de la educación pública del Parana

RESUMEN

Este trabajo es un relato de actividad de extensión dentro del Proyecto de Extensión Universitaria en el Área de Humanidades llamado "Cine y Literatura en la escuela secundaria." Fue realizado por la maestra, entonces estudiante de doctorado (UEM), en la Universidad Tecnológica Federal de Paraná (UTFPR), bajo la supervisión de su asesora en la Universidad Estadual de Maringá (UEM), con la concurrencia del Núcleo Regional de Ensino (NRE) de Foz do Iguaçu-PR. Diseñado para la investigación de doctorado en 2012, tiene su continuidad en el año 2014 de la misma manera narrada al paso 2012. Ese año cincuenta y siete profesores / as asistieron, disfrutaron, se involucró y aportado datos sobre la cinematografía literaria. Todo el fundamento teórico se estableció sobre la base de los estudios culturales que forman un hermoso conjunto con el tema de la extensión universitaria, la enseñanza y la investigación.

Palabras clave: Cine; Literatura.

INTRODUÇÃO

Durante muitos anos de atuação docente das professoras pesquisadoras, não raras vezes as turmas de ensino médio e mesmo as turmas de formação de professores nos Cursos de Pedagogia serviram de laboratório de ensino e prática com experiências, na maioria dos casos, bem sucedidas com o uso de mídias cinematográficas, especialmente das traduções intersemióticas de obras literárias, como estratégias de ensino de literatura.

O projeto de extensão que gera este relato surgiu da necessidade de elaborar um trabalho que nos pusesse frente a frente com nossos pares – professores/as de literatura brasileira – para que pudéssemos estabelecer um vínculo de diálogo sobre nossas práticas e sobre como foram propiciados estes momentos. Este projeto gerou a tese de doutorado “A obra literária vai ao cinema: um estudo da prática docente em Literatura Brasileira” defendida no PPE-UEM, em dezembro de 2013.

O Projeto de Extensão foi realizado em uma parceria da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) com a Universidade Estadual de Maringá (UEM) e com o Núcleo Regional de Ensino (NRE) de Foz do Iguaçu-PR.

As atividades do projeto tiveram seu desenvolvimento durante o ano de 2012, tendo seu prosseguimento no ano de 2014, sendo recentemente redimensionadas algumas das atividades existentes no seu interior.

O projeto em sua fase de 2012 foi realizado com a participação de cinquenta e sete professores e professoras de literatura brasileira que atuam no Ensino Médio de Escolas Públicas Estaduais vinculadas ao NRE já citado. Os encontros realizados de acordo com o cronograma do projeto encaminharam atividades com a cinematografia literária e atividades críticas expositivas e dialogadas. Nesses encontros os professores contribuíram com dados que revelaram em números e ideias a prática docente com as mídias cinematográficas, caracterizando a trajetória de uma pesquisa-intervenção que conta a experiência dos sujeitos citados tanto nos encontros como na ida para as próprias salas de aula utilizando as películas no desenvolvimento do projeto.

O presente relato constrói-se sobre uma fundamentação teórica buscada nos Estudos Culturais e olha para a extensão universitária na área de humanas como uma necessidade e um compromisso da universidade sob seus diversos focos ou eixos de atuação.

LITERATURA E CINEMA: A EXTENSÃO QUE PERCORRE UM CAMINHO DA UNIVERSIDADE À ESCOLA DE ENSINO BÁSICO

O perfil dos/as professores/as sujeitos que participaram do evento de extensão mostra que a maioria é do sexo feminino: cinquenta e seis (56) participantes. Somente um (01) participante é do sexo masculino. Quanto ao tempo de docência na disciplina de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, a maioria, vinte e oito (28) professores/as sujeitos situa-se na faixa de 0 a 5 anos de atuação docente; nove (09) já atuam entre

6 e 10 anos; oito (08) entre 11 e 15 anos; oito (08) entre 16 e 20 anos e somente quatro (04) já atuam na docência da disciplina entre 21 e 25 anos.

No evento de extensão composto de cinco encontros foram exibidos os filmes que compuseram a pesquisa e cujos enredos voltam-se para as três séries do ensino médio. A utilização de obras cinematográficas como estratégias de ensino de literatura caracteriza a inserção de artefatos culturais não canônicos, com o intuito de agregá-los à utilização da obra escrita para leitura, que caracteriza o modelo hegemônico de ensino.

Ao propor o evento de extensão que gerou os dados da pesquisa e, por conseguinte, a tese, observou-se uma tessitura metodológica que propõe três perguntas básicas: **Como, por que e para quê** utilizar mídias cinematográficas no ensino de Literatura Brasileira?

Na expectativa de buscar estas respostas, urde-se a organização e aplicação do projeto e do evento de extensão com o intuito de conhecer na prática docente de professores/as de língua e literatura o desempenho do uso de mídia cinematográfica como estratégia para o incentivo à leitura de obras literárias. Ao exercitar durante as cinco etapas do curso a exibição e análise das mídias cinematográficas, operou-se com cinco objetivos específicos: a) Analisar o grau de identificação das narrativas entre a mídia cinematográfica e a mídia literária impressa; b) Mapear as obras cinematográficas brasileiras oriundas de obras literárias e que se constituam em traduções intersemióticas; c) Traçar um panorama do uso de mídias cinematográficas por professores/as com dados presentes em teses e dissertações para fundamentar a originalidade e pertinência desta pesquisa; d) Identificar as funções do uso da mídia cinematográfica, como apoio ao ensino de literatura, em conjunto com seu correspondente impresso; e, por final, e) Analisar a prática docente dos/as professores/as sujeitos da pesquisa com as mídias cinematográficas nas aulas de literatura. Parte-se da hipótese de que mídias cinematográficas oriundas de obras literárias incentivam a leitura das obras em seu correspondente impresso no Ensino de Literatura na Educação Básica (Ensino Médio).

Toda esta proposta inicial gera um desfecho primário: a afirmação prévia de que “os/as professores/as sujeitos levarão as mídias cinematográficas trabalhadas no evento de extensão, para uso em sala de aula, nas próprias aulas de literatura brasileira”; e como desfecho secundário apresenta a afirmação, também prévia, de que “os/as professores/as sujeitos incorporarão o uso de mídias cinematográficas ao ensino de literatura brasileira, em sua prática docente do dia-a-dia”.

As obras cinematográficas trabalhadas no evento de extensão e que encaminharam a pesquisa e a tese foram pré-selecionadas com o critério de que fossem traduções intersemióticas de obras literárias. Assim, de um rol de traduções intersemióticas optou-se pelas seguintes: *O guarani* (1996) (do livro de José de Alencar) – do Romantismo; *Macunaíma* (1969) (do livro de Mário de Andrade) – do Modernismo – 1ª. geração; *Vidas secas* (1963) (do livro de Graciliano Ramos) – do Modernismo – 2ª. geração; *A terceira margem do rio* (1997) (do conto presente no livro *Primeiras Estórias*, de João Guimarães Rosa) – do Modernismo – 3ª. geração; e *O pagador de promessas* (1962) (da obra de Dias Gomes) – da Contemporaneidade. A escolha nesta ordem é justificada

porque essas obras representam marcos na história da literatura brasileira, no decorrer do tempo e nos espaços que privilegiam em suas narrativas.

A organização nesta sequência não é uma escolha aleatória, nem inocente. Esta ordem pauta-se na cronologia das obras literárias, em sua publicação no tempo e na história da literatura, que se inicia – para efeitos desta pesquisa – no século XIX (obra *O guarani*) até a década de 1960 – século XX (obra *O pagador de promessas*). A opção por obras cinematográficas categorizadas como traduções intersemióticas acontece porque era necessário posicionar as obras em um recorte para responder à pergunta: “que obras utilizar?” Tradução intersemiótica é o que se pode definir como o resultado de um processo de transformação. Um sistema semiótico – o texto – se transforma em outro sistema semiótico – o filme. Atualmente, não são poucos os estudiosos de cinema que vêm se esforçando para “transpor as barreiras entre as duas formas de expressão, ratificando as relações entre cinema e outras narrativas” (DINIZ, 1998, p. 3).

O evento de extensão realizado em 2012 caracterizou-se como pesquisa-intervenção e chamou-se “Cinema e Literatura no Ensino Médio”, com a respectiva coleta de dados que aconteceu entre o primeiro e o segundo semestre de 2012; a realização da extensão em cinco encontros operou com a seguinte dinâmica: a cada encontro previsto trabalhou-se com os/as professores/as sujeitos um filme, a fim de analisá-lo em contraponto com a correspondente mídia impressa, as evidências práticas e profícuas do uso da mídia cinematográfica em sala de aula em seu papel de estratégia incentivadora da leitura, como também o constatar da magia advinda do conjunto de ações didáticas geradas pela organização da aula do encontro como um todo. Nas aulas desses encontros e depois delas (em movimentos intra e extraclasse) os/as professores/as sujeitos responderam questionários que geraram os dados para as análises previstas pelos objetivos propostos em projeto.

A pesquisa-ação e intervenção proposta para esta pesquisa tem em Richardson (2010, p. 68) a premissa de que

fazer pesquisa-ação significa planejar, observar, agir e refletir de maneira mais consciente, mais sistemática e mais rigorosa o que fazemos na nossa experiência diária. Em geral, duas ideias definem um bom trabalho de pesquisa: que se possa reivindicar que a metodologia utilizada está adequada à situação, e que se possa garantir de certa forma um acréscimo no conhecimento que existe sobre o assunto tratado.

Segundo Richardson (2010), isso pode ser um bom ponto de partida para a pesquisa-ação, uma vez que, como o próprio nome dá indícios, a pesquisa-ação visa a produzir mudanças (ação) e compreensão (pesquisa). Posta a reflexão sobre o método de pesquisa adotado, retorno para a reflexão teórica do objeto escolhido para a pesquisa – as mídias cinematográficas como estratégias para o ensino de literatura brasileira.

É fato que o século XX, especialmente em sua segunda metade, apresenta uma profusão de manifestações que preconizam a integração cada vez mais definida entre as artes. Neste sentido, transportar esta integração para a sala de aula, por hipótese, se configura em estratégia possivelmente bem sucedida. “O livro vai para a tela”: esta

ação tem proliferado na cultura das últimas décadas, mormente, não passa despercebida aos Estudos Culturais, que fundamentam este trabalho de pesquisa, atraindo a obra cinematográfica do espaço das margens para o interior da sala de aula, no ensino de literatura, na atitude de instigar, motivar e cativar o aluno para o gosto pela imagem, pela leitura e pelo conjunto da obra. Sobre esta intensa presença dos Estudos Culturais em Educação, Costa (2011) pergunta que território é este que estabelece relações entre esses dois campos que ainda permanecem curiosamente contraditórios, uma vez que a educação ainda é subenfatizada no circuito desses estudos em termos de relações históricas entre os dois campos. Todavia, as produções de estudos expandem-se velozmente nos círculos da educação.

Sarlo (1997) apresenta a escola como tema e a relaciona com os estudos de literatura, consoante a seu pensamento analítico e, de certa forma, lamenta uma escola perdida que, não somente teria se configurado em instrumento de dominação, como também, na América Latina, “um lugar simbolicamente rico e socialmente prestigioso” que também “distribuía saberes e habilidades que os pobres só podiam adquirir por meio dela” e ainda “um espaço laico, gratuito e teoricamente igualitário onde os setores populares puderam apropriar-se de instrumentos culturais que não deixariam de empregar para seus próprios fins e interesses” (SARLO, 1997, p. 116-117). Segundo Rama (2001, p. 247):

As obras literárias não estão fora das culturas, mas as coroam, e na medida em que essas culturas são invenções seculares e multitudinais, fazem do escritor um produtor que trabalha com as obras de inumeráveis homens.

Esta afirmação contribui para a forma como é pensada a questão do ensino de literatura em consonância com o uso de obras cinematográficas (traduções intersemióticas de obras literárias) na sala de aula, uma vez que tais obras se inserem de forma confortável na contemporaneidade, dada sua característica de mídia que contribui significativamente para os processos de ensino e de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em se tratando dessa educação enfatizada pelos Estudos Culturais que estuda a Educação, a Literatura e o Cinema, o/a aluno/a se configura em leitor/a, em dado momento: faz a leitura da escrita sobre o papel; mas possível é, também, outra leitura; uma leitura metafórica que se faz por sobre a arte das telas e sobre a imagem que toma corpo, luz, cor e voz. Estes ingredientes não estão presentes na obra escrita. São subjetivamente constituídos pelo/a leitor/a no momento em que procede à leitura da obra no papel ou no *e-book*. Ao se transformar em apreciador/a da obra cinematográfica, o/a aluno/a vai se configurar no/a espectador/a e, para tanto, se transforma em parcela consolidada de outro processo de significação que lhe fornece elementos não presentes na obra escrita.

Ao que leu no suporte escrito (obra literária) vai adicionar aquilo que percebeu na obra cinematográfica: o que viu, ouviu e sentiu. Estabelece relações entre as obras de arte literária e cinematográfica e usufrui da percepção imagética e sonora, dotando

de subjetividade e significação o que elabora. O evento de extensão em sua etapa de 2012 deu conta dessas relações baseadas no lastro dos Estudos Culturais e presentes no cinema e na literatura dentro da escola e conclui-se afirmando que a etapa de 2014 trilhará o mesmo caminho metodológico e público-alvo semelhante. Aproveita-se para ilustrar os trabalhos realizados e concluir o trabalho.



Figura 1. Fôlder Extensão Universitária – UTFPR.

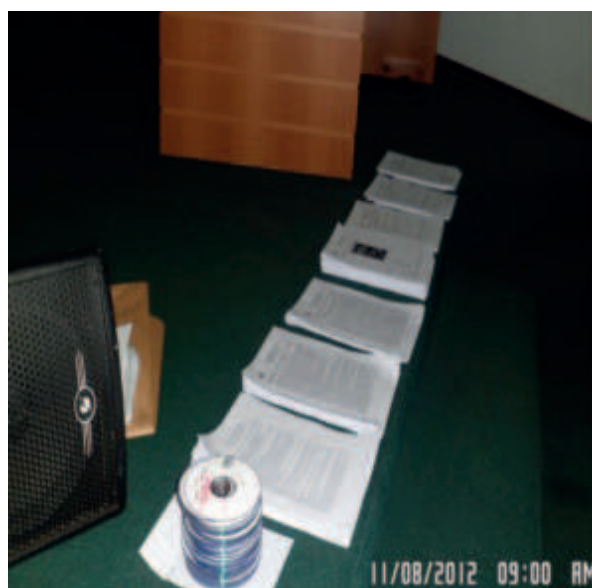


Figura 2. Evento Extensão. Organização dos materiais.

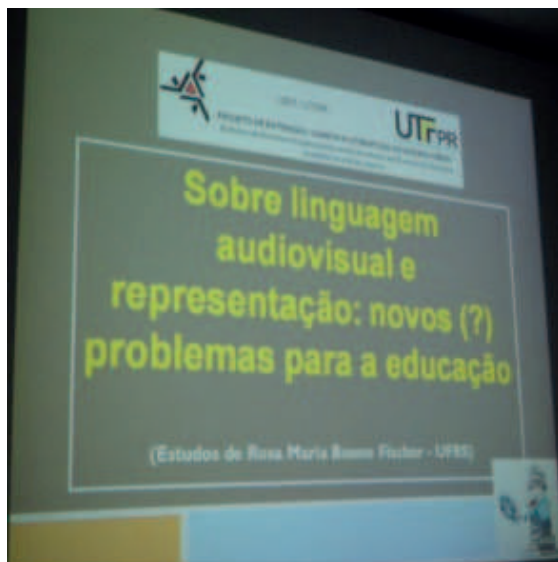


Figura 3. Evento Extensão. Linguagem audiovisual.



Figura 4. Participantes do Evento Extensão – exibindo um filme.

REFERÊNCIAS

DINIZ, Thaís Flores Nogueira. Tradução intersemiótica: do texto para a tela. **CADERNOS DE TRADUÇÃO**, Florianópolis, n. 3, p. 313-338, 1998.

AGUIAR, Flávio; VASCONCELOS, Sandra Guardini T. (Org.). **Ángel Rama: literatura e cultura na América Latina**. Trad. Raquel La Corte dos Santos e Elza Gaparotto. São Paulo: EDUSP, 2001.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Como fazer pesquisa-ação**. Disponível em: <<http://jarry.sites.uol.com.br/pesquisacao.htm>>. Acesso em: 20 mar. 2012.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna** – intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

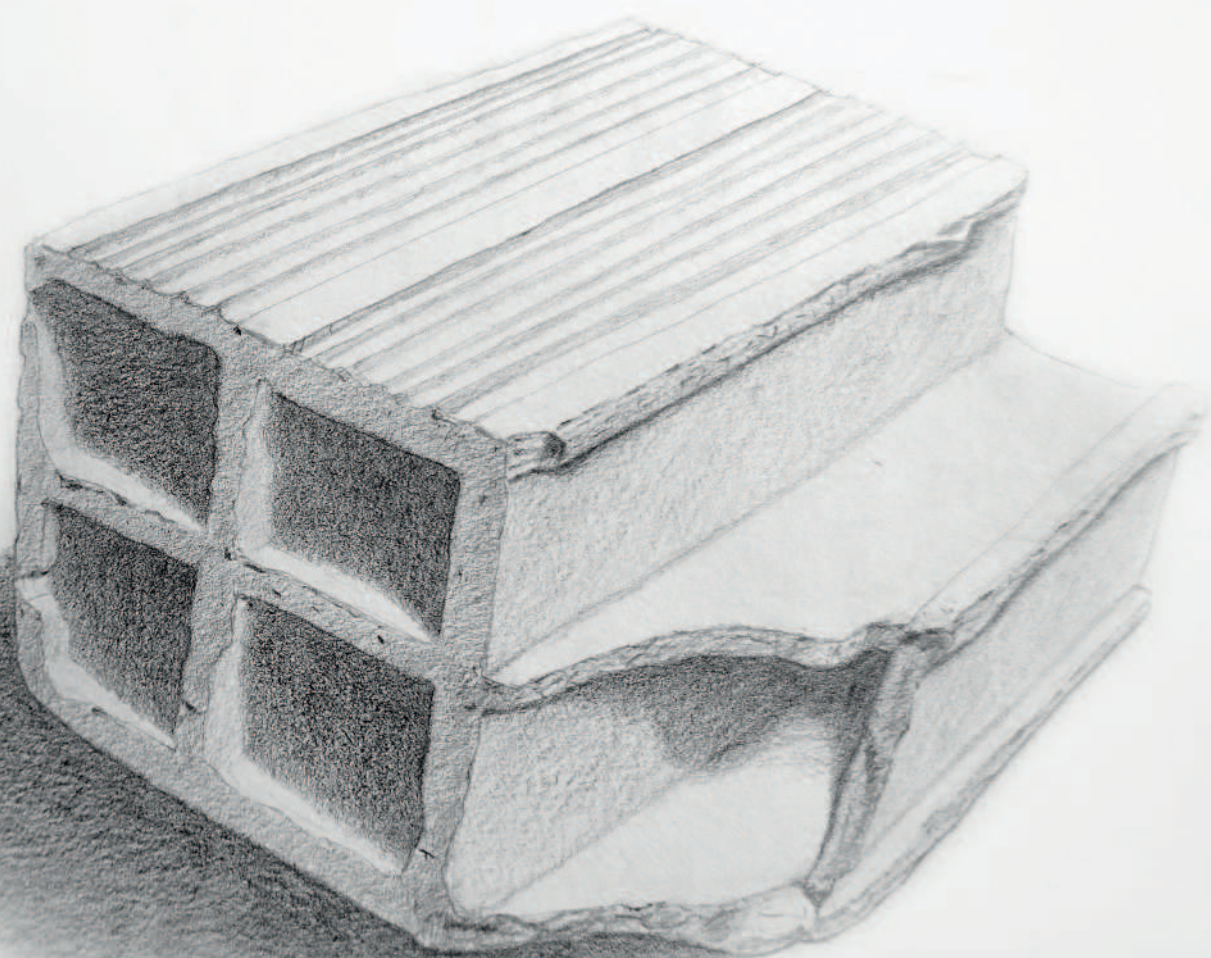
COMO CITAR ESTE RELATO:

NICODEM, Maria Fatima Menegazzo; TERUYA, Teresa Kazuko. A obra literária no caminho do cinema: extensão universitária com docentes da rede pública de ensino do Paraná. **Extramuros**, Petrolina-PE, v. 2, n. 1, p. 51-58, jan./jun. 2014. Disponível em: <informar endereço da página eletrônica consultada>. Acesso em: informar a data do acesso.

Recebido em: 7 fev. 2014.

Aceito em: 19 jun. 2014.

Artigos



Percepção e educação ambiental para a conservação dos recursos hídricos e da biodiversidade de um ecossistema aquático

Hoelison Vidal da Silva¹
Maíra Figueiredo Goulart²

¹ Graduado em Ciências Biológicas, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. E-mail: hoelisonsilva@yahoo.com.br.

² Doutora em Ecologia, Conservação e Manejo de Vida Silvestre; professora do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. E-mail: maira.goulart@ufvjm.edu.br.

Agradecemos aos alunos e professores da Escola Estadual Dom João Antônio; aos colegas que auxiliaram na realização das atividades educativas: A. A. Azevedo, A. R. Garraffoni, C. A. Bispo, M. Becheleni, P. S. Carocci, S. de Paula e T. Quintão; ao M. Becheleni pela produção do vídeo; ao Instituto Biotrópicos e à FAPEMIG pelo apoio financeiro. O projeto é parte das ações do Centro de Educação Ambiental Sala Verde Diamantina, coordenado pelo Instituto Biotrópicos.

RESUMO

São Gonçalo do Rio Preto é um município no norte de Minas Gerais que detém diversas nascentes d'água, entre elas a do rio homônimo. Nosso objetivo foi realizar atividades de Educação Ambiental com alunos do ensino médio do município sobre o Rio, sua biodiversidade e impactos ambientais. Primeiramente, diagnosticamos a percepção ambiental e o conhecimento dos alunos sobre a natureza local por meio de questionário. O resultado do diagnóstico possibilitou a elaboração de atividades que atendessem às carências e estimulassem as potencialidades detectadas. As atividades consistiram em aula prática na margem do Rio Preto sobre bioindicadores de qualidade de água, aplicação de Protocolo de Avaliação Rápida da Diversidade de Habitats, palestra e debate. Os alunos se mostraram entusiasmados, curiosos e participativos, as atividades propiciaram que eles enxergassem o ambiente ao seu redor com um olhar mais crítico e aguçado.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Percepção Ambiental; Recursos hídricos.

Environmental perception and environmental education for conservation of water resources and biodiversity of an aquatic ecosystem

ABSTRACT

São Gonçalo do Rio Preto is located in the north of Minas Gerais State; this city holds several water springs, including Rio Preto's. Our goal was to conduct environmental education activities with students from a secondary school about the river, its biodiversity and human impacts. First, we diagnosed the environmental perception and knowledge of students about the local nature through a questionnaire. The result of the diagnosis enabled the development of activities that attended students' needs and stimulate their potentials. The activities consisted of a practice about bioindicators of water quality, application of Rapid Habitat Diversity Evaluation Protocol, lecture and discussion. The students were enthusiastic, inquisitive and participative; the activities propitiated a more critical point of view about their local reality.

Keywords: Environmental Education; Environmental Perception; Water Resources.

INTRODUÇÃO

O crescimento da população humana, aliado ao modo de produção e consumo, tem resultado em graves degradações dos ambientes naturais e, com frequência, também dos recursos hídricos, trazendo inúmeras implicações econômicas, sociais, políticas e culturais além do impacto sobre a biodiversidade (BECKER e PAGNOSIN, 2004). A Educação Ambiental (EA), partindo da problematização das formas de relacionamento das comunidades humanas com os recursos hídricos, pode viabilizar a compreensão e a sensibilidade da sociedade para com a natureza e promover práticas baseadas na racionalidade e justiça (BERLINCK et al., 2003; GUERRA e ABÍLIO, 2006).

Considerando toda a importância da temática ambiental e a visão integrada do mundo no tempo e espaço, as escolas se destacam como espaços privilegiados na implementação de atividades que propiciem uma reflexão acerca dos problemas atuais (DIAS, 1992). Segundo Mesquita e Mendes (2010) a EA na escola permite a formação de indivíduos aptos a responderem aos desafios colocados pelo tipo de desenvolvimento da sociedade atual. Além disso, ela propicia aos sujeitos, desde o início do processo de ensino, o conhecimento do ambiente em que vivem, enfatizando que a degradação leva a uma forma de relação predatória com a natureza. Portanto, é importante desenvolver nas escolas ações que valorizem e evidenciem aspectos sociocultural-ambientais locais, na busca da formação de sujeitos críticos e reflexivos quanto à sua realidade e seu papel na sociedade.

Para que a EA seja efetiva é necessário conhecer o público com o qual se vai trabalhar, investigando a sua capacidade de perceber, conhecer e se relacionar com o ambiente. Por isso, Torres e Oliveira (2008) recomendam que projetos de EA busquem um conhecimento prévio sobre as relações existentes entre o homem e a natureza no local, bem como as manifestações e expectativas em relação à conservação do meio ambiente. Só assim será possível adequar ações de Educação Ambiental às necessidades específicas de cada grupo, contribuindo para que as atitudes necessárias sejam tomadas de forma coerente.

No presente trabalho abordamos questões relacionadas à conservação dos recursos hídricos e da biodiversidade em ecossistemas aquáticos em São Gonçalo do Rio Preto, Minas Gerais, uma cidade que detém várias nascentes, dentre elas a do rio homônimo. Nossos objetivos foram: 1) diagnosticar a percepção ambiental dos alunos de forma a garantir que as atividades educativas desenvolvidas atendessem as carências do público alvo e estimulassem suas potencialidades; 2) desenvolver atividades de Educação Ambiental e divulgação científica que transmitissem informações de maneira interessante e acessível e que proporcionassem uma reflexão histórica e social sobre a conservação da natureza, bem como mudanças de comportamento em relação à mesma.

METODOLOGIA

Público

Nosso público alvo foram 60 estudantes das duas turmas do 2º. ano do ensino médio da Escola Estadual Dom João Antônio dos Santos de São Gonçalo do Rio Preto, com os quais trabalhamos ao longo dos meses de março e abril de 2012.

São Gonçalo do Rio Preto é situado ao norte do estado de Minas Gerais, apresenta cerca de 314 km² e pouco mais de 3 mil habitantes (IBGE, 2010). O município é conhecido pelos seus atrativos naturais, como o Rio Preto. Esse é um Rio que nasce no próprio município e percorre toda sua extensão, inclusive sua porção urbana, apresenta água de boa qualidade não apenas utilizada para atividades domésticas, mas também para o lazer da população local e de visitantes. Uma das atrações que o Rio Preto oferece na porção urbana do município é a praia do Lapeiro, localizada a 1 km do centro da cidade. Nela são desenvolvidas atividades de recreação, havendo estrutura adequada para banho, práticas esportivas e refeições. Em 1991 o Rio Preto foi declarado Rio de Preservação Permanente pela prefeitura municipal, concretizando o grande interesse da comunidade riopretana. Esta ação culminou na necessidade de proteger a nascente do Rio e em 01 de junho de 1994 foi criado o Parque Estadual do Rio Preto (Decreto n°. 35. 611/1994). O Parque, gerido pelo Instituto Estadual de Florestas e localizado a 15 km da parte urbana do município, abrange 12.185 hectares e está aberto à visitação desde 2002.

Percepção ambiental e conhecimento da natureza local

Solicitamos aos estudantes que respondessem, de forma voluntária e anônima, um questionário com as seguintes perguntas: Para você, o que é meio ambiente? Você acha importante preservar o meio ambiente? Por quê? O que você sabe sobre o Rio Preto? Que tipo de plantas e animais existem na bacia do Rio Preto? O que você entende por Educação Ambiental? Na sua escola são desenvolvidas atividades de Educação Ambiental? Se sim, quais?

Para a análise das percepções sobre os conceitos de meio ambiente e EA, tomou-se como referencial as categorias utilizadas por Sauv  (2005) com modificações. Esta categorização se deu através da identificação de termos-chaves e similaridades presentes nas respostas dos alunos. Foram identificadas respostas que se enquadraram na categoria de meio ambiente como “Natureza”. Nessa percepção o ambiente é algo “puro”, são considerados apenas seus aspectos naturais e físico-químicos, excluindo o ser humano do contexto. Na categoria “Local para viver”, o meio ambiente é o espaço habitado pelo homem, a vida cotidiana, como a escola, o bairro, etc.

Quanto ao conceito de Educação Ambiental, as respostas foram classificadas nas categorias “Ecoeducação”, na qual está inserida a visão de uma educação voltada para o ensino de atitudes de cuidado com o meio ambiente; “Resolutiva”, que envolve ações de respeito e cuidado com o meio ambiente; e “Sensibilização/conscientização”, visão de educação voltada para a sensibilização e consciência das pessoas em relação à temática ambiental. Tanto para o conceito de meio ambiente quanto para o de EA, foram classificadas como “Outras” as respostas que não se enquadraram nas categorias citadas acima.

Quanto à questão do porquê conservar o meio ambiente, foram adotadas as classificações propostas por Machado (1982), sendo “Amor”, quando as pessoas conservam porque gostam, julgam bonito, independentemente do meio ambiente ser útil, ou seja, conservam puramente por relações afetivas; e “Temor”, quando fazem isso porque temem o desequilíbrio ecológico e os prejuízos que as devastações possam causar à vida humana.

Atividades educativas

Utilizamos o diagnóstico da percepção ambiental e conhecimento da natureza local para planejar o desenvolvimento de atividades educativas que atendessem ao público, valorizando as potencialidades e buscando sanar as deficiências detectadas. As atividades, realizadas em três encontros, foram:

A - Aula prática no Rio Preto: o objetivo foi apresentar a riqueza da biodiversidade do Rio, levando os alunos para coletar e analisar invertebrados presentes em seu leito. Buscou-se trabalhar com macro e micro invertebrados porque são organismos bioindicadores de qualidade ambiental, são didáticos, curiosos, tem uma morfologia simples, são fáceis de serem coletados e visualizados – alguns mesmo a olho nu.

B - Protocolo de Avaliação Rápida da Diversidade de Habitats: é um questionário utilizado para quantificar os níveis de impactos humanos, bem como a estrutura e funcionamento dos ecossistemas aquáticos. O protocolo é uma ferramenta de cunho prático e de fácil compreensão, podendo ser utilizado tanto em atividades de pesquisa quanto de ensino (CALLISTO et al., 2002) e que aqui foi aplicado com o objetivo de proporcionar uma reflexão sobre os impactos sofridos no trecho urbano do Rio Preto.

C - Palestra e debate: o objetivo foi consolidar informações sobre o ciclo da água, sua distribuição e escassez no mundo, bem como o conceito de bacia hidrográfica e características da bacia do Rio Preto. A atividade foi finalizada com uma reflexão sobre a Declaração Universal dos Direitos da Água, um documento criado pela Organização das Nações Unidas cujo texto apresenta uma série de medidas, sugestões e informações que servem para despertar a consciência para a questão da água.

Por fim, convidamos os alunos a avaliar as atividades respondendo, de forma voluntária e anônima, um questionário com as perguntas: O que você achou das atividades? Você aprendeu coisas novas? Se sim, exemplifique. Você acha importante o desenvolvimento de atividades como essa na sua escola? Se sim, quais temas você gostaria que fossem abordados e com qual frequência? E, ao final, um espaço para expressar livremente opinião, críticas e sugestões.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Percepção ambiental e conhecimento da natureza local

Verificamos que a maioria dos alunos (cerca de 60%) percebe meio ambiente como “Natureza” apresentando uma visão de ambiente no qual o ser humano não está incluído, dando respostas como: “É o espaço onde existe vários tipos de animais e plantas, uma floresta” e “Meio ambiente é animais, plantas, rios...”. Menos comum foi

a percepção de meio ambiente enquanto “Lugar para viver” (14% das respostas) que privilegia a visão do ambiente da vida cotidiana, como “É a natureza onde nós habitamos”. No restante, 17% das respostas apresentaram uma visão que não se enquadra nas categorias propostas (por exemplo “Meio ambiente é preservar a natureza”) e 8% dos alunos não responderam à questão. Com esse diagnóstico observamos que, de maneira geral, a percepção de meio ambiente dos alunos não inclui a interdependência entre os elementos naturais e os aspectos sociais. Estudos com diferentes públicos mostram que essa visão é frequente na sociedade em geral (BERGMANN e PEDROZO, 2007; MACHADO FILHO et al., 2001; BEZERRA e GONÇALVES, 2007; OENNING e CARNIATTO, 2011), na qual a consciência de pertencimento à natureza pelo homem ainda é restrita. Mudar essa realidade é essencial visto que se ver como parte integrante da natureza é um passo primordial para que as pessoas repensem suas atitudes em relação ao ambiente.

Quando questionamos sobre o porquê da importância de preservar o meio ambiente, a maioria dos alunos (72%) demonstrou ter atitude de preservação por sentirem “Temor” pelos prejuízos que o ser humano pode sofrer estando o ambiente degradado, como no depoimento “Para preservar a vida humana, pois sem a natureza não iríamos viver” e “Porque tudo que precisamos vem dele”. Apenas cerca de 20% dos alunos demonstraram preservar por “Amor”, como em “Porque independente do meio em que vivemos o meio ambiente exige cuidado, pois nele habitam seres de diferentes espécies”. Os restantes 8% dos alunos não responderam à questão. Verificamos, portanto, que ambiente é geralmente considerado como algo necessário à sobrevivência humana e é pouco percebida a necessidade de preservá-lo também para que os outros seres vivos tenham direito à vida. Sato (2002) argumenta que a visão reducionista sobre a questão ambiental é fruto de uma educação fragmentada, incapaz de realizar uma análise histórica das situações ambientais como produto do processo histórico da humanidade. Assim, faz-se necessário trabalhar a Educação Ambiental de forma a levar o aluno a explorar e redescobrir sua realidade, com um olhar renovado e ao mesmo tempo apreciativo e crítico sobre as relações que se mantém com o lugar em que se vive.

Verificamos que de maneira geral, para os alunos, Educação Ambiental são as atitudes que devemos ter em relação ao ambiente (“Resolutiva”, 25% das respostas) ou o processo de ensinar as pessoas sobre o meio ambiente (“Ecoeducação”, 25% das respostas). Menos frequente é a visão “Conscientização/Sensibilização” (12%) e cerca de um terço das respostas não se enquadraram em nenhuma das categorias propostas. Alguns exemplos das respostas dos alunos estão na Tabela 1. Os dados reforçam os achados de Florentino e Abílio (2001), Barros e Silva (2009), Fiori (2002) de que diferentes públicos demonstram não ter um conhecimento de toda a complexidade do processo de Educação Ambiental, que envolve, além de transmissão de conhecimentos e informações, também discussão política, histórica, construção de valores e habilidades. Esse cenário de dificuldades na compreensão do processo é complementado pela frequente dificuldade em se realizar Educação Ambiental contínua e efetiva nas escolas em todo o Brasil e, inclusive, na de São Gonçalo do Rio Preto. Nosso diagnóstico mostra que a maioria dos alunos (64%) desconhecem a realização de atividades de Educação Ambiental em sua escola e os demais alegam que elas são bem raras, como nos depoimentos “[...] só que foi há muito tempo atrás, as pessoas do IEF fizeram uma apresentação sobre meio ambiente” e “Apenas uma vez a professora de geografia nos levou para plantar árvores na beira do rio”. A literatura mostra que as possíveis causas

de práticas de Educação Ambiental serem pouco frequentes e pouco efetivas nas escolas brasileiras em geral são falta de tempo dos professores, de preparação durante sua formação, falta de cursos de capacitação que abordem a temática ambiental, ou então a dificuldade que algumas escolas têm em compreender realmente o que é Educação Ambiental e a forma como ela deve ser trabalhada (BERGMANN e PEDROZO, 2007; BEZERRA e GONÇALVES, 2007; BIONDO et al., 2010).

Categoria	Exemplo de respostas
Resolutiva	<p>“Educação do ambiente, não desmatar, não poluir, cuidar bem...”.</p> <p>“É o ato de preservar, cuidar, não agredir, evitando caças, desmatamento, lixo em lugar indevido...”.</p>
Ecoeducação	<p>“É a educação que estuda o ambiente e o espaço em que vivemos”.</p> <p>“O que estuda o meio ambiente”.</p>
Conscientização/Sensibilização	<p>“É usar de maneira consciente a natureza”.</p> <p>“Eu entendi que é preciso preservar”.</p>
Outros	<p>“Aspectos sobre o meio ambiente”.</p> <p>“São pessoas que cuidam do meio ambiente”.</p>

Tabela 1. Exemplos de respostas classificadas nas diferentes categorias de percepção do conceito de Educação Ambiental dadas por alunos do ensino médio da Escola Estadual Dom João Antônio dos Santos, de São Gonçalo do Rio Preto, MG.

Observamos que a maior parte dos alunos tem um conhecimento reduzido da natureza da região. Quando questionamos o que sabiam sobre o Rio Preto, foram comuns respostas superficiais como “Que ele é protegido pelo parque”, “É um rio que a água dele é escura” e “É um rio bonito e às vezes fica muito cheio”. E quando solicitamos que citassem exemplos de plantas e animais da região, um terço dos alunos não respondeu e, dentre os demais, maioria respondeu utilizando termos genéricos como “aves” e “peixes”.

A falta de conhecimento sobre a natureza local pode estar relacionada ao fato de que o conteúdo didático não ser regionalizado. Os professores não têm acesso ao conhecimento e a materiais que tratem da sua própria região e nem mesmo diretrizes sobre a importância de se incorporar o debate de temas locais em suas aulas, o que contribui para a falta de informação dos alunos. No caso específico do público avaliado, o desconhecimento é preocupante por se tratar de um município com uma importante unidade de conservação, o Parque Estadual do Rio Preto, em uma região reconhecida como Reserva da Biosfera e prioritária para conservação por abrigar espécies endêmicas, raras e ameaçadas de extinção.

Segundo Santos (1997) os primeiros passos para a definição de um processo educativo são reconhecer as múltiplas realidades da paisagem das comunidades e investigar sua percepção ambiental e dos impactos das atividades locais. Os resultados desse diagnóstico puderam assim apoiar a compreensão das representações socioambientais,

bem como as carências e potencialidades no que tange ao conhecimento da natureza local. Foi possível, portanto, planejar ações educativas que fossem efetivas em atender o público em questão.

Atividades educativas

Para a realização da aula prática no Rio Preto, os alunos caminharam da escola até a Praia do Lapeiro. Em quiosques públicos à beira do Rio foi montado um laboratório com lupas, microscópios ópticos, câmeras e projetor. Após explicação sobre os objetivos da aula e uso dos instrumentos, convidamos os alunos a entrar no Rio e fazer coleta de amostras de água e sedimentos no leito utilizando rede de varredura. O entusiasmo e a curiosidade deles foram marcantes. O material coletado foi levado à lupa e ao microscópio óptico e revelou a ocorrência de vários micro e macro invertebrados como protozoários, larvas de insetos, hemípteras, rotíferos e gastrotrícas. Comentou-se sobre a diversidade e importância desses organismos no ambiente, bem como a observação de sua morfologia externa e locomoção. Discutiu-se também a importância desses organismos como bioindicadores de qualidade de água, ou seja, são muito sensíveis aos fatores do meio, como temperatura, vegetação circundante, poluição, etc., sendo que a abundância e diversidade de certas espécies fornecem dados sobre o grau de conservação do ecossistema. A atividade foi documentada em vídeo e foi elaborado um clipe³. A aplicação do Protocolo de Avaliação Rápida da Diversidade de Habitats foi feita de forma coletiva, sendo cada pergunta do questionário debatida pelo grupo até se alcançar uma resposta consensual. Ao longo do desenvolvimento dessa atividade, conceitos como assoreamento, eutrofização, mata ciliar, entre outros, foram apresentados e discutidos. A análise dos resultados do Protocolo mostrou que o trecho urbano do Rio Preto está alterado pela ação humana.

³ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=4ZW-FeYsnIgI>>.

A palestra e debate foram atividades interativas que ocorreram em sala de aula. Discutimos amplamente as características do ciclo da água, escassez e degradação do recurso hídrico, características da bacia do Rio Preto, enfocando sua importância, local de nascente e foz. Finalizamos com uma reflexão sobre a Declaração Universal dos Direitos da Água.

Com o desenvolvimento dessas três atividades a temática água pôde ser tratada de forma abrangente, diversificada e, especialmente, dentro da realidade local. Ao trabalhar com a realidade local, oferecemos aos alunos um universo acessível, contribuímos assim na construção e aplicação do seu próprio conhecimento. Conforme Bergmann e Pedrozo (2007), a abordagem de bacias hidrográficas como unidades representativas próximas à realidade vivida pela comunidade, torna-se um referencial para a análise dos problemas ambientais e para o ensino e pesquisa em EA.

A utilização da metodologia de percepção e Educação Ambiental através de bacias hidrográficas como unidades de estudo tem dado resultados positivos e deve se estender, pois o espaço da bacia é extremamente rico para a discussão e percepção do ambiente, o que muitas vezes somente na sala de aula não seria possível aprender. Vários trabalhos como o de Oliveira et al. (2011), Lucatto e Talamoni (2007), Mesquita e Mendes (2010) ressaltam a validade de se trabalhar em ambientes como estes. De fato, nosso trabalho propiciou aos alunos enxergarem o ambiente ao seu redor com um olhar mais crítico e aguçado, como demonstrado nos depoimentos “Aprendi muitas coisas novas, por exemplo tem vida em lugares que eu nem imaginava, que o Rio Preto

ainda é um bom rio” e “Foi muito bom, até mesmo para ajudar a conhecermos mais o nosso próprio rio, não imaginava que existiria tanta vida em nosso rio”. Os alunos sugeriram que as atividades de Educação Ambiental devem acontecer com frequência e ressaltaram o entusiasmo com o manuseio de lupas e microscópios, instrumentos que despertam muito interesse e que não acessíveis na rotina escolar. Também manifestaram satisfação com a realização de atividades no próprio rio, alegando que o trabalho no campo foi envolvente e os motivou à exploração do ambiente local.

REFERÊNCIAS

BARROS, J. S.; SILVA, M. F. P. Educação para a sustentabilidade ambiental e social em Cachoeira dos Índios – PB. **Revista Brasileira de Gestão Ambiental**, v. 3, n. 1, p. 38-44, 2009.

BECKER, E. L. S; PAGNOSIN, E. M. **Percepção ambiental dos moradores do entorno da Barragem “Val de Serra” Itaara-RS**. Junho de 2004. Disponível em: <<http://sites.unifra.br/Portals/35/Artigos/2004/41/percepcao.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2012.

BERGMANN, M.; PEDROZO, C. S. Percepção ambiental de estudantes e professores do município de Giruá, RS. **Revista Eletrônica do Mestrado de Educação Ambiental**, v. 19, p. 139-156, 2007.

BERLINCK, N. C.; CALDAS, A. L. R; MONTEIRO, A. H. R. R.; SAITO, C. H. Contribuição da educação ambiental na explicitação e resolução de conflitos em torno dos recursos hídricos. **Ambiente e Educação**, v. 8, p. 117-129, 2003.

BEZERRA, T. M. O.; GONÇALVES, A. A. C. Concepções de meio ambiente e educação ambiental por professores da Escola Agrotécnica Federal de Vitória de Santo Antão-PE. **Revista Biotemas**, v. 20, n. 3, p. 115-1125, 2007.

BIONDO, E.; OLIVEIRA, E. C.; HARRES, J. B. S.; MARCHI, M. I. Dificuldades percebidas pelos professores da educação básica do Vale do Taquari/RS na aplicação de projetos de educação ambiental. **Educação Ambiental em Ação**, n. 34, 2010.

CALLISTO, M.; FERREIRA, W. R.; MORENO, P.; GOULART, M.; PETRUCCIO, M. Aplicação de um protocolo de avaliação rápida da diversidade de habitats em atividades de ensino e pesquisa (MG-RJ). **Acta Limnologica Brasiliensia**, v. 14, n. 1, p. 91-98, 2002.

DIAS, G. F. **Educação ambiental: princípios e práticas**. São Paulo, Gaia, 1992.

FIORI, A. **Ambiente e educação: abordagens metodológicas da percepção ambiental voltadas a uma unidade de conservação**. Dissertação (Mestrado em Ecologia e Recursos Naturais), Universidade Federal de São Carlos, SP, 2002.

FLORENTINO, H. S.; ABÍLIO, F. J. P. Percepção ambiental dos alunos do ensino médio da Escola Estadual Dr. Trajano Nobrega, município de Soledade – PB, sobre os conceitos de Meio Ambiente e Educação Ambiental. In: **X Encontro de Extensão da Universidade Federal da Paraíba**, 2001.

GUERRA, R. A. T.; ABÍLIO, F. J. P. **Educação ambiental na escola pública**. João Pessoa: Foxgraf, 2006. 233 p.

LUCATTO, L. G.; TALAMONI, J. L. B. A construção coletiva interdisciplinar em educação ambiental no ensino médio: a micro-bacia hidrográfica do ribeirão dos peixes como tema gerador. **Ciência & Educação**, v. 13, n. 3, p. 389-398, 2007.

MACHADO, A. B. M. Conservação da natureza e educação. In: **Congresso Nacional sobre Essências Nativas**, Campos do Jordão, 1982. p.109-108.

MACHADO FILHO, H. O.; QUEIROZ, D. R.; GUERRA, R.A.T.; PEREIRA, M. G.; SIBRÃO, E. A. Educação ambiental para um futuro melhor: formação de uma consciência cidadã e ambiental na escola pública. In: **XI Encontro de Iniciação à Docência**, Universidade Federal da Paraíba, 2001.

MESQUITA, A. P.; MENDES, E. P. P. Educação Ambiental nas escolas: uma análise de como é trabalhada a questão ambiental nas redes públicas de ensino no município de Catalão (GO). **I Simpósio Nacional de Ciência e Meio Ambiente: Progresso, Consumo e Natureza – Desafios ao homem**, 2010.

OENNING, V.; CARNIATTO, I. Implicações das representações sociais de meio ambiente na relação homem-natureza para a educação ambiental: um estudo a partir das definições de alunos moradores da zona rural do Paraná. **Educação ambiental em ação**, n. 38, 14 dez. 2011.

OLIVEIRA, L. H. M; ANDRADE, M. A.; PAPROCKI, H. Biomonitoramento participativo, com insetos aquáticos como bioindicadores de qualidade da água, realizado com alunos da escola municipal José Pedro Gonçalves, comunidade do Parauninha, Conceição do Mato Dentro, MG. **Ambiente & Educação**, v. 16, n. 2, 2011.

SANTOS, R. S. Educação ambiental, zoneamento ecológico-econômico e planejamento em áreas urbanas. In: **Fórum de Educação Ambiental/Encontro da Rede Brasileira de EA, IV**, 1997, Rio de Janeiro. Anais Rio de Janeiro. Organização Associação Projeto Roda Viva, Instituto Ecoar para a Cidadania, Instituto de Estudos Sócio-Econômicos – Inesc. 1997. p. 123-128.

SATO, M. **Educação ambiental**. São Carlos: Rima. 2002.

SAUVÉ, L. Educação Ambiental: possibilidades e limitações. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 317-322, 2005.

TORRES, D. F.; OLIVEIRA, E. S. Percepção ambiental: instrumento para educação ambiental em unidades de conservação. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 21, p. 227-235, 2008.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

SILVA, Hoelison Vidal da; GOULART, Maíra Figueiredo. Percepção e educação ambiental para a conservação dos recursos hídricos e da biodiversidade de um ecossistema aquático. **Extramuros**, Petrolina-PE, v. 2, n. 1, p. 60-69, jan./jun. 2014. Disponível em: <informar endereço da página eletrônica consultada>. Acesso em: informar a data do acesso.

Recebido em: 4 abr. 2014.

Aceito em: 30 jun. 2014.

Educação alimentar e nutricional em uma feira livre em Petrolina - Pernambuco

Andressa Rodrigues Ramos Reis¹
Marianne Louise Marinho Mendes²
Cristhiane Maria Bazílio de Omena Messias³

¹ Discente do curso de Nutrição da Universidade de Pernambuco (UPE), Petrolina – PE, Brasil. E-mail: dessar3@hotmail.com.

² Doutora em Ciências e Tecnologia de Alimentos. Docente do curso de graduação em Nutrição da Universidade de Pernambuco (UPE), Petrolina – PE, Brasil. E-mail: marianne.marinho@gmail.com.

³ Doutora em Ciências; Docente do curso de graduação em nutrição da Universidade de Pernambuco (UPE), Petrolina – PE, Brasil. E-mail: crisbomena@hotmail.com.

RESUMO

A manutenção da saúde depende da ingestão de alimentos quantitativa e qualitativamente adequados. Neste âmbito, a educação nutricional é um desafio e deve abordar desde a escolha do alimento, passando pelo tratamento após aquisição e forma de preparo. Objetivou-se promover a educação alimentar e nutricional informando a população sobre os alimentos comercializados em uma feira livre em Petrolina–PE. Foram identificados os alimentos comercializados na feira e as dúvidas sobre a utilização dos mesmos. Posteriormente materiais educativos foram elaborados para esclarecimento das dúvidas, sendo utilizados nas atividades de educação nutricional. Foi observado o desconhecimento de alguns benefícios dos alimentos e relatadas dúvidas sobre as formas de uso. A relevância do projeto foi verificada pela avaliação positiva realizada pelos entrevistados. Conclui-se que a educação nutricional é uma necessidade pungente, objetivando-se o desenvolvimento de uma população crítica e que utilize na sua rotina instruções básicas que beneficiem sua vida.

Palavras-chaves: Alimentos; Educação Alimentar e Nutricional; Nutrientes.

Food and nutrition education in a street market in Petrolina - Pernambuco

ABSTRACT

The health maintenance depends on the daily adequate intake food. Nutritional education is a challenge and should focus on the choice of food, the treatment of these after purchase, the way to prepare them to enjoy their nutritional potential. The objective was to promote food and nutrition education to inform the public about the food sold in a street market. It began with the identification of the food sold and subsequent detection of questions about these foods. Educational materials were designed to clarify the doubts and then were delivered in nutrition education activities. It was observed that many people are unaware of the benefits of some foods and reported questions about the way to prepare them. It is concluded that nutrition education is a poignant necessity, aiming to develop a critical population who are able to use basic instructions that benefit their quality of life.

Key words: Food; Food and Nutrition Education; Nutrients.

INTRODUÇÃO

A manutenção da integridade e saúde do homem depende da ingestão diária de alimentos que sejam quantitativa e qualitativamente adequados, saudáveis, e que não coloquem em risco a saúde do consumidor (APLEVICZ; SANTOS; BORTOLOZO, 2008). O hábito alimentar vem sofrendo alterações ao longo dos tempos, em virtude da diminuição do tempo destinado para preparação adequada e ingestão de alimentos, o que proporciona o aumento do risco de doenças crônicas não transmissíveis (DCNTs) (JAIME et al., 2007; SCHMITZ et al., 2008).

As DCNTs variam quanto à gravidade: algumas são debilitantes, outras incapacitantes e algumas letais afetando muitos sistemas do corpo humano incluindo desde cárie dentária, obesidade, diabetes, hipertensão arterial, acidentes cerebrovasculares, osteoporose, câncer de muitos órgãos e doenças coronarianas (BRASIL, 2008). Deste modo, recuperar hábitos mais saudáveis é um desafio que a sociedade deve enfrentar com urgência e, para isso, pode contar com o apoio de profissionais aptos para fornecer uma educação alimentar e nutricional adequada (SANTOS, 2005).

A educação alimentar e nutricional (EAN) é considerada uma medida de alcance coletivo com a finalidade de proporcionar os conhecimentos necessários e a motivação coletiva para formar atitudes e hábitos de uma alimentação sadia, completa, adequada e variada (BOOG, 1999). As escolhas alimentares, a quantidade dos alimentos, o tempo e o intervalo para comer, enfim, as regras e normas da alimentação são estabelecidas por grupos sociais, que fazem com que o alimento represente uma linguagem (RAMALHO; SAUNDERS, 2000; JOMORI; PROENÇA; CALVO, 2008).

EAN pode ocorrer em diversos setores e deverá observar os princípios organizativos e doutrinários do campo no qual está inserida, por exemplo, na esfera da segurança alimentar e nutricional, deverá observar os princípios do Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (SISAN); na saúde, do Sistema Único de Saúde (SUS); na educação, do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE); na rede sociassistencial, do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e assim sucessivamente (BRASIL, 2012).

Sendo assim, o desafio é aproximar os múltiplos componentes integrantes da alimentação com a finalidade de promover a saúde e a qualidade de vida por intermédio da compreensão da alimentação. Levando a população a refletir sobre o seu comportamento alimentar a partir da conscientização sobre a importância da alimentação para a saúde, permitindo a transformação e o resgate dos hábitos alimentares tradicionais (RODRIGUES; RONCADA, 2008).

Para ajudar, no processo de educação alimentar e nutricional da sociedade, temos o Guia Alimentar para a População Brasileira que recomenda a restrição do consumo de alimentos densamente energéticos, o resgate e a valorização da alimentação brasileira tradicional, baseada em preparações combinadas de cereais e leguminosas (arroz e feijões), frutas, legumes e verduras. Além de incentivar o consumo de uma alimentação variada, com base principalmente em alimentos de origem vegetal e *in natura* (BRASIL, 2008).

De acordo com CAISAN (2011) observa-se uma tendência na alimentação no domicílio da redução do consumo de alimentos comumente consumidos pela população brasileira como: arroz, feijão e tubérculos, com significativo aumento no consumo de alimentos processados, como biscoitos, refrigerantes e refeições prontas; o aumento do consumo de carnes, em especial carne bovina, frango e embutidos; o baixíssimo consumo de peixes; um discreto aumento no consumo de frutas, enquanto o consumo de verduras e legumes manteve-se estável.

Segundo Relatório Mundial da Saúde, a baixa ingestão de frutas, legumes e verduras está entre os 10 principais fatores de risco que contribuem para mortalidade mundial. Estima-se que até 2,7 milhões de vidas poderiam ser salvas anualmente em todo o mundo, se o consumo destas fosse adequado (GOMES, 2007). No momento da escolha do alimento deve-se levar em consideração a contribuição nutricional desse alimento para o organismo e a qualidade higiênico-sanitária que pode defini-lo como um alimento seguro sem nenhum risco biológico, físico e/ou químico.

O cuidado alimentar deve começar com a manipulação dos mesmos desde o local das compras, pois pode haver contaminação por distintas formas. Na maioria das feiras livres, as condições higiênicas de comercialização dos produtos alimentícios são insatisfatórias, constituindo-se um importante vetor no processo de contaminação e proliferação de doenças de origem alimentar (CONCEIÇÃO et al., 2009). Fatores que explicam a má condição de higiene destas instalações são os limitados hábitos de higiene da maioria dos vendedores, a ausência de água potável e de refrigeração dos alimentos, a falta de áreas adequadas para descarte do lixo e de sanitários públicos nos locais de venda (BALBANI; BUTUGAN, 2001).

Desta forma, após se adquirir um alimento deve-se realizar a higienização correta do mesmo de modo a se eliminar a carga microbiana obtida nas etapas anteriores à obtenção do produto, para posterior armazenamento de maneira adequada, evitando-se o aparecimento de novos microorganismos e perdas de nutrientes. A abordagem da escolha inteligente do alimento implica seleção mais adequada, conhecimento sobre o valor nutritivo, reconhecimento da diversidade do alimento regional, resgate das preparações culinárias, com escolha da melhor forma de preparo e preservação do valor nutritivo (PHILIPPI, 2008).

Neste sentido, escolheu-se abordar este assunto com a população em um local que atendesse a um público abrangente e de diferentes classes sociais. Iniciando as orientações desde a compra de seus alimentos até as formas de higienização e utilização com o objetivo de aproveitar e/ou melhorar o consumo dos nutrientes presentes nos mesmos, além de orientar maneiras de se prevenir surtos e as doenças transmitidas por alimentos (DTAs). Doença transmitida por alimento é um termo genérico, aplicado a uma síndrome geralmente constituída de anorexia, náuseas, vômitos e/ou diarreia, acompanhada ou não de febre, atribuída à ingestão de alimentos ou água contaminados (BRASIL, 2010).

Com base nos relatos acima, o presente trabalho teve como objetivo promover a educação alimentar e nutricional informando a população sobre os alimentos comercializados na feira livre do bairro Areia Branca, Petrolina-PE, abordando as formas de uso, preservação dos nutrientes e higienização correta.

MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo foi realizado na Feira Livre do Bairro Areia Branca, localizada na cidade de Petrolina – PE, um importante polo agrícola, envolvendo a população de distintas classes sociais que se destinam para a Feira Livre deste bairro com o objetivo de adquirir itens para alimentação. Nos dias de realização da feira, a população (n = 240) foi abordada de acordo com a aceitabilidade em participar da atividade, se explicou os objetivos da pesquisa e se obteve o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) dos participantes. O critério de inclusão foi a aceitação em participar e assinar o TCLE e o critério de exclusão foi a recusa em assinar o TCLE. O projeto foi submetido à avaliação do Comitê de ética em Pesquisa (CEP) da Universidade de Pernambuco (UPE) e aprovado, processo n.º. 139.875/2012.

A execução do estudo foi dividida em duas etapas: na primeira ocorreu um diagnóstico da situação com relação às dúvidas referente ao valor nutricional e cuidados higiênico-sanitários de frutas; legumes e verduras; carnes, ovos e derivados; leguminosas e grãos. E com base nos dados obtidos anteriormente, na segunda etapa, foram realizadas orientações e esclarecimentos sobre as principais dúvidas relatadas na primeira etapa.

Com a autorização concedida através do TCLE, os entrevistados responderam o questionário de coleta de dados, que foi dividido em cinco grupos: A - Frutas; B - Legumes e Verduras; C - Carnes, ovos e derivados; D - Leguminosas; E - Grãos. No questionário utilizado para a coleta dos dados constavam as seguintes perguntas referentes a alimentos pertencentes aos grupos acima citados: Para que serve?; Como é realizada a higienização?; Como é conservado?; Quais as formas de uso?; Em quais preparações?; Outros?; e Quanto come e a frequência?. O objetivo do questionário foi coletar as dúvidas existentes nas etapas de higienização e procedimentos utilizados na preparação dos alimentos, sobre o valor nutricional dos alimentos e outras dúvidas que pudessem existir.

A partir das dúvidas mais frequentemente relatadas pelos consumidores ocorreu o planejamento das ações educativas a serem realizadas com o intuito de cumprir com os objetivos estabelecidos no estudo. Na abordagem, para a realização das ações educativas, o público-alvo foram os frequentadores da feira livre dentre estes constavam os participantes da primeira etapa e novos consumidores que demonstraram interesse em obter informações sobre os alimentos abordados no estudo.

Foram elaborados materiais educativos que esclareceram as dúvidas mais frequentes relatadas pelos consumidores, além de apresentar algumas características funcionais sobre os alimentos comercializados na feira. Os panfletos informavam, de forma ilustrativa, sobre as melhores formas de higienização, uso e preservação de nutrientes de acordo com a literatura existente, algumas informações estão dispostas na Tabela 1.

Tabela 1. Algumas informações presentes nos panfletos utilizados, apresentadas por grupo de alimentos.

Grupo de alimentos	Forma de higienização	Uso e preservação de nutrientes	Referência Bibliográfica
Frutos	Lavar as frutas com detergente neutro. Colocar de molho em solução de 200-250 ppm, por 15 a 30 min. Enxaguar em água corrente as frutas uma a uma.	Corte as frutas próximo ao uso, evitando a perda de nutrientes.	SANTOS JUNIOR, 2008; RODRIGUES et al., 2011; KOBLITZ, 2011.
Verduras e legumes	Lavar as verduras e os legumes com detergente neutro. Colocar de molho em solução de 200-250 ppm, por 15 a 30 min. Enxaguar em água corrente as verduras e os legumes um a um.	Evite cortar os vegetais folhosos com facas. Corte as verduras próximo ao uso para que elas não percam seus nutrientes.	SANTOS JUNIOR, 2008; RODRIGUES et al., 2011; KOBLITZ, 2011.
Carnes, ovos e derivados	Escolha ovos com casca intacta e limpa e coloque-os em um recipiente fechado no interior da geladeira. Antes do uso, lave-os com detergente neutro e deixe-os de molho de 10 a 15 minutos em água clorada 100 a 250 ppm.	Guarde as carnes em pequenas porções para evitar que se estraguem. Retire todas as gorduras visíveis das carnes e a pele das aves. Evite frituras.	SANTOS JUNIOR, 2008; RODRIGUES et al., 2011.
Leguminosas		Para evitar o desconforto intestinal causado pelos oligossacarídeos dos feijões, deve-se colocá-los de molho por 8 a 12h sob refrigeração. A vitamina C aumenta a biodisponibilidade do ferro do feijão.	KOBLITZ, 2011.

Grãos		<p>Prefira cereais integrais. Associação de feijão com arroz fornece os aminoácidos essenciais.</p> <p>O milho é boa fonte de carotenoides, vitaminas do complexo B, fósforo, zinco e fibras.</p>	KOBLITZ, 2011.
-------	--	---	----------------

Confeccionou-se um questionário para avaliação da atividade sendo aplicado logo após a atividade de educação alimentar e nutricional.

No questionário de avaliação investigou-se sobre o real impacto da atividade educativa realizada e sobre o grau de importância da nutrição e alimentação na rotina dos entrevistados, com perguntas como: Você achou a abordagem válida?, Você acha que a alimentação interfere na sua qualidade de vida?, Você já sabia dos benefícios de uma alimentação saudável?, Você já consumia frutas e verduras regularmente?, Como você avalia a relevância do assunto para sua realidade?, Como você avalia a qualidade do assunto passado e do material didático utilizado?, Você pretende mudar os hábitos inadequados?, e Você acha que a qualidade das suas refeições vai mudar depois das instruções?. Os dados coletados foram tabulados e analisados utilizando estatística descritiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O interesse dos consumidores em conhecer sobre os efeitos dos alimentos para a saúde foi verificado. Além disso, notou-se frequência no consumo de frutas, legumes e verduras (grupos A e B), fato este que acompanha a característica comercial da região. O consumo de carnes e ovos (grupo C) é muito frequente, sendo os peixes menos consumidos. O consumo de pescado ainda é baixo na região apesar da mesma ser banhada pelo Rio São Francisco.

Em relação às leguminosas e grãos, notou-se um maior relato da ingestão de feijão, arroz comum e farelo de milho (grupos D e E), sendo as percentagens de consumo diário de 81,25%, 75,00% para o feijão e arroz comum, respectivamente, e de 60,42% para o consumo de farelo de milho. Esses dados confirmam a manutenção do consumo diário de feijão e milho, alimentos básicos do povo brasileiro e integrante dos hábitos de consumo de grande parcela da população (JUNIOR; LEMOS; SILVA, 2005), reforçando as pesquisas de avaliação de consumo, que afirmam ser a região Nordeste a maior consumidora, principalmente na área rural (PAES, 2006). O consumo associado de feijão com arroz é uma proposta para uma alimentação saudável que é fundamental

para a prevenção de doenças crônicas não transmissíveis, juntos eles fornecem aminoácidos que se complementam, além de serem fonte de fibras (SICHERI et al., 2000).

Percebeu-se que a população ainda desconhece a função ou atribui, às frutas, legumes e verduras, funções que não desempenham no organismo. Este fato pode ser verificado em 82,14% das frutas (manga, banana, uva, acelora, pinha, melão, abacaxi, abacate, coco, maçã, umbu, melancia, pepino doce, pequi, carambola, goiaba, romã, limão, tangerina, jaca, macaúba, morango, kiwi, pêra, maçã verde e tamarindo) e 96,15% das verduras e legumes (vagem, batata, batata-doce, alface, pimentão, repolho, maxixe, quiabo, inhame, macaxeira, berinjela, cebola, chuchu, tomate, coentro, beterraba, cenoura, cebolinha, abóbora, milho-verde, rúcula, espinafre, couve, rabanete, pepino e manjeriço) pesquisados.

Sabe-se que uma dieta rica em frutas frescas e vegetais, tem sido associada com a baixa incidência de doenças cardiovasculares e câncer, principalmente devido à elevada proporção de compostos bioativos como vitaminas, flavonoides e polifenóis (MORAES; COLLA, 2006).

Existiu a preocupação com alguns dos alimentos desses grupos ao que se refere à sua correta higienização, principalmente no que diz respeito à remoção dos resíduos dos agrotóxicos. Foi verificada a descrição da forma de higienização e conservação com alguns erros nos procedimentos citados em 27,08% dos entrevistados apesar dos mesmos não relatarem ter dúvidas. Podendo observar as distintas concepções sobre limpo e sujo que, em geral, estão cercadas de símbolos que refletem saberes de uma cultura própria de quem vive (MINNAERT; FREITA, 2010). Além de perceber o desconhecimento sobre a eficácia dos processos que levam a desinfecção dos alimentos e, conseqüentemente, a garantia de se ingerir alimentos seguros.

No que se refere ao grupo C (carnes, ovos e derivados), observa-se que a carne de qualquer espécie animal fornece proteínas de alto teor biológico (alta qualidade), uma vez que proporcionam todos os aminoácidos essenciais ao organismo, além de ser fonte de vitaminas do complexo B e sais minerais, como cálcio e ferro (KOBELITZ, 2011). Notou-se que os entrevistados associam ao consumo de carnes vermelhas apenas efeitos maléficos à saúde sem relatarem suas funções em 100,00% dos casos, assim como apresentam questionamentos da melhor forma de armazená-las para evitar contaminações. A carne é um alimento exposto a contaminações em todas as fases do seu processamento tecnológico principalmente nas operações em que é mais manipulada e sempre que não são tomados cuidados especiais com o condicionamento da atmosfera em volta dela (GOMES et al., 2012).

Os peixes foram considerados bons alimentos, embora apresentando o menor relato de consumo, tendo maior expressividade o consumo de 1 a 3 vezes por semana (43,75%), e são focos de preocupação quanto à sua conservação, preferindo-se utilizá-los frescos. Devem-se observar as características dos peixes durante sua compra, pois o peixe é muito suscetível à deterioração microbiana, que pode causar DTAs no homem, devido a fatores intrínsecos, como atividade de água elevada (BARRETO et al., 2012; SILVA; MATTE; MATTE, 2008).

Quanto aos ovos, pode-se perceber que os consumidores se preocupavam com o teor de colesterol (20,83%) e frequência de consumo recomendadas. Alguns entrevistados ainda relataram se preocupar com a contaminação de *Salmonella*, interessando-se pela melhor forma de evitá-la (10,42%).

A contaminação dos ovos por *salmonella* se dá, inicialmente e na maioria das vezes, através da casca, sendo o tempo e a temperatura de armazenagem, fatores fundamentais para que haja contaminação no interior dos ovos. Por isso, a desinfecção e o resfriamento do ovo são procedimentos adotados como medidas para reduzir a contaminação e a multiplicação bacteriana (OLIVEIRA; SILVA, 2000). Além disso, sabe-se que soluções com 100 ppm de cloro livre resultaram na eliminação de microrganismos em ovos, sem danos à cutícula (ARAGON-ALEGRO et al., 2005).

A partir desse levantamento, percebeu-se a importância de intervenções educativas para esclarecer dúvidas e indicar a melhor forma de consumo e conservação desses alimentos. Com o retorno à feira livre para realização da educação alimentar e nutricional notou-se o interesse dos entrevistados em participar da atividade e a satisfação em conhecer mais a fundo o universo do que consomem, ao passo que se observou a preocupação com a qualidade da alimentação e sua relação com a saúde.

A relevância do projeto foi verificada pela avaliação positiva realizada pelos entrevistados ao término da intervenção. Todos os participantes abordados relataram achar a intervenção válida e a atividade importante. Ao serem questionados se haveria relação entre a alimentação e a qualidade de vida, pode-se perceber que 96% dos entrevistados relataram acreditar que sim, embora alguns não soubessem explicar a relação. Os 4% restantes afirmaram não ter relação, passando a compreender a ligação entre a saúde e a alimentação após explanação do tema.

Entrevistados que relataram conhecer os benefícios de uma alimentação saudável afirmaram que não conheciam muito e teriam adquirido o conhecimento através dos meios de comunicação, como revistas leigas, sites de buscas e programas televisivos. Ainda assim demonstraram interesse em conhecer mais sobre os benefícios dos alimentos. A parcela de entrevistados que relatou não conhecer os benefícios dos alimentos (27,00%) se mostrou satisfeita após receber as informações sobre alguns dos alimentos mais consumidos na região.

A maior parte dos entrevistados considerou as explicações e o material educativo excelentes. Observou-se que 97% dos entrevistados pretendem mudar seus hábitos alimentares, sendo interessante ressaltar que a pequena parcela que afirmou não pretender mudar seus hábitos relatou que não o faria por não gostar do sabor das frutas e verduras, embora estivesse ciente da importância de ingerir tais alimentos.

As informações anteriormente descritas reforçam a importância de constantes estratégias educacionais voltadas à nutrição, para que o conhecimento adquirido possa ser incorporado, favorecendo então a obtenção de hábitos saudáveis, manutenção do peso corporal ideal e prevenção e/ou tratamento de doenças crônico-degenerativas associadas (DATTILO et al., 2009). Com as ações de educação nutricionais realizadas, disseminaram-se informações sobre os alimentos e se instigou uma reflexão crítica nos

entrevistados, de modo que estes possam ser disseminadores, ao menos em suas famílias, de mudanças benéficas na alimentação.

CONCLUSÃO

Diante da relação visível entre os fatores que interferem na alimentação e na saúde, observa-se a importância do desenvolvimento de ações que propiciem mudanças nos hábitos alimentares da população. Este trabalho requer ações que envolvam desde a base da alimentação como a escolha dos alimentos, sua higienização, conservação e modo de preparo. Tendo como resultado alimentos quantitativa e qualitativamente adequados, saudáveis e que garantam a integridade e saúde do consumidor. Hábitos corretos podem ser inseridos na rotina dos indivíduos sendo uma prática frequente de atividades que envolvam a educação alimentar e nutricional.

REFERÊNCIAS

APLEVICZ, K. S.; SANTOS, L. E. S.; BORTOLOZO, E. A. F. Q. Boas práticas de fabricação em serviços de alimentação situados no estado do Paraná. **Rev. Brasil. de Tecn. Agroind.**, v. 04, n. 2, p. 122-131, 2008.

ARAGON-ALEGRO, L. C.; SOUZA, K. L. O.; COSTA SOBRINHO, P. S.; LANDGRAF, M.; DESTRO, M. T. Avaliação da qualidade microbiológica de ovo integral pasteurizado produzido com e sem a etapa de lavagem no processamento. **Ciênc. Tecnol. Aliment.**, v. 25, n. 3, p. 618-622, 2005.

BALBANI, A. P. S.; BUTUGAN, O. Contaminação biológica de alimentos. **Pediatria**, v. 23, n. 4, p. 320-328, 2001.

BARRETO, N. S. E.; MOURA, F. C. M.; TEIXEIRA, J. A.; ASSIM, D. A.; MIRANDA, P. C. Avaliação das condições higiênico-sanitárias do pescado comercializado no município de Cruz das Almas, Bahia. **Revista Caatinga**, v. 25, n. 3, p. 86-95, 2012.

BOOG, M. C. F. Educação nutricional em serviços públicos de saúde. **Cad. Saúde Pública**, v. 15, supl. 2, p. S139-S147, 1999.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Marco de referência de educação alimentar e nutricional para as políticas públicas**. Brasília, DF: MDS; Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, 2012. 68 p.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Guia alimentar para a população brasileira: promovendo a alimentação saudável**. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2008. 210 p. – (Série A. Normas e Manuais Técnicos).

_____. Ministério da Saúde. **Manual integrado de vigilância, prevenção e controle de doenças transmitidas por alimentos**. Brasília, 2010. 158p.

CAISAN. Câmara Interministerial de Segurança Alimentar e Nutricional. **Plano nacional de segurança alimentar e nutricional: 2012/2015**. Brasília, DF: CAISAN, 2011. 132 p.

CONCEIÇÃO, I. S. S.; BEZERRA, I. A. R.; SANTOS, S. M. M.; MERCURY, J. M. R. Avaliação das boas práticas de higiene, manipulação e conservação dos alimentos comercializados nas feiras da região metropolitana de São Luis. In: **IV Congresso de Pesquisa e Inovação da Rede Norte e Nordeste de Educação Tecnológico**. Belém, PA, 2009.

DATTILO, M.; FURLANETTO, P.; KURODA, A. P.; NICASTRO, H.; COIMBRA, P. C. F. C.; SIMONY, R. F. Conhecimento nutricional e sua associação com o índice de massa corporal. **Nutrire: Rev. Soc. Bras. Alim. Nutr.**, v. 34, n. 1, p. 75-84, 2009.

GOMES, F. S. Frutas, legumes e verduras: recomendações técnicas versus constructos sociais. **Rev. Nutr.**, v. 20, n. 6, p. 669-680, 2007.

GOMES, P. M. A.; BARBOSA, J. G.; COSTA, E. R.; JUNIOR, I. G. S. Avaliações das condições higiênicas sanitárias das carnes comercializadas na feira livre do município de Catolé do Rocha-PB. **Revista Verde**, v. 7, n. 1, p. 225 – 232, 2012.

JAIME, P. C.; MACHADO, F. M. S.; WESTPHAL, M. F.; MONTEIRO, C. A. Educação nutricional e consumo de frutas e hortaliças: ensaio comunitário controlado. **Rev. Saúde Pública**, v. 41, n. 1, p.154-157, 2007.

JOMORI, M. M.; PROENÇA, R. P. C.; CALVO, M. C. M. Determinantes de escolha alimentar. **Rev. Nutr.**, v. 21, n. 1, p. 63-73, 2008.

JUNIOR, E. U. R.; LEMOS, L. B.; SILVA, T. R. B. Componentes da produção, produtividade de grãos e características tecnológicas de cultivares de feijão. **Bragantia**, v. 64, n. 1, p. 75-82, 2005.

KOBLITZ, M. G. B. **Matérias-primas alimentícias: composição e controle de qualidade**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

MINNAERT, A. C. S. T.; FREITA, M. C. S. Práticas de higiene em uma feira livre da cidade de Salvador (BA). **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, supl. 1, p. 1607-1614, 2010.

MORAES, F. P.; COLLA, L. M. Alimentos funcionais e nutracêuticos: definições, legislação e benefícios à saúde. **Revista Eletrônica de Farmácia**, v. 3, n. 2, p. 109-122, 2006.

OLIVEIRA, D. D.; SILVA, E. N. Salmonela em ovos comerciais: ocorrência, condições de armazenamento e desinfecção da casca. **Arq. Bras. Med. Vet. Zootec.**, v. 52, n. 6, p. 655-661, 2000.

PAES, M. C. D. Aspectos físicos, químicos e tecnológicos do grão de milho. **Circular**

técnica, 75. EMBRAPA – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento Sete Lagoas, MG. Dezembro, 2006.

PHILIPPI, S. T. **Pirâmide dos alimentos: fundamentos básicos da nutrição**. Barueri-SP: Manole; 2008.

RAMALHO, R. A.; SAUNDERS, C. O papel da educação nutricional no combate às carências nutricionais. **Rev. Nutr.**, v. 13, n. 1, p. 11-16, 2000.

RODRIGUES, D. G.; SILVA, N. B. M.; REZENDE, C.; JACOBUCCI, H. B.; FONTANA, E. A. Avaliação de dois métodos de higienização alimentar. **Revista Saúde e Pesquisa**, v. 4, n. 3, p. 341-350, 2011.

RODRIGUES, L. P. F.; RONCADA, M. J. Educação nutricional: proposta metodológica. **Com. Ciências Saúde**, v. 19, n. 4, p. 215-224, 2008.

SANTOS JUNIOR, C. J. **Manual de segurança alimentar**. Rio de Janeiro: Rubio; 2008.

SANTOS, L. A. S. Educação alimentar e nutricional no contexto da promoção de práticas alimentares saudáveis. **Rev. Nutr.**, v. 18, n. 5, p. 681-692, 2005.

SCHMITZ, B. A. S.; RECINE, E.; CARDOSO, G. T.; SILVA, J. R. M.; AMORIM, N. F. A.; BERNARDON, R.; RODRIGUES, M. L. C. F. A escola promovendo hábitos alimentares saudáveis: uma proposta metodológica de capacitação para educadores e donos de cantina escolar. **Cad. Saúde Pública**, v. 24, supl. 2, p. S312-S322, 2008.

SICHERI, R.; COITINHO, D. C.; MONTEIRO, J. B.; COUTINHO, W. F. Recomendações de alimentação e nutrição saudável para a população brasileira. **Arquivos Brasileiros de Endocrinologia & Metabologia**, v. 44, n. 3, p. 227-232, 2000.

SILVA, M. L.; MATTE, G. R.; MATTE, M. H. Aspectos sanitários da comercialização de pescado em feiras livres da cidade de São Paulo, SP/Brasil. **Rev. Inst. Adolfo Lutz**, v. 67, n. 3, p. 208-214, 2008.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

REIS, Andressa Rodrigues Ramos; MENDES, Marianne Louise Marinho; MESSIAS, Cristhiane Maria Bazílio de Omena. Educação alimentar e nutricional em uma feira livre em Petrolina – Pernambuco. **Extramuros**, Petrolina-PE, v. 2, n. 1, p. 70-80, jan./jun. 2014. Disponível em: <informar endereço da página eletrônica consultada>. Acesso em: informar a data do acesso.

Recebido em: 9 mar. 2014.

Aceito em: 23 jun. 2014.

Promoção da saúde bucal dos usuários do serviço de hemodiálise das clínicas do Instituto de Terapia Renal da Associação Evangélica Beneficente de Minas Gerais (AEBMG)

Maria Elisa Souza e Silva¹
Ana Cristina de Oliveira Borges²
Bruna Mara Ruas³
Guilherme Soares de Resende⁴
Sylvia Cury Coste⁵
Lia Silva de Castilho⁶

¹ Professora Adjunta do Departamento de Odontologia Restauradora da Faculdade de Odontologia da UFMG. E-mail: mariaelisa1956@gmail.com.

² Professora Adjunta do Departamento de Odontologia Social e Preventiva da Faculdade de Odontologia da UFMG. E-mail: anacboliveira@yahoo.com.br.

³ Graduanda da Faculdade de Odontologia da UFMG. E-mail: brunamara@gmail.com.

⁴ Graduando da Faculdade de Odontologia da UFMG. E-mail: guilhermesoares2014@yahoo.com.br.

⁵ Graduanda da Faculdade de Odontologia da UFMG. E-mail: sylvia-cury@hotmail.com.

⁶ Professora Adjunta do Departamento de Odontologia Restauradora da Faculdade de Odontologia da UFMG. E-mail: liacastilho@ig.com.br.

RESUMO

Este artigo descreve as atividades realizadas durante o funcionamento do projeto de extensão “Promoção da Saúde Bucal dos Usuários do Serviço de Hemodiálise das Clínicas do Instituto de Terapia Renal da Associação Evangélica Beneficente de Minas Gerais (AEBMG)”. Em dois meses no ano de 2011, dezoito estudantes do curso de Odontologia da UFMG realizaram 650 exames intrabucais no ambiente onde se realiza a hemodiálise. Aqueles que apresentavam alterações de mucosa, cárie dentária e próteses insatisfatórias foram encaminhados à Faculdade de Odontologia ou ao Centro de Saúde mais próximo à sua residência. Resultados foram apresentados em dois congressos internacionais em odontologia e em um congresso de enfermagem por alunos e funcionários da AEBMG. Concluiu-se que, apesar de sua pequena duração, este projeto foi capaz de gerar produtos que contribuem para a melhoria da situação de saúde bucal destes pacientes e para a formação do estudante de odontologia, tanto científica quanto solidária.

Palavras-chave: Hemodiálise; Diálise Renal; Higiene Bucal; Odontologia; Assistência Odontológica; Cárie Dentária.

Oral health promotion of users of the clinics hemodialysis service from the Institute of Renal Therapy of the Beneficent Evangelical Association in Minas Gerais

ABSTRACT

This article describes the activities performed during operation of the extension project "Promotion of Oral Health Service Users Hemodialysis clinics Institute of Renal Therapy Benefit Evangelical Association in Minas Gerais". In two months in 2011, eighteen UFMG students of Dentistry examined 650 patients in the environment in which we perform hemodialysis. Patients who presented altered mucosa, tooth decay and unsatisfactory prostheses were referred to the Faculty of Dentistry or Health Centre nearest to his residence. Results were presented at two international conferences in dentistry and one in nursing by students and AEBMG staff. It was concluded that, despite its short duration, this project was able to generate products that contribute to improving the oral health status of these patients and for the scientific and

solidarity training of dental student.

Keywords: Hemodialysis; Renal Dialysis; Oral Hygiene; Dentistry; Dental care; Dental Caries.

INTRODUÇÃO

Pessoas que, por qualquer motivo, perderam a função renal e irreparavelmente atingiram a fase terminal da doença renal têm, hoje, três métodos de tratamento que substituem as funções do rim: a diálise peritoneal, a hemodiálise e o transplante renal. A diálise é um processo artificial que retira, por meio de filtração, todas as substâncias indesejáveis acumuladas pela insuficiência renal crônica. Isto pode ser feito usando a membrana filtrante do rim artificial e/ou da membrana peritoneal. Existem, portanto, dois tipos de diálise: a peritoneal e a hemodiálise. A prevalência de doenças renais crônicas em países industrializados aumentou consideravelmente. A taxa de sobrevivência dos pacientes renais crônicos também aumentou graças a essas terapias. Evidentemente, a demanda de atendimento odontológico entre estes pacientes irá aumentar em função do aumento da sua expectativa de vida (CRAIG, 2008).

De acordo com o Senso de diálise da Sociedade Brasileira de Nefrologia, estima-se que no Brasil em 2012 existam, aproximadamente, 97.586 pacientes em diálise, sendo 91,6% em hemodiálise. A taxa de mortalidade bruta foi de 18,8%. As estimativas de prevalência e incidência para 2012 foram de 503 e 177 pacientes em diálise por milhão de habitantes (SESSO et al., 2014).

Neste procedimento, o fluxo de sangue passa pelo filtro capilar durante o período de 3 a 5 horas, retirando-se tudo aquilo que é indesejável. O rim artificial é uma máquina que controla a pressão do filtro, a velocidade e o volume de sangue que passam pelo capilar e o volume e a qualidade do líquido que banha o filtro. Em contraste com a diálise por membranas sintéticas empregadas na hemodiálise, a diálise peritoneal utiliza os tecidos de revestimento peritoneal do paciente para realizar a diálise de ureia e outros compostos do sangue de baixo peso molecular (CRAIG, 2008).

Em Minas Gerais existem várias clínicas, vinculadas ao Sistema Único de Saúde (SUS) que realizam hemodiálise. Dentre elas, podem-se citar as clínicas do Instituto de Terapia Renal da Associação Evangélica Beneficente de Minas Gerais (AEBMG), entidade filantrópica que oferece serviços a pessoas com insuficiência renal. Os pacientes são encaminhados via Comissão Municipal de Nefrologia de acordo com o endereço da sua residência. A grande maioria dos usuários é proveniente da Região Metropolitana de Belo Horizonte e é encaminhada por meio do Sistema Único de Saúde (SUS). As clínicas contam com equipes médicas, de nutrição, farmácia, psicologia, capelania, enfermagem e serviço social. São ofertados os seguintes tratamentos: Hemodiálise, Diálise Peritoneal Ambulatorial Contínua (CAPD), Treinamento CAPD, Diálise Peritoneal Automática (DPA), Diálise Peritoneal Intermitente (DPI), Diálise Peritoneal, Diálise Externa, Consultas Nefrológicas, Acompanhamento pré-transplante renal e Acompanhamento pós-transplante renal. As clínicas possuem duas unidades (Belo Horizonte e Contagem) e funcionam todos os dias da semana (exceto domingo).

Os indivíduos renais crônicos, de maneira geral, apresentam algumas alterações relacionadas à saúde bucal, tais como: elevado acúmulo de placa e cálculo dentário, diminuição da secreção salivar, hálito urêmico e palidez da mucosa bucal. Isso pode ser devido à síndrome urêmica e uremia associada com disfunções imunológicas. As infecções bucais podem trazer sérias complicações ao quadro sistêmico dessa parcela da população. Doenças renais crônicas e doenças periodontais podem exercer efeitos deletérios recíprocos. Doenças renais crônicas e as terapias para o tratamento destes pacientes podem afetar os tecidos orais que podem influenciar a abordagem odontológica do paciente. Estudos recentes sugerem que a periodontite crônica em adultos pode contribuir para sobrecarregar o sistema imunológico e ter, desta forma, consequências no manejo do paciente com insuficiência renal, principalmente aqueles no estágio final em hemodiálise (CRAIG, 2008).

Em termos de cárie, o grupo de pacientes em hemodiálise tem o mesmo índice de Dentes Cariados Perdidos e Obturados (CPOD) de controles (BAYRAKTAR et al., 2009). Outros autores apontam que a falência renal crônica está associada a uma baixa prevalência da cárie dentária, talvez devido a um pH da cavidade bucal alterado. No estudo de Nakhjavani e Bayramy (2007), 33% das crianças examinadas estavam livres da cárie dentária. A gengivite grave e moderada foi 5 vezes mais alta entre as crianças que estavam sob hemodiálise por mais do que 1 ano. Pacientes com anemia também apresentavam gengivite mais grave do que os demais. Não foi encontrada associação entre cárie dentária e hemodiálise.

Várias causas para justificar o aumento de biofilme dentário e gengivite entre estes pacientes são aventadas: a falência crônica renal causando a síndrome urêmica e a uremia associadas com disfunção imunológica, a associação da uremia com a inflamação gengival, a presença de outras doenças que também podem causar inflamação gengival como o diabetes mellitus, alterações na homeostase do cálcio levando a um hiperparatiroidismo secundário e, finalmente, o fato destes pacientes se preocuparem tanto com a condição sistêmica que tendem a negligenciar a saúde bucal. Outros estudos demonstram que os doentes renais crônicos apresentam uma concentração salivar de ureia aumentada e uma média menor de fluxo salivar, o que contribui para o aumento da formação de cálculo dentário (CRAIG, 2008).

Em relação ao nível educacional em saúde bucal, pacientes que recebem diálise peritoneal têm maior grau de escolaridade e apresentam maiores cuidados do que pacientes em hemodiálise. O estudo de Bayraktar al. (2009) encontrou melhores índices de saúde e higiene bucal nos pacientes do grupo de diálise peritoneal. Este resultado pode ser devido ao fato de que pacientes em hemodiálise são mais dependentes dos centros de diálise do que os que realizam a diálise peritoneal. Por outro lado, pacientes em hemodiálise podem apresentar um estado depressivo mais acentuado porque passam grandes períodos a tratar de sua doença e então tornam-se pouco cooperativos em seu tratamento odontológico e negligentes com a sua higiene bucal. Diferentemente, os pacientes em diálise peritoneal seriam capazes de continuar o seu tratamento fora do centro e por terem a vida mais livre, especula-se que dispensariam maiores cuidados à sua saúde bucal.

Tais avaliações reforçam a necessidade de um efetivo investimento na atenção odontológica e especialmente na orientação dos procedimentos de higiene bucal e cons-

cientização sobre a importância da saúde bucal na conquista e manutenção da saúde sistêmica. É importante manter a saúde bucal sob controle nesta população. Todos os pacientes em diálise deveriam receber exame intraoral inicial com cuidados de manutenção, incluindo terapia periodontal de suporte e tratamento restaurador dentro do período de 6 meses do início do tratamento da hemodiálise (BAYRAKTAR et al., 2009; CENGIZ et al., 2009).

Atentos a estas evidências, a Faculdade de Odontologia da UFMG e o Instituto de Terapia Renal da AEBMG firmaram em 2011 uma parceria para o desenvolvimento de um projeto de extensão que contou com a participação dos alunos do curso de graduação em Odontologia da UFMG. Os alunos atuaram sob a orientação de docentes, realizando um exame epidemiológico da cavidade bucal dos indivíduos assistidos pelo Instituto. Além disso, estes alunos realizaram atividades educativas direcionadas à saúde bucal e melhoria do padrão de higiene bucal dos usuários do serviço de hemodiálise dos locais em questão.

O projeto de extensão buscou proporcionar, a partir dos princípios de promoção da saúde, atividades educativas relacionadas à saúde bucal dos indivíduos atendidos no serviço de hemodiálise das clínicas do Instituto de Terapia Renal da AEBMG. Os objetivos específicos foram: permitir ao aluno o conhecimento das especificidades dos indivíduos submetidos à hemodiálise; capacitar os alunos quanto à metodologia necessária para realizarem um exame epidemiológico da cavidade bucal dos indivíduos submetidos à hemodiálise; capacitar os alunos quanto ao modo de transmissão do conhecimento relacionado às atividades educativas em questão; propiciar ao aluno o desenvolvimento de atividades educativas de saúde bucal, direcionadas aos indivíduos submetidos à hemodiálise.

O objetivo do presente artigo é descrever e analisar as ações extensionistas do projeto “Promoção da saúde bucal dos usuários do serviço de hemodiálise das clínicas do Instituto de Terapia Renal da Associação Evangélica Beneficente de Minas Gerais (AEBMG)”.

DESENVOLVIMENTO

De setembro a novembro de 2011 foram realizados exames clínicos em todos os indivíduos que realizarem hemodiálise durante o período de coleta de dados e que concordaram ser examinados. Para tanto, o paciente deveria concordar com o exame bucal, assinando um termo de consentimento livre e esclarecido. As atividades deste projeto, bem como a divulgação dos seus resultados foram aprovadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Humanos da UFMG sob o número CAAE- 05714912.0.0000.5149. O inquérito epidemiológico foi sempre conduzido por um grupo mínimo de 18 alunos-coletores, sob a supervisão dos docentes responsáveis.

A unidade de Belo Horizonte (Instituto de Terapia Renal da AEBMG) conta com duas salas de atendimento (24 atendimentos simultâneos/turno, sendo 3 turnos/dia) e uma sala de observação (4 atendimentos simultâneos/turno, sendo 3 turnos/dia). Atende um público formado por cerca de 250 indivíduos na faixa etária de 16 a 77 anos. A unidade Contagem (Instituto de Terapia Renal de Contagem) possui duas salas de

atendimento (36 atendimentos simultâneos/turno, sendo 3 turnos/dia), uma sala amarela (2 atendimentos simultâneos/turno, sendo 3 turnos/dia) e uma sala da observação (4 atendimentos simultâneos/turno, sendo 3 turnos/dia). Esta instituição proporciona atendimento para cerca de 290 indivíduos com idade entre 21 e 84 anos.

Os alunos participantes do projeto de extensão, em um total de 18, foram selecionados por meio de entrevista e análise curricular. Após a seleção, os mesmos foram orientados sobre a aplicação de um questionário. Também foram previamente calibrados para o exame clínico através de análise de material fotográfico (calibração teórica) e posteriormente participaram da fase de calibração intra e inter-examinador, realizada por meio de exame clínico de alguns pacientes.

O questionário estruturado foi composto por questões relacionadas às características individuais e gerais, aos hábitos comportamentais e à história médico-odontológica do indivíduo submetido à hemodiálise. Esse instrumento foi produzido com base em estudos anteriores (KLASSEN e KRASKO, 2002; BORAWSKI et al., 2007; SOUZA et al., 2008; BAYRAKTAR et al., 2009; DAVIDOVICH et al., 2009). O instrumento foi aplicado a cada participante na forma de entrevista, caracterizando o contato face a face entre pesquisador e pesquisado.

A avaliação clínica constou da verificação da experiência de cárie dentária (critérios da Organização Mundial de Saúde-OMS, 1999), das condições de higiene bucal (presença de cálculo dentário supragengival) e alterações de mucosa bucal (quaisquer alterações de tamanho, forma, cor, ulcerações, pseudomembranas, crescimentos exofíticos, vesículas, presença de nódulos ou massas tumorais, cicatrizes, entre outras na mucosa bucal e jugal sem classificar tal lesão). Também foi considerada a necessidade de próteses parciais e totais removíveis.

A coleta de dados foi realizada nas próprias salas de atendimento das clínicas de hemodiálise. Os indivíduos foram examinados sentados na própria cadeira onde fazem hemodiálise. O exame aconteceu sob luz artificial. Basicamente, uma equipe era composta por:

- 1) Um examinador: realização dos exames;
- 2) Uma anotador/organizador: para preenchimento das fichas; para controle do acesso do indivíduo ao local do exame; para organização do local.

O examinador portava todo o equipamento de proteção individual (EPI) necessário, como luvas descartáveis, óculos de proteção, máscara, gorro e avental. Os instrumentais clínicos utilizados durante o exame eram devidamente acondicionados em embalagens de filme plástico (tipo polipropileno-polietileno) e esterilizados pelo método físico (uso de autoclave). O espelho bucal (Duflex® n° 5) e a sonda IPC foram os instrumentos de medida utilizados para o exame clínico. Os resultados do exame clínico bucal foram registrados na ficha de exame de cada usuário.

Inicialmente a escovação supervisionada dos dentes era realizada. Essa atividade foi conduzida neste momento para que fossem removidos os restos alimentares, *debris* e excesso de placa que pudessem estar presentes e que viessem a prejudicar o

exame clínico. Em seguida eram registrados as lesões de mucosa, o índice CPOD e a presença de cálculo dentário.

Após a realização dos exames, os usuários receberam orientações de educação para saúde direcionadas às técnicas de higienização bucal/manutenção da saúde bucal.

Aqueles indivíduos identificados com alguma necessidade de tratamento odontológico foram devidamente alertados e orientados sobre o fato, sendo informados sobre um posto de saúde do SUS que disponibilizasse atendimento odontológico e que fosse próximo da clínica de hemodiálise ou da residência do usuário. Os portadores de alguma lesão de mucosa ou que apresentaram queixa de dor aguda foram todos encaminhados à Faculdade de Odontologia da UFMG para a clínica de Semiologia para realização de exames de diagnóstico ou solução da causa da dor.

Os dados coletados foram organizados e ordenados em um Relatório, de acordo com as necessidades dos usuários e o mesmo encaminhado aos coordenadores das clínicas do Instituto de Terapia Renal da AEBMG para as providências cabíveis junto aos postos de saúde referenciais.

A avaliação do projeto aconteceu após o término das atividades planejadas. Esta avaliação foi realizada pelos alunos envolvidos, coordenadores e professores do projeto de extensão e das clínicas de hemodiálise e também pelos próprios usuários do serviço. Os alunos, os coordenadores e professores do projeto de extensão e das clínicas de hemodiálise avaliaram o projeto por meio da qualidade dos exames epidemiológicos e das atividades educativas desenvolvidas nas clínicas. Os usuários das clínicas de hemodiálise foram orientados a escrever, em formulário não identificado, aspectos positivos e negativos sobre as atividades desenvolvidas por meio do projeto de extensão.

RESULTADOS

O projeto gerou duas publicações de resumos em Anais (BRIZON et al., 2012; COSTE et al., 2012) e material didático para aulas teóricas na disciplina de Clínica de Atenção Integral ao Adulto II. Este material didático sobre a insuficiência renal já foi apresentado em sala de aula para estudantes do sexto período com boa aceitação por parte dos alunos. Além disso, atualmente, uma aluna desenvolve dissertação de mestrado utilizando o banco de dados gerado.

Os resultados deste levantamento epidemiológico foram também apresentados em dois congressos científicos internacionais: um de enfermagem e outro de saúde coletiva nos quais foram apresentados quatro trabalhos, sem a publicação em anais.

Foram examinados 650 indivíduos (55,2% homens). Predominava um maior percentual de indivíduos negros ou pardos. Entre as faixas etárias mais acometidas, 69,9% dos examinados se concentravam na faixa etária que variava de 41 a 70 anos de idade. A maioria dos examinados era analfabeta (35,2%) ou tinha apenas o ensino fundamental (37,1%). A média da idade dos pacientes foi de 53,9 anos. A idade mínima foi de 12 anos e a máxima de 90 anos (Tabela 1).

Variável	Frequência absoluta (n)	Frequência relativa (%)
Sexo		
Masculino	359	55,2
Feminino	291	44,8
Cor da pele		
Branca	129	19,8
Preta	201	30,9
Parda	305	46,9
Amarela	15	2,3
Idade (anos)		
12 a 20	5	0,8
21 a 30	42	6,5
31 a 40	70	10,8
41 a 50	135	20,8
51 a 60	172	26,5
61 a 70	147	22,6
71 a 80	66	10,2
81 a 90	13	2,0
Escolaridade		
Analfabeto / Primário incompleto	229	35,2
Primário completo / Ginásial incompleto	241	37,1
Ginásial completo / Colegial incompleto	103	15,8
Colegial completo / Superior incompleto	65	10,0
Superior completo	12	1,8

Tabela 1. Frequência absoluta e relativa dos pacientes de acordo com as variáveis individuais e socioeconômicas (n=650). Belo Horizonte. 2011.

Em relação ao tempo de tratamento com hemodiálise, 48,6% estavam em tratamento entre 1 ano até 4 anos e 11 meses, o percentual de indivíduos que faziam hemodiálise há mais de 10 anos foi de 11,6% e 82,2 % dos pacientes tinham outra doença (Tabela 2).

Variável	Frequência absoluta (n)	Frequência relativa (%)
Tempo de hemodiálise		
< 1 ano	119	18,3
1 a 4 anos_11 meses	316	48,6
5 a 9 anos_11 meses	140	21,5
10 a 15 anos_11 meses	55	8,5
16 a 30 anos	20	3,1

Tabela 2. Frequência absoluta e relativa dos pacientes de acordo com as variáveis individuais (n=650). Belo Horizonte. 2011.

Possui outra doença		
Sim	534	82,2
Não	116	17,8
Qual doença*		
Hipertensão	307	57,5
Hipertensão + Diabetes	112	21,0
Hipertensão + Outra doença	4	0,7
Hipertensão + Diabetes + Outra doença	24	4,5
Diabetes	49	9,2
Diabetes + Outra doença	4	0,7
Outra doença	34	6,4
Fumante		
Sim	89	13,7
Não	561	86,3
Uso de bebida alcoólica		
Sim	64	9,8
Não	586	90,2

* n = 534

Dentre os examinados que tinham uma arcada edentada, 82,2% eram portadores de prótese total removível e 52,8% usavam próteses superior e inferior (Tabela 3).

Variável	Frequência absoluta (n)	Frequência relativa (%)
Uso de prótese total removível (dentadura)		
Sim	199	82,2
Não	43	17,8
Tipo de prótese total removível (dentadura)**		
Superior	90	45,2
Inferior	4	2,0
Superior e Inferior	105	52,8
Higienização da prótese total removível (dentadura)**		
Sim	199	100,0
Nº de vezes / dia**		
1 a 2 vezes	80	40,2
3 vezes ou +	119	59,8
Higienização da boca***		
Sim	162	88,5
Não	21	11,5

Tabela 3. Frequência absoluta e relativa dos pacientes de acordo com as variáveis relacionadas ao uso de prótese total removível (n=242*). Belo Horizonte. 2011.

* 183 edêntulos totais + 59 edêntulos superior ou inferior

** n=199

*** n=183

No de vezes / dia****

**** n=162

1 a 2 vezes	86	53,1
3 vezes ou +	76	46,9

A presença de alterações na mucosa foi evidenciada em 57,1% dos casos. Apenas 2,8% das mucosas labiais e 1,4 das comissuras labiais examinadas apresentavam alguma lesão. Do total de 467 registros contendo informações sobre gengivas, 52,9% tinham alguma alteração. Baixo foi o total de lesões registradas nas mucosas jugais (8,2%), nas mucosas vestibulares (3,5%), palato mole e duro (4,5%), no assoalho bucal (2,0) e língua (6,8%). O cálculo dentário foi observado em 89,5% dos casos e a cárie dentária em 260 de um total de 650 pacientes (Tabela 4).

Variável	Frequência absoluta (n)	Frequência relativa (%)
Alguma alteração de mucosa bucal		
Presente	371	57,1
Ausente	279	42,9
Edentulismo		
Presente	183	28,2
Ausente	467	71,8
Mucosa labial		
Normal	632	97,2
Com alteração	18	2,8
Comissuras labiais		
Normal	641	98,6
Com alteração	9	1,4
Mucosa jugal (bochecha)		
Normal	597	91,8
Com alteração	53	8,2
Mucosa vestibular		
Normal	627	96,5
Com alteração	23	3,5
Gengiva*		
Com alteração	247	52,9
Normal	220	47,1
Palato mole/duro		
Normal	621	95,5
Com alteração	29	4,5

Tabela 4. Frequência absoluta e relativa dos pacientes de acordo com as variáveis relacionadas ao exame clínico (n=650). Belo Horizonte. 2011.

* n=467

Língua (dorso, lateral, ventre)		
Normal	606	93,2
Com alteração	44	6,8
Assoalho		
Normal	637	98,0
Com alteração	13	2,0
Cálculo dentário visível*		
Presente	418	89,5
Ausente	49	10,5
Cárie dentária*		
Presente	260	55,7
Ausente	207	44,3
Nº de dentes com lesão de cárie cavitada*		
Nenhum dente	207	44,3
1 a 20 dentes	260	55,7

DISCUSSÃO

Como observado nos resultados, a saúde bucal dos pacientes em hemodiálise da AEBMG é precária estando este resultado de acordo com a literatura consultada (CRAIG, 2008; BAYRAKTAR et al., 2009; CENGIZ et al., 2009).

Experiências extensionistas realizadas em cenários diversos aos da tradicional prática em consultório odontológico são muito bem vindas para a formação do graduando da Faculdade de Odontologia da UFMG (CASTILHO et al., 2013a). Estar em contato com um portador de necessidades especiais, ter a oportunidade de conhecer um centro de referência em hemodiálise e poder exercer os seus conhecimentos teórico-práticos fora do ambiente da Faculdade são vivências importantíssimas para o aluno.

A possibilidade de interação profissional com a equipe multidisciplinar (enfermeiros, médicos, nutricionistas, psicólogos, técnicos em enfermagem, entre outros) que atende o paciente em hemodiálise também é outra oportunidade ímpar para a formação do profissional em saúde (CASTILHO et al., 2012) em especial para a formação do cirurgião-dentista, cuja prática ainda é percebida como individualista e ambulatorial.

Devolver para a sociedade o conhecimento gerado em um projeto de extensão é o objetivo principal quando se pensa em dois dos princípios da extensão universitária: relação dialógica com a sociedade e indissociabilidade pesquisa-ensino-extensão (CASTILHO et al., 2013b). Se for considerada apenas a articulação entre o ensino e a extensão, observa-se uma relação que se preocupa com as situações-problema dentro de uma sociedade contemporânea, mas que necessita da produção do conhecimento científico. Se apenas se associa o ensino e a pesquisa pode-se incorrer no risco de não se compreender a dinâmica ético-político-social quando se leva em consideração o des-

tinatório da produção científica (a sociedade). Articulando-se somente a pesquisa e a extensão pode perder-se a dimensão formativa que norteia a universidade (MOITA e ANDRADE, 2009). Ainda que de forma incipiente, a produção do conhecimento científico foi uma preocupação deste projeto e a possibilidade de publicação em revistas científicas indexadas é uma forma de diálogo com a sociedade. Sem perder o ensino de perspectiva, inclui-se a produção de material didático e a elaboração de metodologias pedagógicas ativas como retorno da ação em extensão para o ensino com vistas a ampliar a divulgação do conhecimento.

O modelo médico ocidental prioriza a apreensão de conhecimentos e habilidades técnicas que prescinde da racionalidade e da objetividade. O claro limite entre a emoção e a razão e a superioridade da segunda sobre a primeira embasam esta formação acadêmica e o resultado é o distanciamento emocional do paciente (LANZIERI et al., 2011). Uma das principais preocupações da equipe do projeto de extensão foi a abordagem do paciente e a ação educativa empreendida no próprio local da hemodiálise. A ação educativa e sua demonstração ocorreram considerando cada paciente individualmente. De uma maneira geral, a equipe foi muito bem recebida. A preocupação com esta etapa de trabalho foi embasada nas considerações de outras áreas da saúde, especialmente no campo da saúde pública, onde a ação educativa é um dos principais eixos norteadores da realização das práticas, podendo ser desenvolvida nos mais diversos cenários. Procurou-se constantemente, durante a ação educativa, evitar a abordagem “higienista” na qual se ensina uma pessoa hábitos de higiene para “ter saúde” que enfatiza a responsabilidade individual e se limita ao repasse de informações (ACIOLY, 2008).

Nesta ação educativa procurou-se antes de tudo “ouvir o outro”. Este foi, talvez, o principal cuidado adotado pela equipe: a hemodiálise deixa o paciente mais sonolento e com muito frio. O contato tem que ser amigável e respeitoso. A partir desta ação tomou-se como ponto inicial do processo pedagógico, o que o paciente sabia anteriormente. Com isso, foi viabilizada a troca de experiências e a construção do saber a partir do conhecimento científico e popular, considerando-se que não existe hierarquização entre eles: a experiência vale tanto quanto a teoria (ACIOLY, 2008). O cuidado, inserido nas práticas de abordagem integral do paciente, possui componentes racionais (técnicas, teorias) e sensitivos (emoções, amor). Neste sentido, as ações extensionistas na formação do profissional em saúde permitem melhor compreensão do sujeito. Na ação de extensão ocorrem questionamentos de práticas e vivências, graças ao confronto entre teoria e prática, que irão gerar reflexões sobre valores, costumes e crenças (SILVA et al., 2013). Superar a impessoalidade, portanto, é uma consideração fundamental para que seja alcançada a integralidade e a equidade do modelo de prestação de serviços de saúde (CABRAL et al., 2008).

O profissional de saúde se percebe como alguém que evita mortes e salva vidas. Por isso, os sentimentos de frustração e impotência diante de pacientes em avançado grau de debilidade é comum. Ter a chance de convívio com esta população, conhecendo-a melhor e proporcionando novas formas de auxílio adicionais ao conhecimento técnico, proporciona a formação de profissionais de saúde que saibam cuidar de indivíduos, mesmo quando estes são considerados tecnicamente “incuráveis” (LANZIERI et al., 2011).

Se existe um elo de confiança e diálogo entre os diversos atores que estão envolvidos em uma ação de promoção de saúde, mesmo que a proposta não implique em um atendimento imediato aos problemas de saúde dos envolvidos, há a aceitação da proposta de trabalho. O respeito às diferenças é, às vezes, um ponto tão importante quanto as informações científicas empregadas no desenvolvimento das ações educativas junto aos grupos sociais de caráter popular (ACIOLY, 2008; LANZIERI et al., 2011).

Desta forma, todas as atividades desenvolvidas foram calcadas na ideia da extensão universitária como processo educativo, cultural e científico. Nesta concepção a articulação do ensino, extensão e da pesquisa é capaz de proporcionar encontros e diálogos entre alunos e professores, entre alunos e sociedade e entre professores e sociedade. Como resultado, vislumbra-se a produção de novos conhecimentos que por sua vez, pode ser emancipadora, pressupondo a troca entre os saberes científicos e populares (ACIOLY, 2008; MOITA e ANDRADE, 2009).

Lidar com a realidade com a qual a instituição de ensino se insere, através da promoção de formas mais ativas de aprendizagem, é um princípio norteador da prática extensionista. O trabalho com um questionário, no qual temas de cunho social, econômico e cultural são levantados e podem ser cruzados com as informações de saúde do paciente, foi outra importante experiência de aprendizado para os alunos do curso de odontologia. De fato, em toda a América Latina, observam-se problemas de gênese social, epidemiológica e demográfica que apresentam continuamente aos serviços de saúde novos e crescentes desafios e demandas. Além dos aspectos biológicos, devem ser levadas em conta as determinações sociais e psicológicas presentes no fenômeno do adoecimento. Por isso, é exigido o diálogo entre as diferentes esferas do conhecimento para que seja possível abarcar de forma mais oportuna os objetos insertos no universo da saúde. Para esta realidade, a formação do profissional de saúde fragmentada, centrada em aspectos biológicos, superespecializada, na qual existe uma conotação de que a prática de promoção de saúde deva ser executada prioritariamente no hospital (CABRAL et al., 2008) ou no consultório odontológico, como no caso da odontologia, deve ser superada.

Os alunos puderam vivenciar as rotinas dos sistemas de referência e contrarreferência presentes nas ações dentro do Sistema Único de Saúde (SUS). A produção do cuidado integral é possível dentro de uma ação extensionista desde que exista a oportunidade de articular os saberes acadêmicos e que a proposta concilie a assistência à indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão. De fato, a extensão é o *locus* de vivências e confrontos entre a teoria e a prática cujo processo dialógico se caracteriza por ser multiprofissional e com responsabilidade social (SILVA et al., 2013).

CONCLUSÃO

O projeto de extensão “Promoção da Saúde Bucal dos Usuários do Serviço de Hemodiálise das clínicas do Instituto de Terapia Renal da Associação Evangélica Beneficente de Minas Gerais (AEBMG)” proporcionou ao graduando em odontologia da FO-UFMG a possibilidade de exercer a sua prática em um cenário diverso ao habitualmente conhecido. Com isso, a possibilidade de troca de experiências entre alunos,

professores, pacientes e equipe multidisciplinar foi viabilizada de uma forma que demandou maior compromisso e responsabilidade social.

Os resultados desta ação extensionista serviram para construir o perfil de quem é o usuário deste serviço e quais são as suas necessidades bucais. Para a AEBMG, a parceria com a FO-UFMG possibilitou conhecer com maior clareza as condições de saúde bucal dos seus pacientes e, com base nestes resultados e através do SUS, viabilizar a atenção primária odontológica pelo sistema de referência e contrarreferência e possibilitar, finalmente, a reabilitação funcional e estética destes.

REFERÊNCIAS

ACIOLY, S. A prática educativa como expressão do cuidado em Saúde Pública. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 61, n. 1, p. 117-21, jan.-fev., 2008.

BAYRAKTAR, G.; KURTULUS, I.; KAZANCIUGLU, R.; BAYRAMGURLER, I.; CINTAN, S.; BURAL, C.; BESLER, M.; TRABLUS, S.; ISSEVER, H.; AYSUNA, N.; OZKAN, O.; YILDIZ, A. Effect of educational level on oral health in peritoneal and hemodialysis patients. **International Journal of Dentistry**, p. 1-5, 2009. Doi: 10.1155/2009/159767.

BORAWSKI, J.; WILCZYNSKA-BORAWSKA, M.; STOKOWSKA, W.; MYSLIWIEC, M. The periodontal status of pre-dialysis chronic kidney disease and maintenance dialysis patients. **Nephrol. Dial. Transplant**, v. 22, n. 2, p. 457-464, 2007.

BRIZON, V. C. ; COSTE, S. C.; SILVA, M. E. S.; CASTILHO, L. S.; OLIVEIRA, A. C. B. Factors associated with edentulism in kidney patients in hemodialysis. In: **90th IADR General Session**, 2012, Foz do Iguaçu. **Journal of Dental Research**, v. 91, 2012.

CABRAL, P. E., et al. Serviço e comunidade, vetores para a formação em saúde: o curso de medicina da Uniderp. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 32, n. 3, p. 374-382, 2008.

CASTILHO, L. S.; BARROS, A. P.; SOUZA, G. L. N.; LACERDA, D. C.; MARQUES, E. E. M.; SANTOS, E. B.; REIS, M. Q.; SILVA, P. A.; LISBOA, S. O.; RESENDE, V. L. S. A contribuição da odontologia na equipe multidisciplinar na promoção de saúde do paciente com paralisia cerebral. **Revista de Extensão**, Cruz das Almas, v. 2, n. 1, p. 141-153, 2012.

CASTILHO, L. S.; RESENDE, V. L. S.; SILVA, M. E. S.; PACHECO A.; FRIAS, N.; MOREIRA, E. Ensinando odontologia em cenários extramuros: uma parceria entre a Faculdade de Odontologia da UFMG, Associação Mineira de Reabilitação e uma escola para portadores de deficiências neuromotoras. **Extramuros - Revista de Extensão da UNIVASF**. Petrolina, v.1, n. 1, p. 97-107, 2013a.

CASTILHO, L. S.; RESENDE, V. L. S.; BARROS, A. C. P.; LACERDA, D. C. S;

MARQUES, M. E; FRIAS, N. C; PACHECO A. O. Atendimento odontológico a pacientes com necessidades especiais: Considerações a respeito de um projeto de extensão. **Revista ELO - Diálogos em Extensão**, Viçosa, v. 2, n. 1, p. 15-32, julho 2013b.

CENGIZ, M. F., SÜMER, P.; CENGIZ, M.; YAVUZ, U. The effect of the duration of the dialysis in hemodialysis patients on dental and periodontal findings. **Oral Diseases**, v. 15, n. 5, p. 336-341, July, 2009.

COSTE, S. C.; BRIZON, V. C.; CASTILHO, L. S.; Silva, M. E. S.; OLIVEIRA, A.C.B. Aspects related to the prevalence of gingivitis in renal patients in hemodialysis. In: 90th IADR General Session, 2012, Foz do Iguaçu. **Journal of Dental Research**, v. 91, 2012.

CRAIG, R. Interactions between chronic renal disease and peritoneal disease. **Oral diseases**, v. 14, n.1, p. 1-7, 2008.

DAVIDOVICH, E.; DAVIDOVITS, M.; PERETZ, B.; SHAPIRA, J.; AFRAMIAN, D. J. The correlation between dental calculus and disturbed mineral metabolism in paediatric patients with chronic kidney disease. **Nephrol. Dial. Transplant**, v. 24, n.8, p. 2439-2445, 2009.

KLASSEN, T. J.; KRASKO, B. M. The dental health status of dialysis patients. **J. Can. Dent. Assoc.**, v. 68, n. 1, p. 34-8, 2002.

LANZIERI, P.G . et al. “Boa noite, bom dia HUAP!”, uma experiência de humanização na formação de profissionais da área de saúde. **Interface comunicação saúde educação**, v. 15, n. 36, p. 289-97, jan./mar. 2011.

MOITA, F. M. G. S. C.; ANDRADE, F. C.B. Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 41, p. 269-393. maio/ago. 2009.

NAKHJAVANI, Y.; BAYRAMY, A. The dental and oral status of children with chronic renal failure. **J. Indian Soc. Pedod. Prev. Dent**, v. 25, n. 1, p. 7-9, Mar. 2007.

SESSO, R. C.; LOPES, A. A.; THOMÉ, F. S.; LUGON, J. R.; WATANABE, Y.; SANTOS, D.R. et al. Relatório do Censo Brasileiro de diálise crônica 2012. **J. Bras. Nefrol.**, v. 36, n.1, p. 48-53, 2014.

SILVA, A. F. L.; RIBEIRO, C. D. M.; SILVA JÚNIOR, A. G. Pensando extensão universitária como campo de formação em saúde: uma experiência na Universidade Federal Fluminense, Brasil. **Interface (Botucatu)**, v. 17, n. 45, p. 371-84, abr./jun. 2013.

SOUZA, C. M.; BRAOSI, A. P. R.; LUCZYSZYN, S. M.; CASAGRANDE, R. W.; RIELLA, M. C.; IGNÁCIO, S. A.; TREVILATTO, P. C. Oral health in Brazilian patients with chronic renal disease. **Rev. Méd. Chil.**, v. 136, n. 6, p. 741-746, 2008.

ANEXO

DATA: _____

Nº. _____

1ª. PARTE - INFORMAÇÕES

A) IDENTIFICAÇÃO

Nome: _____

1) Em que cidade você mora?

0 () Belo Horizonte 1 () Contagem 2 () Betim 3 () Outra _____

2) Sexo: 0 () masculino 1 () feminino

3) Cor da pele: 0 () branca 1 () preta 2 () parda 3 () amarela

4) Qual a sua idade? _____ anos

B) HÁBITOS COMPORTAMENTAIS E HISTÓRIA MÉDICA

5) Há quanto tempo você faz hemodiálise? _____

6) Você faz quantas sessões / semana? 0 () três 1 () quatro 2 () outra opção _____

7) Você possui alguma outra doença? 0 () sim 1 () não

Se sim, qual? 0 () Hipertensão 1 () Diabetes 2 () outra (s) _____

8) Você é fumante? 0 () sim 1 () não

9) Você faz uso de alguma bebida alcoólica? 0 () sim 1 () não

Se sim, quantas vezes/ semana? 0 () < de uma vez 1 () uma a duas vezes 2 () três vezes

10) Você faz uso frequente de algum remédio? 0 () sim 1 () não

Se sim, qual (is)?

11) Como você avalia a sua saúde bucal? 0 () ótima 1 () boa 2 () regular
3 () ruim 4 () péssima

12) Você foi ao dentista nos últimos 6 meses? 0 () sim 1 () não

a) Se sim, qual o motivo da consulta?

0 () prevenção / limpeza 1 () dor de dente/cárie 2 () gengiva sangrando

3 () extração 4 () outro: _____

13) Desde que começou a hemodiálise, você recebeu orientação de algum profissional de saúde, que cuida de você, para fosse ao dentista?

0 () sim 1 () não

a) Se sim, qual profissional? 0 () médico 1 () enfermeiro 2 () assistente social

3 () outro: _____

b) Se sim, qual o motivo?

0 () prevenção 1 () dor de dente /cárie 2 () gengiva sangrando 3 () extração

4 () outro: _____

SE O ENTREVISTADO NÃO POSSUIR DENTES NA BOCA, PULAR PARA A PERGUNTA 17!

14) Você teve dor de dente nos últimos 6 meses? 0 () sim 1 () não

15) Quantas vezes você escova seus dentes por dia?

0 () uma vez 1 () duas vezes 2 () três vezes 3 () quatro vezes ou +

16) Você usa fio dental todos os dias? 0 () sim 1 () não 2 () só às vezes / de vez em quando

Se sim, quantas vezes por dia?

0 () uma vez 1 () duas vezes 2 () três vezes 3 () quatro vezes ou +

17) Como você considera a aparência do seu sorriso?

0 () ótima 1 () boa 2 () regular 3 () ruim 4 () péssima

D) CRITÉRIO DE CLASSIFICAÇÃO ECONÔMICA BRASIL

18) Até que série você estudou (ou estuda)?

- 0 () analfabeto / primário incompleto
1 () primário completo / ginásial incompleto
2 () ginásial completo / colegial incompleto
3 () colegial completo / superior incompleto
4 () superior completo

19) Na sua casa tem.....? Quantos (as)?

- | | |
|--------------------------------------|--|
| 0 () TV em cores | 5 () aspirador de pó |
| 1 () rádio (excluindo o do carro) | 6 () máquina de lavar roupa (ou tanquinho) |
| 2 () banheiro | 7 () vídeo-cassete (ou DVD) |
| 3 () carro | 8 () geladeira |
| 4 () empregada doméstica mensalista | 9 () freezer (aparelho independente / ou parte da geladeira duplex) |

AS 4 PRÓXIMAS PERGUNTAS SÃO APENAS PARA AQUELE ENTREVISTADO QUE NÃO POSSUI NENHUM DENTE NA BOCA

20) Você usa dentadura? 0 () sim 1 () não SE A RESPOSTA FOR NÃO, PULE PARA A QUESTÃO 22

Se sim, qual a dentadura? 0 () superior 1 () inferior 2 () superior e inferior

21) Você limpa / escova a sua dentadura? 0 () sim 1 () não

Se sim, quantas vezes por dia? 0 () uma vez 1 () duas vezes 2 () três vezes 3 ()

22) Você limpa sua boca (por dentro)? 0 () sim 1 () não

Se sim, quantas vezes por dia? 0 () uma vez 1 () duas vezes 2 () três vezes 3 ()

DATA: _____

Nº. _____

NOME DO PARTICIPANTE _____

EXAME CLÍNICO**MUCOSA BUCAL**

Mucosa labial	0 () Normal	1 () Com alteração
Comissuras labiais	0 () Normal	1 () Com alteração
Mucosa jugal (bochecha)	0 () Normal	1 () Com alteração
Mucosa vestibular	0 () Normal	1 () Com alteração
Gengiva	0 () Normal	1 () Com alteração
Palato mole e/ou duro	0 () Normal	1 () Com alteração
Língua (dorso / lateral ventre /)	0 () Normal	1 () Com alteração
Assoalho da boca	0 () Normal	1 () Com alteração

ALTERAÇÃO DE MUCOSA BUCAL (Resultado Final)

0 () Presente 1 () Ausente

Gengivite 0 () Presente 1 () Ausente**Cálculo dentário visível** 0 () Presente 1 () Ausente**NÚMERO DE DENTES NA BOCA:** _____**CÁRIE DENTÁRIA (DENTE COM LESÃO CARIOSAS CAVITADA - MARCAR COM “X”)**

18	17	16	15	14	13	12	11		21	22	23	24	25	26	27	28
48	47	46	45	44	43	42	41		31	32	33	34	35	36	37	38

Número de dentes com cárie cavitada: _____**CÁRIE DENTÁRIA (Resultado Final)**

0 () Presente 1 () Ausente

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

SILVA, Maria Elisa Souza e; BORGES, Ana Cristina de Oliveira; RUAS, Bruna Mara; RESENDE, Guilherme Soares de; COSTE, Sylvia Cury; CASTILHO, Lia Silva de. Promoção da saúde bucal dos usuários do serviço de hemodiálise das clínicas do Instituto de Terapia Renal da Associação Evangélica Beneficente de Minas Gerais (AEBMG). **Extramuros**, Petrolina-PE, v. 2, n. 1, p. 81-99, jan./jun. 2014. Disponível em: <informar endereço da página eletrônica consultada>. Acesso em: informar a data do acesso.

Recebido em: 3 mar. 2014.

Aceito em: 25 jun. 2014.

Realidade prisional feminina: problemas enfrentados pelas detentas e possibilidades de reinserção social

Eloína Ariana Ribeiro Damasceno Silva¹
Maria Iracema de Sousa Araújo¹
Thalita Silva de Castro¹
Yramaiane Tomaz da Silva¹
Júnnia Maria Moreira²

¹ Graduandas em Psicologia na Universidade Federal do Vale do São Francisco. E-mails: eloina_ariana@msn.com; miracema-sousa@hotmail.com; thalita_scastro@hotmail.com; yramaianetomaz@hotmail.com.

² Mestre em Psicologia. Professora do Colegiado de Psicologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco. E-mail: junnia.moreira@gmail.com.

RESUMO

A detenção feminina acontece principalmente em função do tráfico de drogas. Considerando a crescente população carcerária no Brasil, a ineficácia do sistema e a insuficiência de estudos na área, o presente trabalho buscou investigar os problemas enfrentados pela população carcerária feminina em uma colônia penitenciária do interior de Pernambuco, além de proporcionar uma reflexão sobre o tráfico de drogas e suas consequências para a vida do comercializador e do usuário. Foram realizados dois encontros com atividades interativas como dinâmicas, entrevista semiestruturada e apresentação de vídeos sobre a questão do tráfico. Os relatos das detentas foram agrupados em: Cotidiano prisional; Maternidade e relações familiares; Vivências amorosas; Expectativas para o futuro; e A vida do usuário de drogas. A intervenção possibilitou às detentas a expressão e reflexão sobre aspectos prejudiciais acerca do tráfico de drogas, além do levantamento de novas alternativas para geração de renda.

Palavras-chave: Penitenciária Feminina; Tráfico de Drogas; Realidade Prisional.

Female prison reality: facing inmates' problems and possibilities of social reinsertion

ABSTRACT

The female detention happens mainly due to the drug trade. Considering the growing prison population in Brazil, the system inefficiency and the shortage of previous studies, this work investigates the problems faced by female inmates in a prison in the interior of Pernambuco, in addition to providing a reflection on drug trafficking and its consequences for the supplier and the user. Two encounters were performed including interactive activities as group dynamic experiences, semi-structured interviews and video presentations on the issue of trafficking. The inmates' reports were grouped into: Everyday prison; Motherhood and family relationships; Love experiences; Expectations for the future; and The life of a drug user. The intervention allowed the inmates expression and reflection about harmful aspects of drug trafficking and the emergence of new alternatives for income generation.

Keywords: Female Prison; Drug Trade; Prison Reality.

INTRODUÇÃO

Não é estranha a ninguém a lamentável situação assistencial ao sistema penitenciário. Para Tabora e Bins (2008), o sistema carcerário brasileiro padece na perspectiva dos direitos humanos e do direito de atenção a saúde, pois faltam recursos materiais e humanos para atendimento das necessidades de saúde. As péssimas condições do sistema penitenciário, como superlotação, insalubridade e controle da massa por facções rivais têm propiciado o aparecimento de novas doenças físicas e mentais, as quais contam com formas ineficientes de atenção.

Outro ponto a ser ressaltado em relação à carceragem feminina segundo Soares e Ilgenfritz (2002 apud GUEDES, 2006) é que a privação da liberdade e os abusos que ocorrem em seu interior infringidos à mulher parecem mais uma continuação de um círculo de violência vivido pela mulher. Essa violência inicia-se na família, adentra as instituições para crianças e adolescentes e é perpetuada no casamento e em toda a sociedade.

Para Guedes (2006), não se pode deixar de enfatizar o papel desempenhado pela mídia na construção do imaginário social acerca da temática o que ocasiona muitas vezes em uma construção preconceituosa e estigmatizante desse cenário. Cria-se no imaginário social uma articulação entre a noção de direitos humanos e privilégios de bandidos, evidenciada pelo posicionamento da população contra a viabilização de assistência e cuidado para essa parcela da população.

A relevância desta intervenção reside na possibilidade de empreender uma compreensão sobre a vida de mulheres encarceradas por envolvimento com o tráfico de drogas, já que segundo Souza (2009), esse tipo de crime tem sido o responsável pelo crescimento de mulheres na marginalidade, galgando cada vez mais posições de destaque no cenário de criminalidade.

Portanto, o presente trabalho buscou, através de encontros com a psicóloga da instituição e com as detentas, trazer elucidacões acerca do dia a dia dessas pessoas, muitas vezes aparentemente tão distantes dos cidadãos comuns que acreditam estar imunes a certas situaões.

As intervenões realizadas tiveram como objetivo geral proporcionar uma reflexão sobre a realidade prisional e o tráfico de drogas com suas consequências na vida do comercializador e do usuário. Os objetivos específicos foram: (1) conhecer os problemas enfrentados pelas detentas em seu cotidiano; (2) verificar como as presidiárias começaram o tráfico de drogas e quais funções desempenharam; (3) analisar as consequências do tráfico de drogas na vida social e também afetiva das presidiárias; (4) analisar as consequências do uso de drogas na vida social e afetiva dos usuários; e (5) reconhecer outras possibilidades de reinserão social.

MÉTODO

O presente trabalho surgiu a partir das atividades práticas da disciplina de Fundamentos de Psicologia da Saúde, oferecida no sétimo semestre do curso de Psico-

logia da UNIVASE. A intervenção aconteceu em dois momentos, respectivamente nos dias 07 e 24/02/14, após serem realizados dois encontros com a psicóloga da instituição, o que possibilitou uma aproximação com o contexto carcerário feminino da unidade e forneceu os subsídios para o planejamento e desenvolvimento da intervenção.

A demanda para atuação surgiu a partir dos encontros com a psicóloga que apontou a relevância em se trabalhar sobre a questão do tráfico de drogas, já que atualmente, das 70 aprisionadas, aproximadamente 86% tiveram suas prisões relacionadas ao assunto. A partir dessas orientações, foi construído um roteiro de intervenção.

A Unidade na qual foi realizado o presente trabalho atualmente conta com 01 diretor, 01 supervisora, 01 psicóloga, 01 assistente social, 08 professores, 70 detentas. Dentre as detentas, 15 estão em regime semiaberto, ou seja, passam o dia em trabalho obrigatório e à noite voltam para dormir, e 10 em regime domiciliar, ou seja, comparecem à penitenciária uma vez por mês até cumprir a sentença. Também residem na Unidade 04 crianças filhas de detentas. A faixa etária das detentas situa-se entre 22 e 40 anos. Quanto ao grau de escolaridade, 64 detentas possuem o ensino fundamental incompleto, 05 detentas possuem o ensino médio completo e 01 detenta possui superior completo.

A psicóloga da Unidade desempenha, segundo seu relato, várias atividades, tais como: triagens iniciais; articulação com a família, com o conselho tutelar, com o CRAS e CREAS; visita domiciliar; intermediação de palestras e cursos profissionalizantes. De acordo com ela, às vezes, desempenha o papel de sexóloga e ultimamente começou a desenvolver um trabalho preventivo dentro da carceragem. A psicóloga se diz apaixonada pelo que faz e sente-se útil, mesmo diante das limitações que o próprio sistema carcerário impõe.

As presas ao adentrarem a penitenciária passam pela triagem, na qual é feito um levantamento de informações sobre a família, ocupações, rendimentos, se provedora de recursos financeiros a outrem, entre outras. Elas gozam da concessão de um salário mínimo quando trabalham na instituição, mas só recebem a metade desse valor, ficando a outra parte depositada (pecúlio) e a ser recebida na saída da prisão. A situação da penitenciária não é retratada pelos que a compõem como sendo das piores, pois o número de detentas por cela não é considerado exorbitante, elas têm uma boa alimentação e outros benefícios. A penitenciária dispõe de um berçário onde as crianças filhas das presas ficam por seis meses, porém, na prática, muitas presas que têm dinheiro ficam com seus filhos por mais tempo do que o que determina a lei. As crianças convivem com todos, inclusive recebem atenção e mimos da equipe que compõe a Unidade.

Participantes

Considerando que das 70 mulheres sentenciadas, apenas 45 delas se encontram em regime interno, estando disponível para participação, contabilizou-se nas duas atividades uma aderência de aproximadamente 78%, sendo importante salientar que a rotatividade foi frequente porque elas tinham a liberdade de participar ou declinar.

Ambiente

A intervenção aconteceu em uma sala dentro da penitenciária, destinada para realização de aulas de alfabetização.

Material

Os materiais utilizados para a intervenção foram 30 folhas com desenhos que abordassem atividades do dia-a-dia, giz de cera, balões coloridos, papéis, caneta, televisão, aparelho de DVD, computador, caixa de som, mídia de DVD e pen-drive.

Procedimentos

No primeiro dia o grupo foi reunido em uma sala da instituição e as atividades foram iniciadas com a apresentação das estagiárias, que esclareceram os objetivos da intervenção, com garantia de anonimato e sigilo. Nesse primeiro dia havia uma necessidade de se aproximar das detentas, conhecendo um pouco das vivências e particularidades do sistema prisional, dando abertura para se expressarem. Para isso, foi realizada a dinâmica “Cores da Vida” (Apêndice 1) que permitiu que as presas identificassem as atividades que mais gostam de fazer. Ao final, foi feita uma reflexão sobre quais as atividades estão impedidas de realizar devido à privação de liberdade.

No segundo dia, que aconteceu 17 dias após o primeiro encontro, novamente foram apresentados os objetivos da intervenção e a intenção em discutir sobre a temática das drogas e suas implicações na vida do traficante e do usuário, visto que ela é cada vez mais frequente na vida ou na família de todos os cidadãos. Outra vez, foi feito o contrato de sigilo e anonimato e como aquecimento utilizou-se a dinâmica “Vida” (Apêndice 2) que veio com a proposta de possibilitar às detentas falarem um pouco de si. Após a realização da dinâmica, foram apresentados os vídeos: Mulheres no comando do tráfico; Mulheres no tráfico; e Mãe desesperada acorrenta filho usuário de drogas na zona norte. Nos intervalos dos vídeos, foram feitas várias perguntas contidas na entrevista semiestruturada (Apêndice 3), como tentativa de identificar as similaridades entre os conteúdos dos vídeos e a vida delas e as implicações que o vício proporciona ao contexto familiar, além de identificar os diferentes pontos de vista em relação ao tema abordado. No final desse encontro, houve um encerramento com lanche e em seguida foi feita uma avaliação dos dois encontros, procurando levantar os pontos negativos e positivos e as reflexões proporcionadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram analisados os relatos das detentas ao longo da intervenção. Comparando-se o primeiro com o segundo encontro, observou-se que a adesão das presas foi maior no segundo encontro, porém não houve registro da frequência para afirmações mais categóricas.

Ao analisar os relatos, foi percebido que o tráfico de drogas traz implicações que envolvem todas as esferas da vida – a adaptação a um novo ambiente, agora prisional; a maternidade e suas relações familiares; as vivências amorosas; e outras perspectivas

de futuro. Já quanto ao uso de drogas, embora algumas assumam, foi observado que durante a intervenção elas tiveram a oportunidade de visualizar de um outro ponto de vista as pessoas e famílias que sofrem com o consumo desenfreado de drogas. Algumas participantes inclusive mostraram-se a favor de medidas que afastem o usuário do contato com as drogas.

Os resultados foram agrupados em: (1) Cotidiano prisional; (2) Maternidade e relações familiares; (3) Vivências amorosas; (4) Expectativas para o futuro; (5) A vida do usuário de drogas: repensando o outro lado. Cada uma dessas categorias serão analisadas e descritas abaixo.

Cotidiano prisional

O cotidiano prisional apresenta uma característica peculiar referente ao “isolamento do mundo”, o que faz com que as participantes desenvolvam estratégias de enfrentamento para essa nova realidade. Observou-se que, dentre essas estratégias encontram-se tentativas de não perder totalmente o elo com o mundo lá fora, para isso procuram trazer para seu cotidiano o que tinham antes da carceragem, tanto em termos de atividades de rotina quanto de objetos. Elas fazem a limpeza do ambiente e cuidam de suas celas criando uma identidade própria, colando fotografias e cartazes nas paredes e dispendo outros pertences pelo ambiente. Elas cuidam do corpo e da própria aparência, fazendo ginástica, cuidando dos cabelos e das unhas, participam do grupo escolar, enfim, tentam se adaptar e adaptar o ambiente quando dizem que “aqui é igual sutiã, tem que entrar de peito e tentar se adaptar, porque senão fica pior”.

Guedes (2006) e Lima et al. (2013) em pesquisa em uma penitenciária também encontraram resultados semelhantes em relação às estratégias de enfrentamento, apontando como estratégias a limpeza do ambiente, o cuidado de si e da cela, participação em grupo escolar e religioso. A aproximação desse espaço com a antiga realidade parece tornar mais fácil suportar o encarceramento.

As falas das presas mostram o quanto o contato extramuros é importante: “Como não podemos ir lá fora é muito bom quando vocês trazem o mundo até nós”; “Gostamos muito quando vocês vêm até aqui”. A esse respeito, Guedes (2006, p. 566) afirma que “o atendimento psicológico passou a ser um espaço valorizado pelas mulheres em que ocorre um espaço de reflexão e visibilidade social”.

Maternidade e relações familiares

A maioria das detentas relatou que passaram a dar mais importância à família depois de estarem presas. Uma das participantes falou que o domingo, dia da visita, era o dia mais feliz para ela e que seu filho só comia chocolate uma vez no mês, quando vem visitá-la; outra disse que “o que mais doía era saber que seu pai estava doente e não podia cuidar dele”. Nos relatos, é frequente a ênfase na importância da família e a falta que os familiares fazem. Guedes (2006) em seus achados ressalta a importância dada à família depois da prisão, bem como a preocupação com o bem-estar e a saúde da família. A autora enfatiza também que o contato com a família acontece nos momentos de visita e que nem sempre os familiares vão visitá-las por sentirem-se constrangi-

dos com a revista ou pela tristeza de ter um familiar preso, questões que corroboram com achados desta intervenção.

Outro fator importante é que algumas detentas tornaram-se mães dentro da prisão, fato que as preocupa, pois sabem que as crianças só vão ficar com elas durante um período de seis meses. Medeiros (2010) enfatiza esse fato, quando diz que aos 6 meses mãe e filho serão separados não só pelo cárcere e pela distância, mas também pela falta de políticas que possam fortalecer o vínculo entre mãe e filho. Depois desse período, existe a possibilidade de um familiar assumir a criança, e, em último caso, de serem encaminhadas para adoção. No caso de adoção, é grande a probabilidade de não encontrarem mais o filho, dissipando qualquer laço construído nesse percurso de seis meses.

Vivências amorosas

Muitas presas têm seus delitos atrelados ao companheiro que também é presidiário, principalmente as que foram detidas por envolvimento com o tráfico de drogas. É comum o relato de que, após a prisão dos companheiros, elas assumiram o “negócio”, o que desencadeou em suas prisões.

Ainda quanto aos relacionamentos amorosos, a visita íntima acontece em forma de rodízio, despertando uma preocupação maior com o cuidado da beleza entre as detentas. Aquelas que vão naquela semana visitar os companheiros passam por um processo de transformação estética: pintam e escovam cabelos; fazem unhas e depilação. Existe uma necessidade de agradar o companheiro, que segundo Guedes (2006) representa relações importantes no enfrentamento da condição prisional, pois incluem a troca de cuidados e proteção.

Expectativas de futuro

Muitas detentas durante o período na prisão começam a refletir sobre o que as motivou a cometer seus crimes e como será quando estiverem em liberdade. Uma detenta fez alusão ao que podem extrair durante esse tempo reclusa dizendo: “aqui é igual ao Big Brother, só que no Big Brother eles ficam presos para ganhar um dinheiro e aqui a gente fica para aprender a arte de viver”. Nos relatos foram mencionados sentimentos como medo e ansiedade, bem como as expectativas ao saírem dali. Segundo as detentas, existe o estigma de que são todas bandidas e ainda completam: “quem vai dar emprego para uma ex-presidiária?” Outra participante falou que tem muitas esperanças de que quando sair a aceitação seja melhor, pois já visualizam avanços. Guedes (2006, p. 566) apresenta dados que condizem também com essa realidade: “Os projetos futuros apresentam um composto de medo, ansiedade e expectativa [...] que terão dificuldades em encontrar um trabalho por estarem com a ‘ficha suja’ ou ‘marcada’ devido ao estigma de ex-presidiárias”.

As participantes relataram pretender recomeçar a vida, primeiro tentando recuperar o espaço perdido dentro da família. Muitas disseram que irão morar com os pais, reconquistar os filhos que já as veem como estranhas, estudar e se afastar do mundo das drogas. Guedes (2006) apontou resultados semelhantes ao afirmar que “geralmen-

te, as detentas desejam recomeçar a vida e (re)iniciar atividades como cuidar dos filhos, estudar, afastar-se do mundo das drogas e trabalhar”. Sobre esse ponto, Medeiros (2010) complementa que “aquelas que não têm esse apoio estarão mais vulneráveis à reincidência, pois com a perda do vínculo familiar perdem a proteção social primária e aumenta-se a probabilidade de retorno ao crime”.

Repensando o outro lado

Ao assistirem ao vídeo que retrata o sofrimento da mãe que mantém um filho acorrentado devido ao fato de este ser usuário de drogas e estar ameaçado de morte, novas reflexões foram suscitadas. Algumas delas comentaram que ali, na condição de presas, elas têm a oportunidade de pensar em questões que lá fora nunca estiveram dispostas. Uma das detentas nesse momento contou as dificuldades que enfrentou com um filho usuário de drogas, dizendo que “uma mãe é capaz de tudo para proteger um filho”, mostrando-se a favor da personagem do vídeo que em uma atitude de medo e desespero vê naquela ação a única saída.

Consideramos importante esse momento, pois permitiu repensar o outro lado, encoberto pelos interesses pessoais no tráfico: e se o usuário fosse você? E se quem comprasse a droga fosse seu filho? Esse momento para pensar e falar sobre o assunto de outro ponto de vista proporcionou uma compreensão mais ampla do tráfico de drogas e suas implicações na sociedade.

CONSIDERAÇÕES

O contato com o universo prisional foi importante para a nossa formação como alunas de psicologia, pois a intervenção proporcionou a relação entre os conteúdos vistos na sala e a prática, possibilitando agregar novos conhecimentos à formação de psicólogo. O contato com as detentas foi imprescindível para esse aprendizado, bem como contar com o apoio da psicóloga, que norteou nossas atividades.

Uma detenta disse que elas “sentem o preconceito no olhar, que tem gente que acha que todas são bandidas, mas elas têm coração, elas sentem...”, a fala dela mostra o quanto é importante adentrar esses espaços sem preconceitos e receptivos às demandas que encontrar. Segundo Matumoto (1998 apud PAIVA e DIAS, 2011), é importante que os profissionais de saúde ofereçam acolhimento aos usuários do serviço, através de uma postura empática, escuta sensível e respeito às singularidades, dando-lhes abertura para expressarem suas problemáticas, e assim, planejar ações compatíveis com as reais necessidades da comunidade.

Para Crochik (1997) o estereótipo do criminoso como um indivíduo altamente perigoso, que não muda seu caráter duvidoso, ajuda na construção das características que o indivíduo saudável deve apresentar para saber como agir quando se defrontar com o mesmo, ao mesmo tempo em que evita a sua identificação com ele. Quanto mais cremos que somos menos parecidos com ele, mais protegidos nos sentiremos, e ao mesmo tempo evitaremos pensar que as condições sociais nas quais vivemos podem fortalecer e contribuir para que nós próprios, nas mesmas condições, cometêssemos os mesmos atos.

A partir dos resultados alcançados, observa-se a necessidade de viabilizar mais espaços de reflexão e discussão, tomando como base a promoção de saúde. Já que permitir que essas mulheres falem de suas angústias e medos, bem como de seus sonhos, é dispensar cuidado e atenção para com esse público que além da privação da liberdade ainda na maioria das vezes vive à mercê da violência institucional. Igualmente necessárias são iniciativas eficazes de reinserção social, o que não acontece sem a profissionalização dos ex-detentos.

De acordo com Pinheiro (2010) a violência institucional é perversa e atinge na maioria das vezes as pessoas com menor poder aquisitivo e exclusivamente aqueles que dependem dos serviços públicos, executados por funcionários “públicos”, da ação dos poderes instituídos. Há diversas formas de praticar esse tipo de violência, as mais comuns são a insuficiência de informações dadas aos usuários do serviço ou a ineficácia das providências adotadas que compelem o cidadão a fazer uma verdadeira peregrinação pelos serviços sem que consiga resolver sua questão.

Essas pessoas têm seus direitos violados por um sistema público altamente ineficiente. Conforme Guedes (2006) o descaso do Estado na efetivação de estratégias que previnam a manifestação da violência e que atuem como recuperação /ressocialização desses sujeitos em conflito com a lei só tendem a manter e a aumentar a desigualdade e a miséria, favorecendo conseqüentemente o ciclo violência/criminalidade/exclusão.

Diante dessa perspectiva de violação de direitos, pode-se perceber o retrato de violência, que não se caracteriza somente pela ordem física. De acordo com Souza (2004), essa violência se realiza também no plano das relações sociais, nas quais as ações humanas se dirigem contra o existir social. Submetendo alguns sujeitos a um processo de coisificação e assujeitamento por parte de outros, e assim é possível pensar em uma violência como expressão de intolerância e de exclusão política e social, como mecanismos para manutenção de privilégios sociais. Exclusão essa que se refere a qualquer processo que dificulte ou até mesmo impeça o acesso do sujeito à riqueza, tanto espiritual quanto material, produzida pelas sociedades no fluxo da história, caracterizando-se como um obstáculo ao exercício de cidadania.

Sawaia (2004) afirma que a exclusão é um processo complexo e multifacetado, uma configuração de dimensões políticas, materiais, subjetivas e também relacionais, diz que, este é um processo sutil e dialético, vez que só existe em relação à inclusão como parte constitutiva dela, que envolve o homem por inteiro e suas relações sociais. Sendo assim, esta intervenção na Unidade trouxe inúmeras implicações no processo de valorização dos sujeitos, pois permitiu evidenciar a relevância de ouvir as explicações trazidas de ambas as partes, tanto para as presas, como para as estudantes.

Considerando que a instituição se mostrou aberta a intervenções posteriores, apontamos como importante a realização de outros momentos como este, oportunidades para as detentas falarem de seus anseios, expectativas e medos, trabalhando com outras demandas de saúde, ampliando o acesso à informação e fortalecendo o espaço para o diálogo. Como sugestão, salientamos que dinâmicas breves e vídeos curtos, por não exigirem atenção concentrada por longo período, são mais válidos e envolvem um maior número de participantes.

Acerca de sugestão para outras temáticas, percebemos que seria bastante interessante abordar a situação de mulheres que estiveram na mesma condição que elas de privação de liberdade e que, após o cumprimento da pena e retorno à vida em sociedade, conseguiram se reestabelecer e conquistar novos espaços, deixando a prática do crime. Acreditamos que ao verem que outras pessoas obtiveram sucesso longe do crime, as detentas poderão pensar em novas possibilidades de existência e de geração de renda, criando estratégias de enfrentamento aos possíveis obstáculos na vida lá fora, principalmente, relacionados ao retorno à prática criminosa. O aspecto relacionado à ampliação de fontes geradoras de renda é essencial para a reinserção social da ex-detenta. Essa afirmação é evidenciada no presente estudo pelo fato de que muitas detentas iniciam-se na criminalidade, mais especificamente, no tráfico de drogas, após a prisão de seus companheiros, a fim de dar continuidade à fonte de renda familiar.

A articulação entre as vivências dos encontros e a literatura concretizada nesta prática permitiu descrever particularidades inerentes à realidade institucional e à vida dessas mulheres, contribuindo com informações imprescindíveis para a compreensão do papel do psicólogo em instituições prisionais.

REFERÊNCIAS

CROCHIK, José L. **Preconceito, indivíduo e cultura**. 2. ed. São Paulo: Robe, 1997.

GUEDES, M. A. Intervenções psicossociais no sistema carcerário feminino. **Psicologia ciência e profissão**, v. 26, n. 4, 558-569, 2006.

LIMA, G. M. B.; PEREIRA NETO, A. F.; AMARANTE, P. D. C.; DIAS, M. D.; FERREIRA FILHA, M. O. Mulheres no cárcere: significados e práticas cotidianas de enfrentamento com ênfase na resiliência. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 98, p. 446-456, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sdeb/v37n98/a08v37n98.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2014.

MEDEIROS, L. L. de. Mulheres e cárcere: reflexões em torno das redes de proteção social. In: **Encontro Nacional de Historia Oral**, 10, 2010, Recife. Anais... [S.l.]: UFPel, 2010.

PAIVA, F. S.; DIAS, A. C. G. **Habilidades Sociais: investigando as percepções dos agentes comunitários de saúde**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: <http://www.metodista.br/ev/psicologia-da-saude/anais-1/2011/comunicacao-oral/co27/CO27%20-%20TEXTO%20INTEGRAL%20-%20Habilidades%20Sociais.pdf>. Acessado em: 25/10/2013.

PINHEIRO, R. **A violência institucional: você é responsável por ela**. Disponível em: <<http://rossanapinheiro.blogspot.com.br/2010/08/violencia-institucional-voce-e.html>>. Acesso em: 02 abr. 2014.

SAWAIA, B. (Org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 2004.

SOUZA, L.; TRINDADE, Z.A. (Org). **Violência e exclusão: convivendo com paradoxos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

SOUZA, K. O. J. A pouca visibilidade da mulher brasileira no tráfico de drogas. **Psicologia em Estudo**, v. 14, n. 4, p. 649-657, 2009.

TABORDA, J. G. V.; BINS, H. D. C. Assistência em saúde mental e o sistema prisional no Brasil. **Revista de Psiquiatria (Hospital Júlio de Matos, Portugal)**, v. 21, n. 3, p. 164-170, 2008.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

Dinâmica: Cores da vida
(Criada pelo grupo)

Materiais: 30 folhas com desenhos que ilustrem atividades do dia-a-dia, giz de cera, grupo sentado em círculo.

Procedimentos: Cada participante recebe uma folha com o desenho e vários gizes de cera. Elas irão pintar somente as figuras que representam o que elas gostam de fazer, ao comando da palavra VIDA elas terão que repassar a folha para pessoa ao lado. OBS: Só é para pintar o que você realmente gosta de fazer. Após as folhas terem passado por todas elas, iremos recolher as gravuras e perceberemos que algumas gravuras estarão mais coloridas que outras e através disso dizer: **VOCÊS JÁ PERCEBERAM QUE O QUE MAIS GOSTAMOS DE FAZER É O QUE DÁ COR AS NOSSAS VIDAS? MAS SERÁ QUE SEMPRE PODEMOS FAZER O QUE GOSTAMOS?**

APÊNDICE 2

Dinâmica: A vida
(Disponível em: <<http://soucatequista.com.br/dinamica-da-vida.html>>.)

Material: Balões coloridos, papéis e caneta.

Preparo: Escrever frases incompletas nos papéis e colocá-los dentro dos balões.

Desenvolvimento: Cada participante receberá um balão. Ao som da música “É preciso saber viver” deverão encher sem estourar. De acordo com o ritmo da música, deverão fazer movimentos com o corpo, utilizando os balões. Quando a música parar, deverão estourar os balões e pegar a frase que estava dentro. Voltando para o círculo, cada um deverá ler a sua frase completando-a... (falando de emoções).

Exemplos de frases:

1. Gosto muito de...
2. Não gosto de...
3. Fico feliz quando...
4. Sinto que estou bem no grupo, quando...
5. Uma das coisas que mais me deixa triste é...
6. Tenho medo de...
7. Nada me irrita mais do que...
8. Sinto saudade de...
9. O amor significa para mim...
10. Minha maior esperança é...
11. Sinto-me envergonhado quando...
12. Quando penso na morte sinto...
13. Para mim, o que existe de mais importante é...

14. Diante de um espelho eu me acho...
15. Se me restasse um ano de vida, eu...
16. A emoção que tenho maior dificuldade de controlar é...
17. Os outros dizem que eu...
18. Diante de uma dificuldade, eu...
19. Se eu pudesse mudar algo na minha vida seria...
20. O que mais gosto em mim...
21. Um lugar especial para mim...
22. Uma pessoa especial para mim...

APÊNDICE 3

Entrevista semiestruturada: perguntas relacionadas aos vídeos.

Cada vídeo será seguido de uma discussão.

A conversa terá como chave as seguintes perguntas: O que vocês acharam da história dessas mulheres que os vídeos mostraram? Algum dos relatos é comum a vocês?

Segue abaixo algumas perguntas que poderão ser utilizadas.

VÍDEO 1 - MULHERES NO COMANDO DO TRÁFICO

(Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=b8WsNKaoa1Y>>.)

Perguntas com base nos temas:

Personagem principal, a garçonete cujo filho fica cego por negligência – Tem alguma coisa que vocês deixaram de fazer por alguém que vocês consideram importante durante esse tempo que está aqui?

Dinheiro fácil – O que você faria se lhe oferecessem muito dinheiro para levar um pacote a alguém contendo drogas?

Homem (Marido/companheiro) envolve a mulher no tráfico – Tem alguém que vocês conhecem ou alguém querido no tráfico de drogas?

Presídios lotados – Essas imagens de superlotação dos presídios preocupam vocês?

Arrependimento – Se fosse hoje, tem alguma coisa que você faria diferente?

Sentimento de revolta – Qual o sentimento que vocês mais vivenciam aqui? Por quê?

Um dia na prisão, um dia perdido – O que vocês acham desse tempo todo que vocês passam aqui? Acham que poderiam aproveitar esse tempo de que forma?

Longe de quem você gosta – Tem alguém lá fora que é muito importante que faria vocês mudarem de vida?

Planos para vida futura – Quando sair daqui o que vocês querem fazer?
O Hoje - Se hoje vocês pudessem realizar um desejo, qual seria?

Mudança de vida – Acreditam que existe outra forma de viver lá fora, diferente da que as trouxe aqui?

VÍDEO 2 - MULHERES NO TRÁFICO

(Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=SLJvsEbbDEY>>.)

Perguntas com base nos temas:

Dinheiro fácil, alucinação, poder – Vocês seriam capazes de fazer de tudo para ter poder, dinheiro e fama?

Crime atalho para se dar bem na vida – Vocês acreditam que uma pessoa pode se dar bem e ganhar muito dinheiro com o crime?

Prisão: pagar alto preço – Vocês acham que a prisão é um pagamento muito alto? Acreditam que é injusto estar aqui? Vocês acham que haveria outras formas para vocês pagarem pelos seus atos?

Consequências que atingem toda a família – O que a família de vocês pensa sobre tudo isso que está acontecendo? Eles vêm visitá-las?

Escolhas erradas – Vocês acham que a escolha por esse mundo foi errada? Vocês acham que poderiam ter feito diferente?

Viciar filhos dos outros e os seus filhos – O que vocês acham das crianças que estão cada vez mais cedo entrando no mundo das drogas? E se não tivesse tráfico será que eles usariam drogas?

Vida de Privação – O que vocês acham de não poder fazer tudo o que quer e gosta porque está aqui?

Mulher vista como boazinha – Vocês acham que a mulher ainda é vista como boazinha, aquela que cuida da casa e dos filhos?

Filho chora e mãe não vê – Vocês ficam tristes quando pensam que seus filhos podem estar precisando de vocês? E vocês estão aqui impossibilitadas de dar carinho e amor a eles, como a mulher do primeiro vídeo?

Expectativas de futuro – Quando saírem daqui o que pretendem fazer?

VÍDEO 3 - MÃE DESESPERADA ACORRENTA FILHO USUÁRIO DE DROGAS NA ZONA NORTE

(Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=yfQ3ksPbAB0>>.)

Perguntas com base nos temas:

A situação dessa mãe (desespero) – Se fosse sua mãe que estivesse nessa situação como vocês se sentiriam? Ou se fosse seu filho que estivesse nesse estado?

Ameaça de morte para família – O que vocês acham de colocar toda a família em perigo? Já imaginou se fossem seus familiares que estivessem nessa situação?

A situação de quem é viciado – O que vocês acham que deveria ser feito com o usuário de drogas? Vocês concordam com a internação? Ou vocês acham que a mãe deve continuar mantendo-o acorrentando para ele não correr o risco de ser morto?

"Eu tinha tudo, hoje não tenho nada" – O que vocês acham quando a mãe diz: “Eu tinha tudo, hoje não tenho nada?”

Morrer na mão de bandido – O que vocês acham daquele que morre na mão do bandido? E se fosse você que mandasse matar?

Quando a droga entra em uma família – O que você acha que acontece com a droga entra em uma família? Só o usuário é afetado?

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

SILVA, Eloína Ariana Ribeiro Damasceno; ARAÚJO, Maria Iracema de Sousa; CASTRO, Thalita Silva de; SILVA, Yramaiane Tomaz da; MOREIRA, Júnnia Maria. Realidade prisional feminina: problemas enfrentados pelas detentas e possibilidades de reinserção social. **Extramuros**, Petrolina-PE, v. 2, n. 1, p. 100-113, jan./jun. 2014. Disponível em: <informar endereço da página eletrônica consultada>. Acesso em: informar a data do acesso.

Recebido em: 5 abr. 2014.

Aceito em: 20 jun. 2014.

Gestão de carreiras: inovação e indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão

Murilo Campos Rocha Lima¹
Ravena Moura Rocha Cardoso dos Santos²
Alvany Maria dos Santos Santiago³

¹ Bacharel em Administração pela Universidade Federal do Vale do São Francisco e Licenciado em História pela Universidade de Pernambuco. Email: murilo-campos86.mc@gmail.com.

² Graduanda em Psicologia na Universidade Federal do Vale do São Francisco. Email: ravenarocha@hotmail.com.

³ Professora Adjunta do Colegiado de Administração, Universidade Federal do Vale do São Francisco, doutora em Psicologia (UFES), mestre em Administração (University of Wisconsin Madison – USA) e Bacharel em Ciências Sociais (UFBA). E-mail: alvany.santiago@univasf.edu.br.

RESUMO

Este artigo apresenta o programa de extensão “Gestão de Carreiras: um olhar para o futuro”, que tem por objetivo contribuir para o desenvolvimento de carreiras e de competências necessárias aos futuros gestores. Esse programa desenvolve atividades em três vertentes: a) com os graduandos do curso de Administração para elaborar o plano individual de carreiras e o desenvolvimento de competências; b) com os estudantes do Ensino Médio de escolas públicas para vivenciarem o ambiente universitário e, assim, colaborar com a escolha profissional e incentivá-los a cursarem o Ensino Superior; c) por último, os egressos do curso de Administração, visando acompanhar a sua trajetória no mercado de trabalho, procurando manter a conexão com os atuais estudantes e a universidade. A abordagem metodológica é a socioconstrutivista e utiliza-se do modelo de Dutra (1996, 2002) para a elaboração do plano individual de carreiras. Para o alcance dos objetivos, foram organizados diversos eventos, como palestras, oficinas, rodas de conversas com egressos do curso e gestores da região no período de março de 2012 a fevereiro de 2014. Nesse período o programa atendeu um público de 645 pessoas, composto de universitários, estudantes do Ensino Médio, professores e administradores de diversas organizações. O programa também elaborou 65 planos de carreiras dos estudantes do curso de Administração.

Palavras chaves: Carreira; Gestão de Carreira; Plano Individual de Carreiras; Competências.

Career management: a teaching and learning innovation experience

ABSTRACT

This paper presents the innovation teaching and learning initiative named "Career Management: a look into the future". It aims to contribute to career and competence development of future managers. This program develops activities in three areas: a) the first focuses on administration college students in order to develop their career plans and skills; b) the second part focus on high school students with the objective to provide them to experience the university environment, to encourage them to pursue high education degree and contribute with professional choice; c) finally, administration college alumni, in order to follow their path into the labor market and allow building professional contacts for current students. The methodological approach is social constructivist and resorts to Dutra's model (1996, 2002) on career planning. Therefore,

we organized several events, such as lectures, workshops, round tables with managers and alumni from March 2012 to February 2013. During this time, the program reached 645 participants (college and public high school students, teachers and administrators from various organizations). Sixty-five career plans were developed.

Keywords: Career; Career management; Competences.

INTRODUÇÃO

A visão da indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão, como pregada no Art. 207 da Constituição Federal (CF) de 1988, encontra dificuldade na sua operacionalização. A visão do tripé, da tríade ensino-pesquisa-extensão, como inerente ao ensino superior tem alcançado maior destaque, embora a proposta da indissociabilidade, não apenas determinada pela CF, como também pelas demais bases legais da extensão universitária, indicam que essas ações devem permear as atividades de ensino e pesquisa e, não apenas, constituir uma das tríades, o que permitiria melhor trabalhar as demandas sociais, ainda mais importante e necessária em uma sociedade desigual e excludente como a brasileira.

Para o estudo da Administração, que corresponde a uma das especialidades da área de conhecimento das Ciências Sociais Aplicadas, demanda-se a utilização de estratégias didático-metodológicas para além do aspecto teórico (FIORELLI, 2006). Essa tem sido uma das reivindicações dos estudantes desse curso (CAMPOS, SANTIAGO, 2012) e para atendê-los faz-se necessário a adoção de ferramentas que extrapolem o ensino em sala de aula e proporcionem maior articulação entre a teoria e a prática. Os projetos de pesquisa-ação e demais ações de extensão, além das empresas juniores, constituem-se como alguns desses mecanismos e que colaboram para a melhoria do processo ensino-aprendizagem. Este artigo, portanto, apresenta o programa de extensão denominado “Gestão de carreiras: o olhar para o futuro” e os resultados alcançados nos dois primeiros anos de atividades – março de 2012 a fevereiro de 2014 – quando foi apoiado pelo Edital 2012/2013 do Programa Institucional de Bolsas de Integração (PIBIN) e Edital 2013/2014 da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) e pelo Programa de Iniciação Científica do Ensino Médio (PIBIC-EM) do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq)/UNIVASF e do Programa de Bolsas de Iniciação Acadêmica (BIA) da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE).

O mundo do trabalho tem apresentado grandes transformações nas últimas décadas em todas as áreas de atuação. Atualmente não basta somente o conhecimento técnico adquirido no curso de formação universitária para garantir a inserção do profissional no mercado de trabalho. A atualização do conhecimento técnico vem sendo praticada frequentemente, uma vez que a evolução da tecnologia se efetiva de maneira rápida e, como consequência, os processos produtivos e gerenciais têm que se adaptar a essas mudanças. De modo que o desenvolvimento de competências individuais também deve ser buscado na mesma proporção. Considerando que um dos princípios da educação superior, definida pelo Ministério da Educação (MEC) e reforçado no Plano Nacional de Extensão Universitária, é a formação do profissional cidadão, é imprescindível

dível “sua efetiva interação com a Sociedade, seja para se situar historicamente, para se identificar culturalmente ou para referenciar sua formação com os problemas que um dia terá de enfrentar” (FORPROEX, 2007a, p. 3).

O Fórum Nacional dos Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX) define inicialmente, em 1999, a extensão universitária como “processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e que viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade.” (FORPROEX, 2007a, p. 1). Em 2012, o FORPROEX (2012, p. 15) apresenta uma nova Política Nacional de Extensão Universitária, e ressalta que:

A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade.

Nunca é demais ressaltar o conceito de extensão como prática acadêmica que interliga a Universidade nas suas atividades de ensino e de pesquisa com as demandas da maioria da população, possibilita a formação do profissional cidadão e se credencia, cada vez mais, junto à sociedade como espaço privilegiado de produção do conhecimento significativo para a superação das desigualdades sociais existentes e, por conseguinte, contribuir para que a universidade cumpra a sua missão social.

Trabalhar a demanda social de cada disciplina apresenta-se como uma meta a ser perseguida pelos docentes dentro da abordagem de integração entre ensino, pesquisa e extensão, inerente ao processo ensino-aprendizagem no âmbito universitário (FORPROEX, 2007). Este programa, assim, procurou atender as demandas das disciplinas Gestão de Pessoas II no que se refere à temática de Administração de Carreiras (DUTRA, 1996, 2002) e Gestão de Pessoas I no que tange ao Planejamento Estratégico Individual (MACEDO, 2012) e do curso de Administração, dentro da categoria das Ciências Sociais Aplicadas, instrumentalizando, de acordo com o Projeto Pedagógico do Curso em estudo, o processo dialético da teoria e prática. Ademais, trabalha outro problema que é o estudante chegar às vias de conclusão do curso, na época de realização do Estágio Obrigatório, sem ter conhecimento sequer sobre qual tema irá desenvolver o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Apresenta também ligação com duas pesquisas desenvolvidas. A primeira sobre mercado de trabalho e competências, que teve como objetivo mapear as vagas de emprego para a área de administração ofertadas na região e as competências exigidas e a segunda sobre o perfil do egresso do curso de Administração. Dados de pesquisa anterior apontaram que as vagas de gestão de nível mais estratégicas são ocupadas por profissionais oriundos de outras regiões (SANTIAGO, 2011).

Além dos aspectos supracitados, este programa se justifica pelo fato que a ausência de um projeto profissional de carreira pode levar o indivíduo a situações como armadilhas profissionais, falta de foco e alternativas restritas (DUTRA, 2002). No caso das armadilhas profissionais, que podem acontecer quando se constrói uma carreira que demanda pouco dos pontos fortes e mais das limitações de cada pessoa, ocasio-

nando estresse e interferindo negativamente na qualidade de vida e, isto acontecendo, pode levar anos para ser identificado. Finalmente, ressalta-se a necessidade que o trabalho seja uma atividade alegre e criativa (SWEEZY apud DUTRA, 2002), que dê ao indivíduo oportunidades de desenvolver a sua criatividade, sua energia e seu talento.

Grande parte da sociedade baseia-se na preparação para a entrada no mundo do trabalho e, posteriormente, atuação como profissional. Contudo, atualmente vivemos um período em que o emprego, no modelo tradicional, se encontra em franca extinção, existindo apenas para alguns poucos que conseguem um diferencial e estabilidade profissional. Assim, faz-se importante desenvolver competências e trabalhar o plano de carreira dos estudantes para uma maior adaptação a este novo mercado de trabalho com a garantia, principalmente, da qualidade de vida (DUTRA, 2002; FREIRE, 2006).

O universitário que estudou e se dedicou à universidade confia que ao final da graduação possa se inserir ao mercado de trabalho e colocar em prática aquilo que aprendeu na academia. Entretanto, ele se depara com outra realidade: a dificuldade de inclusão profissional. Veriguine (2008) pontua que:

Para aqueles que estão se inserindo no mercado de trabalho, uma das alternativas existentes, diante da escassez de emprego, está relacionada ao modelo emergente de carreira. Nele, o profissional não estabelece vínculo empregatício com a organização. Ao contrário, ele realiza trabalhos temporários e prestação de serviços para várias empresas.

O jovem universitário ao se deparar com a dificuldade de inserção pode abdicar do seu sonho profissional para se adaptar às exigências do mercado (LUCCA, 2010). Como explicam Dias e Soares (apud VERIGUINE, 2008), muitas vezes a realidade é tão complexa que o jovem, por mais que tenha feito uma escolha por determinado campo de atuação, acaba trabalhando em área diferente daquela que escolheu. Neste sentido, Balassiano e Costa (2012) ressaltam o deslocamento da carreira tanto da área de formação quanto da organização que se trabalha atualmente.

Por conseguinte, a cada dia torna-se mais importante para o profissional a condução de sua própria carreira. As competências de cada indivíduo devem ser desenvolvidas de acordo com os seus talentos e a sinalização do mercado para a aplicabilidade dessas competências nas organizações privadas, públicas, não governamentais ou como empreendedores. É neste contexto que a inserção profissional e um bom plano de carreira podem colaborar para que esses sujeitos possam integrar seus anseios e competências às condições de mercado, por meio do processo de orientação e planejamento de carreira e assumam a direção de tal processo (MACEDO, 2012).

As atividades do programa no período de março de 2012 a fevereiro de 2014 foram desenvolvidas por equipe interdisciplinar composta por seis professores, sendo três professores do Colegiado Acadêmico do Curso de Psicologia, dois do Colegiado Acadêmico do Curso de Administração e um do Colegiado Acadêmico do Curso de Engenharia da Computação, dez estudantes do curso de Administração, quatro do

curso de Psicologia; e uma estudante do Ensino Médio, através do PIBIC-EM. Este tem por objetivo envolver estudantes deste nível de ensino em atividades de pesquisa com finalidade de despertar os interesses para a ciência e tecnologia e a cursar o Ensino Superior.

O programa “Gestão de carreira: um olhar para o futuro” objetiva contribuir para o desenvolvimento carreiras e das competências necessárias aos futuros gestores, os atuais estudantes do curso de administração. Esse programa trabalha com três vertentes: a) a primeira vertente focaliza o graduando de Administração para elaborar seus planos de carreiras e o desenvolvimento de competências; b) a segunda vertente refere-se ao estudante do Ensino Médio proporcionando-lhes vivenciar o ambiente universitário com o objetivo de incentivá-los a cursar o Ensino Superior e colaborar com a escolha profissional; c) egressos, visando acompanhar a sua inserção ao mercado de trabalho, preservar os vínculos com a universidade e obter o *feedback* sobre o curso, o espaço acadêmico, configurando-se assim, como rede de contatos não apenas no aspecto profissional para os atuais estudantes.

Sendo assim, este programa também procurou contextualizar as exigências e a evolução do mercado de trabalho no mundo das profissões e ressaltar a importância do desenvolvimento, orientação e acompanhamento da ocupacionalidade dos estudantes da UNIVASF que estão em busca de uma oportunidade para ingressar no mercado de trabalho.

Este artigo encontra-se assim organizado: seguindo a esta introdução quando se apresenta o tema, as justificativas e os objetivos que nortearam as atividades, estão o referencial teórico, as estratégias de ação e o processo de monitoramento e avaliação. A seguir os resultados estão organizados de acordo com as três vertentes trabalhadas. Encerra-se com as considerações finais e a citação das referências que serviram de suporte teórico e metodológico para a realização do programa.

REFERENCIAL TEÓRICO

A alteração na dinâmica do Mercado de Trabalho (MT) configura-se como temática importante neste estudo. Balassiano e Costa (2012) afirmam que as empresas ao usarem de artifícios para conviverem com a legislação trabalhista e estabelecerem uma nova ordem nas relações de trabalho, como as prestações de serviços, por exemplo, alteram a dinâmica das contratações e demissões e, por conseguinte, as carreiras. Deste modo, a responsabilidade pela gestão de carreiras fica cada vez mais a cargo das pessoas e, nota-se também, cada vez mais, a diminuição dos investimentos realizados pelas empresas nesse sentido.

Uma das primeiras reflexões a serem feitas é apresentar as temáticas trabalhadas, como o conceito de carreiras, orientação de carreiras, gestão de carreiras e competências, constructos centrais neste programa, como também o modelo de plano individual de carreiras utilizado.

Balassiano e Costa (2012) afirmam que o conceito de carreira tem sofrido grandes transformações a partir da Revolução Industrial e por isso é um dos mais comple-

xos para se caracterizar. Acrescenta que: “as carreiras no mundo contemporâneo tendem a ser associadas à trajetória profissional de cada indivíduo, independente da área de formação ou da organização em que essa trajetória se desenvolve.” (BALASSIANO e COSTA, 2012, p. 1).

Hall (1976 apud DUTRA 2002, p. 100) define carreira como “uma sequência de atitudes e comportamentos, associada com as experiências e atividades relacionadas ao trabalho durante o período de vida de uma pessoa”. Acrescenta citando London e Stumph (1982) quando afirmam que carreira é a sequência de posições e trabalhos realizados durante a vida de uma pessoa e envolve uma série de estágios e a ocorrência de transições que refletem necessidades, motivos e aspirações individuais e expectativas e imposições da organização e da sociedade. Para efeito deste estudo adota-se este último conceito.

Para Soares (apud VERIGUINE, 2008), a orientação de carreira diz respeito ao processo de reflexão que envolve todo o desenvolvimento profissional, desde as escolhas até o estabelecimento de metas. Greenhaus (apud MALSCHITZKY (s/d)) define a gestão de carreira como um processo pelo qual indivíduos desenvolvem, implementam e monitoram metas e estratégias de carreira. Implica, então, que a otimização desses processos, através de uma gestão estruturada de carreira, tem como resultados indivíduos mais produtivos e autorrealizados.

O último conceito que trataremos será o de competências. Segundo Dutra (2004, p. 28), “competência é compreendida por alguns teóricos da administração como um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes necessários para que a pessoa desenvolva suas atribuições e responsabilidades.” Entretanto, o fato de as pessoas terem conhecimento, habilidades e atitudes não significa benefícios para a empresa a menos que ocorra a entrega por parte do funcionário, ou seja, que ele efetivamente coloque em prática essa competência. Em acordo com Dutra, Silva (2005, p. 11) pontua:

A competência de uma pessoa pode ser compreendida como sua capacidade de entrega. A competência é inseparável da ação e os conhecimentos teóricos ou técnicos devem ser utilizados de acordo com a capacidade de se executar as decisões que a ação sugere. Uma pessoa é competente quando amplia a sua capacidade de entrega e agrega valor ao negócio, à empresa onde atua, a ele próprio e ao meio em que vive. Competência é a capacidade de uma pessoa gerar resultados e atender a objetivos pessoais e/ou organizacionais.

Por conseguinte, a competência de acordo com Zarafian (apud FLEURY, 2002, p. 55) “é a inteligência prática de situações que se apoia nos conhecimentos adquiridos e se transforma com tanto mais força quanto maior for a complexidade das situações.”. A autora acrescenta que a competência do indivíduo não é um estado, não se reduz a um conhecimento ou *know-how* específico e traz o conceito de competência cunhado por Le Boterf (1995): “[...] como o entrecruzamento de três eixos, formados pela pessoa (sua biografia, socialização), por sua formação educacional e por sua experiência profissional. Competência é conjunto de aprendizagens sociais e comunicacionais

nutridas a montante pela aprendizagem e pela formação e a jusante pelo sistema de avaliações” (FLEURY, 2002, p. 55).

Destarte, compartilha-se a definição de competências adotada por Fleury (FLEURY, 2002, p. 55) como um saber agir responsável e reconhecido que implica mobilizar, integrar, transferir conhecimentos, recursos, habilidades, que agregue valor econômico à organização e valor social ao indivíduo, agregando o conceito de entrega cunhado por Dutra (2002).

Dutra (2002, p. 104) apresenta um modelo para o processo de planejamento de carreiras. Esse modelo compõe-se de seis etapas que possibilitam a construção de um plano individual de carreiras. Essas etapas estão relacionadas a seguir:

1. Autoconhecimento: o saber-se, o conhecer-se, o olhar-se. A análise de realizações, a análise de valores pessoais e a análise de personalidade. Pelo levantamento de realizações a pessoa percebe sua evolução e seus pontos fortes.

2. Conhecimento do mercado: observando as tendências, as limitações e as alternativas de desenvolvimento profissional que o Mercado de Trabalho pode apresentar.

3. Objetivo de Carreira: ressalta que a definição desse objetivo deve ser centrada no aspecto pessoal e para isso a pessoa pode se questionar como poderá estar mais feliz em determinado espaço temporal. Acrescenta que todas as dimensões relevantes – familiar, social, pessoal, econômico-financeira, entre outras – devem ser consideradas.

4. Estratégias de carreiras: propõem como principais estratégias o crescimento, a diversificação, a revisão com a desaceleração ou reforço de determinadas áreas de atuação.

5. Plano de ação: deve conter metas de curto prazo, indicadores de sucesso, fatores críticos para o sucesso e uma avaliação de recursos de tempo, dinheiro e aperfeiçoamento necessários.

6. Acompanhamento do plano: a avaliação dos resultados das estratégias de carreira deve ser contínua. O objetivo ou metas fixadas representam um padrão mensurável. Além disso, é importante avaliar a consistência das ações dos próprios objetivos ou metas quanto a valores e interesses, demandas do ambiente, praticidade, disponibilidade de informações e recursos, compatibilidade com a vida familiar, lazer e interesses pessoais e nível de riscos envolvidos.

Tendo apresentado os conceitos centrais deste estudo, cabe-nos apresentar o curso de Administração, instância onde o programa está sendo desenvolvido. A organização desse curso se expressa através do seu Projeto Pedagógico de Curso (PPC), abrangendo o perfil do formando, as competências, os componentes curriculares, estágio supervisionado, além do regime acadêmico e de outros aspectos. O PPC se respalda nas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Administração, e faz-se mister ressaltar que ambos os documentos norteiam este programa de extensão.

O curso de Administração da UNIVASF tem como diretrizes do processo de ensino e aprendizagem as vocações regionais do Vale do São Francisco e por objetivo formar profissionais cidadãos com conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias para atuar na administração de organizações privadas, públicas e não governamen-

tais. O curso tem como proposta desenvolver indivíduos que busquem novos horizontes diante do cenário atual de incertezas e de perspectivas para o futuro:

[...] Celeiro de novas ideias e palco de debates, a instituição educacional, hoje, o elo entre a resposta e os atuais desafios, onde os profissionais têm espaço para falar e ouvir experiências, necessitando cada vez mais de capacitação e aperfeiçoamento contínuos para que possam atender às constantes necessidades da nova ordem mundial (UNIVERSIDADE FEDERAL..., 2011, p. 18).

O curso é oferecido no horário noturno e oferta 100 vagas anualmente, sendo 50 por semestre e reserva 50% dessas vagas para os estudantes egressos da escola pública. Tem se configurado como um dos cursos com maior número de candidatos. No processo seletivo de 2012, o curso de Administração foi o segundo curso mais concorrido na UNIVASF, com 73,86 candidatos por vaga, conforme dados do SiSU 1/2012, divulgados pela Secretaria de Controle e Registro Acadêmicos (SRCA).

Estratégias de ação

O programa se desenvolveu no campus-sede da Universidade pesquisada em Petrolina-PE, onde o curso de Administração é oferecido. O programa apresenta duas abordagens simultâneas, envolvendo a comunidade externa (estudantes do Ensino Médio e egressos) e outra com os estudantes universitários, em sua maioria do curso de Administração da instituição. As seguintes ações foram realizadas:

1. Reunião com a equipe do programa para realizar o planejamento estratégico, com pactuação de valores e da abordagem socioconstrutivista utilizada nos diferentes momentos, como também o envolvimento do público externo através da participação de estudantes do Ensino Médio, egressos e organizações;
2. Realização de encontros semanais para discussão dos textos com a finalidade de criar um embasamento teórico para construção do plano de carreira, como também para monitorar e avaliar as atividades;
3. Divulgação, conscientização e sensibilização de estudantes para participar das ações;
4. Desenvolvimento de oficinas sobre projeto de vida, plano individual de carreiras, ética profissional, organização pessoal – Kaban, LinkedIn e Currículo Lattes;
5. Realização de roda de conversa com egressos do curso para socializar os desafios e oportunidades vivenciados na inserção no mercado de trabalho;
6. Oportunização de vivências com gestores públicos, privados e sociais com o objetivo de tratar das competências necessárias aos gestores;
7. Realização de visitas técnicas às empresas para um melhor conhecimento da dinâmica corporativa;
8. Oportunização de estágios/empregos e outras vivências em organizações públicas, privadas e sociais;
9. Realização de pesquisas com o objetivo de mapear as vagas/oportunidades do mercado de trabalho, as competências demandadas e o perfil do egresso do curso de Administração; e
10. Elaboração de relatórios semanais, artigos acadêmicos e divulgação nas mídias sociais.

Com um grupo aberto foram trabalhado minicursos, palestras, oficinas, videoconferências, dentre outras atividades. Esse público aberto teve como alvo estudantes de Ensino Médio e universitários do curso de Administração, em sua maioria. Contudo, contou-se também com discentes do curso de Psicologia.

As atividades buscaram também o desenvolvimento de competências que possam embasar a elaboração dos planos individuais de carreiras. Este grupo foi ofertado de modo aberto para sociedade interessada, mas tendo um público-alvo de estudantes concluintes do Ensino Médio, demais vestibulandos e universitários de Administração.

Monitoramento e Avaliação

Para medir os parâmetros estratégicos do programa, foram definidos indicadores quantitativos e qualitativos relacionados a cada meta, em acordo com as diretrizes do FORPROEX (2007a; 2007b). Os indicadores quantitativos foram: número de docentes envolvidos, números de estudantes universitários e do Ensino Médio, quantidade de planos individuais de carreiras elaborados e vivências nas organizações proporcionadas (Tabela 1, página seguinte). No que tange ao processo qualitativo de monitoramento e avaliação, foram realizadas pesquisas com os participantes após cada evento e a cada período de 12 meses.

A sistemática de avaliação foi construída e acordada coletivamente sempre nos primeiros encontros do planejamento estratégico anual quando também foi realizado o nivelamento de conceitos e da abordagem metodológica. A partir das discussões semanais, de encontros com os parceiros, da elaboração de relatórios mensais, o processo de monitoramento e avaliação se efetivou de forma contínua.

Resultados alcançados

Para o alcance dos objetivos do programa, foram desenvolvidas as seguintes atividades: (a) rodas de conversas com gestores e egressos; (b) encontro com estudantes do Ensino Médio; (c) oportunidade de estágios, empregos e/ou outras vivências em empresas; (d) oficinas sobre projeto de vida e carreiras, organização pessoal, e elaboração de Currículo Lattes e perfil no LinkedIn; (e) encontros de leitura para discussão do referencial teórico utilizado; (f) pesquisas sobre vagas de trabalho, competências e perfil do egresso. Vale destacar que detalhar-se-ão as atividades realizadas no período de março de 2012 a fevereiro de 2014, os dois primeiros anos de atividades.

Os resultados são aqui expostos de acordo com as atividades desenvolvidas nas três vertentes apresentadas, com a finalidade de alcançar os objetivos específicos para cada uma delas: graduandos do curso de Administração, estudantes do Ensino Médio e egresso do curso de Administração, considerando as metas seguintes estipuladas ao longo dos dois primeiros anos:

- Atendimento a um público estimado em 200 universitários do curso de Administração da UNIVASF, considerando a participação nos eventos;
- Oferta de, no mínimo, oito rodas de conversa, sendo quatro com gestores e quatro com egressos do curso;
- Elaboração de, no mínimo, 40 planos individuais de carreiras;

- Realização de, pelo menos, quatro oficinas para elaboração de projeto de vida/carreiras;
- Oportunização de, pelo menos, 20 contatos com egressos do curso para compartilhar a vivência no Mercado de Trabalho;
- Realização de pesquisas científicas;
- Publicação de, no mínimo, seis artigos, resumos, pôsteres, entre outros, referentes ao programa;
- Estabelecimento de parcerias com, no mínimo, 20 empresas/organizações dentro do processo de articulação universidade/comunidade para o oferecimento de estágio, vagas de emprego entre outras vivências de desenvolvimento.

Apresentam-se na Tabela 1 os indicadores, as metas e os resultados quantitativos alcançados e que serão detalhados na sequência.

Indicadores	Metas	Alcançados
Número de estudantes da Univasf	200	325
Número de docentes participantes do projeto	4	5
Número de estudantes do ensino médio	105	239
Número de empresas e organizações/ gestores	20	27
Quantidade de rodas de conversa com gestores e egressos	8	8
Quantidade de oficinas para elaboração de projeto de vida	4	4
Quantidade de oficinas voltadas para orientação profissional	4	6
Número de estudantes egressos envolvidos no programa	20	47
Número de publicação acadêmica	6	6
Quantidade de planos de carreira elaborados	40	65
Quantidade de parcerias com empresas/organizações	20	27

Tabela 1. Indicadores, metas e resultados alcançados – Fevereiro 2012 – Março 2014. Fonte: Dados Monitoramento e Avaliação do programa – 2012-2014.

a) Graduandos de Administração:

Nesta vertente foram realizadas rodas de conversas com gestores, oficinas de projeto de vida, de planejamento estratégico pessoal, entre outras. Além da vivência com os estudantes de Ensino Médio, com egressos e com organizações. Relata-se a seguir cada uma dessas atividades:

Roda de conversa com gestores – o programa organizou quatro rodas de conversas com o objetivo de oportunizar vivências com gestores da região para discutir as exigências do Mercado de Trabalho e as competências demandadas. Os convidados relataram a sua trajetória de vida até assumirem a função de gestor, as competências necessárias para ser um bom gestor, as características valorizadas no mercado de trabalho e as perspectivas de futuro. Contamos nas quatro rodas com a presença de 15 gestores da região (três na primeira, três na segunda, quatro na terceira e cinco na quarta), sendo eles de diferentes ramos de atividades: construção civil, agrícola, comércio e serviços e organizações não Governamentais e de categoria profissional. Tanto o setor público quanto o privado estiveram representados (ver Figura 1).

Os participantes ressaltaram como competências importantes aos gestores a flexibilidade, a busca constante pelo conhecimento, a pró-atividade, saber trabalhar

em grupo, o compromisso com o trabalho e a empresa, disciplina e disponibilidade. Conhecimento de planilhas eletrônicas, processador de texto, programa de apresentação e proficiência em língua inglesa foram ressaltadas como características importantes na visão dos gestores participantes. Um público total de 156 estudantes do curso de Administração participou dessas rodas de conversas.

Além disso, pontuou-se durante as rodas de conversas sobre a necessidade de maior força política e de ação do Conselho Federal de Administração e como os estudantes poderiam reverter essa situação, para que o Conselho atuasse mais em favor da defesa da profissão do Administrador.



Figura 1. Roda de conversa com gestores – Dezembro 2013.

Oficinas sobre plano individual de carreira – como discutido por Dutra (1996, 2002), o plano de carreiras é apenas um aspecto dentro do projeto de vida da pessoa. Deste modo as oficinas também contemplaram o aspecto do projeto de vida, ética profissional e Planejamento Estratégico Pessoal (PEP). A primeira delas, sobre o projeto de vida coordenada por um dos professores e psicólogos da equipe, contou com a participação de 42 estudantes e objetivou facilitar a construção do plano de carreiras. Ao analisarem seus pontos fortes e pontos fracos através de dinâmica conhecida como “avatar”, os participantes criaram personagens que apresentavam o histórico que justificasse a sua construção e evolução do projeto de vida.

A segunda oficina foi realizada pela outra professora e psicóloga e abordou a questão da ética profissional. Essa oficina foi realizada durante a Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão (SCIENTEX) da UNIVASF e contou com 10 participantes.

Foram realizadas duas oficinas de “Planejamento Estratégico Pessoal” coordenada por professora e também psicóloga da equipe (ver Figura 2). Essas oficinas contaram com 82 participantes e foram organizadas em três blocos. No primeiro bloco foi tratado o embasamento teórico, a justificativa, ressaltando a importância do planejamento estratégico de carreira e como esse pode constituir uma alternativa de

intervenção nos momentos finais de trajetória da graduação acadêmica. A professora afirmou que “tem sido comum a pessoa entrar na faculdade sem ter muita clareza” do que o curso pode lhe oferecer e das expectativas do próprio indivíduo. Em sequência, foram discutidas e trabalhadas as temáticas do autoconhecimento e planejamento estratégico pessoal. Na oportunidade, os participantes identificaram forças e fraquezas, oportunidades e ameaças e traçaram estratégias para alcançar tais objetivos pessoais e profissionais. O terceiro bloco constou de uma dinâmica de conhecimento do outro e como somos vistos pelos outros.

Outras oficinas também foram realizadas. Oficina de organização pessoal – Kaban, elaboração de currículos Lattes e perfil no LinkedIn e por final a oficina de Gestão de Carreiras utilizando o modelo Dutra (2002) e o modelo utilizado no Planejamento Estratégico Pessoal (MACEDO, 2012), quando foram elaborados 65 planos de carreiras ao longo desses dois anos de projeto.



Figura 2. Oficina de Planejamento Estratégico Pessoal – Fevereiro 2013.

Pesquisa sobre o mapeamento de vagas e competências necessárias aos gestores – uma das atividades do programa foi mapear as ofertas de vagas de trabalho ligadas à área de Administração na região no período de fevereiro a dezembro de 2012 (SILVA; SANTOS; SANTIAGO, 2012). O levantamento dos dados foi realizado junto à Agência do Trabalho em Petrolina ligada à Secretaria de Trabalho, Qualificação e Empreendedorismo de Pernambuco e às empresas atuantes na área de divulgação das vagas de trabalho na região. O levantamento desses dados teve seu foco em vagas das áreas de Finanças, Marketing, Operacional, Gestão de Pessoas e outras que pudessem ser ocupadas por profissionais da área de Administração. Os dados foram organizados em gráficos e tabelas e analisados baseados em procedimentos estatísticos (ROESCH, 1999; GIL, 2002; VERGARA, 2008).

Como este programa trabalha o projeto de carreira dos estudantes, a participação em projetos pesquisas apresenta aos discentes a carreira acadêmica, no campo da ciência e tecnologia, como uma opção de carreira, apresentando-lhes também o método científico.

Oportunização de estágios, empregos e/ou outras vivências em empresas públicas e privadas – várias vagas de estágios/empregos foram divulgadas, inclusive na página do programa na rede social, criada para que os estudantes de Administração tivessem acesso a essas vagas, eventos do projeto e artigos/reportagens referentes à carreira e demais temas trabalhados. Diversos estudantes participaram de processos seletivos, alguns com perspectiva de contratação para emprego, como ocorreu em pelo menos três casos. Algumas empresas realizaram seleção na própria UNIVASF. Ademais, as rodas de conversas realizadas com gestores e egressos oportunizaram que os estudantes de Administração conhecessem as organizações dos convidados.

Ainda neste aspecto foram realizadas quatro visitas técnicas às empresas da região. Essas visitas foram realizadas em conjunto com os estudantes das disciplinas Gestão de Pessoas I e II (Figura 3).



Figura 3. Visita técnica à empresa cujo gestor é egresso do curso – Fevereiro de 2014.

b) Estudantes do Ensino Médio:

No que se refere a esta vertente, foram oportunizadas vivências no ambiente universitário para os estudantes de Ensino Médio de três escolas, sendo duas localizadas em Petrolina-PE e outra em Jaguarari-BA. A seguir relacionam-se essas vivências:

Visita à UNIVASF – uma equipe de estudantes e professores da Escola Técnica de Administração do município baiano de Jaguarari visitou o Campus Centro da UNIVASF, onde o curso de Administração é oferecido. Foi realizada durante a visita a apresentação do curso de Administração, da Universidade, do programa “Gestão de Carreiras: um olhar para o futuro”. Os 34 estudantes e os três professores dessa escola também conheceram o Diretório Acadêmico (D.A.) do curso de Administração, a empresa de consultoria UNIVASF Júnior e as instalações físicas do campus como um todo.

Visita da equipe do programa às escolas públicas do Ensino Médio – a equipe do programa visitou algumas escolas para estabelecer parcerias. Duas escolas públicas de Ensino Médio foram selecionadas para o primeiro ano. Em uma delas foi realizada

a divulgação do curso de Administração, da universidade, e também do programa. A outra escola participou através da estudante bolsista do PIBIC-EM, que participou ativamente dos encontros semanais, das demais atividades e da pesquisa de mapeamento de vagas ofertadas.

No primeiro ano, um total de 184 estudantes dos 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio participaram das atividades do programa. No segundo ano de atividades foi escolhida a Escola Edson Nolasco, localizada no entorno da UNIVASF – Campus Ciências Agrárias e que conta na sua equipe de Gestão com um egresso do Curso de Administração. O objetivo era proporcionar aos estudantes do Ensino Médio, vivenciar o meio universitário, apresentando-lhes os cursos ofertados e forma de funcionamento da universidade, incentivando a cursar o Ensino Superior.

Foram realizadas visitas aos *campi* da universidade em Juazeiro-BA (Campus Juazeiro) e Petrolina-PE (Campus Centro e Campus Ciências Agrárias), quando os estudantes conheceram as instalações físicas, incluindo as salas de aula, laboratórios e bibliotecas e participaram de apresentação realizada por professores dos cursos ofertados. Contou-se com a colaboração de docentes dos Cursos de Administração, Psicologia, Engenharia Agrônômica, Medicina Veterinária, Ciências Biológicas, Engenharia Mecânica e Engenharia da Computação. Além disso, visitaram o Centro de Recuperação de Áreas Degradadas (CRAD) e Centro de Conservação e Manejo de Fauna da Caatinga (CEMAFAUNA), projetos desenvolvidos no Campus Ciências Agrárias, e onde também foram desenvolvidas oficinas de projeto de vida e orientação profissional. Ao final desse segundo ano, um público total de 55 estudantes e 10 professores do Ensino Médio da referida escola participou do programa.

c) Egressos do curso de Administração da UNIVASF:

Nesta vertente, foram realizadas as rodas de conversa com egressos, oportunidade de vivências em organizações e pesquisa, que identificou o perfil dos ex-alunos. Essas atividades estão detalhadas a seguir:

Roda de conversa com egressos – foram realizadas quatro rodas de conversa com o objetivo de oportunizar vivências com estudantes egressos do curso de Administração, conhecendo a experiência na universidade, a trajetória no mercado de trabalho e a identificação de competências necessárias aos gestores.

As conversas giraram em torno do tema gestão de carreira e os convidados discorreram sobre a sua trajetória e situação profissional atual, a avaliação do curso, as oportunidades e dificuldades percebidas no Mercado de Trabalho e as perspectivas para o futuro. Os discentes interviram na conversa a qualquer momento, com isso dando uma dinâmica a mais na roda e otimizando a troca de experiências. Participaram dessas rodas 14 egressos, com atuação em áreas distintas, como bancários, consultores, empresários, gestores de pessoas e de materiais, servidor federal, da Polícia Militar e do SEBRAE.

Esses egressos citaram como competências necessárias e exigidas pelo Mercado de Trabalho orientação para resultados, liderança, saber motivar pessoas e apontar direções, saber trabalhar em equipe, foco profissional, entrega de resultados e qualifi-

cação. Pontuaram também alguns conhecimentos técnicos importantes, como planilha eletrônica, domínio da língua inglesa e PowerPoint.

Quanto à avaliação do curso, ressaltaram a metodologia ensino/aprendizagem, sugerindo uma abordagem mais aplicada já que o mercado exige conhecimento teórico e prático. Os egressos, de forma geral, apesar dos pontos de melhoria apresentados, fazem uma avaliação positiva do curso, dos conhecimentos adquiridos e as oportunidades oferecidas para suas carreiras.

Foi questionado também o interesse do universitário em buscar conhecimento além do oferecido na sala de aula, como de procurar realizar estágios e participar da empresa de consultoria UNIVASF Júnior, e de programas de pesquisas e extensão, com a finalidade de melhorar o processo ensino/aprendizagem e melhorar a inserção no mercado de trabalho.

Pesquisa sobre o perfil do estudante egresso do curso de Administração – também nesta vertente foi realizada a pesquisa que identificou o perfil do estudante egresso (SILVA et al., 2013). Participaram da pesquisa os estudantes graduados no período de 2009.1 a 2012.1. O instrumento para a coleta de dados foi um questionário organizado em seis dimensões: 1. identificação pessoal e dados sócio-demográficos; 2. escolha profissional; 3. formação profissional; 4. situação no mercado de trabalho; 5. avaliação do curso; 6. autoavaliação. Essa pesquisa contou com o apoio da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE).

O desenvolvimento das atividades do programa no seu primeiro ano (2012-2013) culminou com o registro também do Grupo de Pesquisa: Laboratório de Carreiras e Desenvolvimento de Competências no Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq).

Publicação e divulgação do programa

De acordo com a Resolução 05/2007 alterada pela Resolução 07/2009 do Conselho Universitário (CONUNI) da UNIVASF, que estabelece normas de funcionamento das atividades de extensão no âmbito da universidade em consonância com o Plano Nacional de Extensão (NOGUEIRA, 2000; FORPROEX, 2012), faz-se necessário a adequada divulgação das ações extensionistas com o mesmo rigor das ações da pesquisa. Desta forma, o programa, nestes dois anos, foi divulgado e apresentado em eventos regionais, nacional e internacional. No âmbito regional foi apresentado na Semana de Integração do Curso de Administração 2012.1, 2013.1 e 2013.2; na V e VI Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão (SCIENTEX), no XLII Encontro de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas do Nordeste (SANTOS; ALMEIDA; SANTIAGO, 2014) e no Encontro Regional da Sociedade Brasileira de Administração e Economia Rural (SOBER). Este foi realizado em Ilhéus-BA, com a temática “Políticas Públicas, Agricultura e Meio Ambiente” quando foi apresentado o artigo “Gestão de carreiras: uma experiência de ensino e pesquisa-ação” no grupo de pesquisa transferência e apropriação social de ciência, tecnologia e inovação (CAMPOS e SANTIAGO, 2012).

O programa foi apresentado também em evento internacional, o XII Congresso Iberoamericano de Extensión, realizado em Quito, Equador, e organizado pela União Latinoamericana de Extensão Universitária, intitulado “Transformaciones educativas

desde el punto de vista extensionista: El caso de un proyecto de gestión de carreras en una universidad brasileña” (CAMPOS e SANTIAGO, 2013).

Ademais, foi promovido evento que marcou o encerramento do segundo ano do programa para as vertentes dos estudantes universitários e dos egressos do curso de Administração em 15/02/14 denominado Encontro de Desenvolvimento Profissional. Participaram desse evento gestores de empresas privadas e de ONGs, egressos que atualmente são professores substitutos do curso e estudantes dos cursos de Administração, Psicologia e Ciências Sociais. No evento foram apresentados os resultados das pesquisas de mapeamento de vagas e competências e levantamento do perfil dos ex-alunos e demais resultados alcançados em geral pelo programa nestes dois anos, como também a avaliação das atividades no sentido de levantar as lições aprendidas.

Adicionalmente para a divulgação do programa, foram criados dois grupos na rede social de maior alcance entre os estudantes, sendo um geral do programa e outro para acompanhar a trajetória dos ex-alunos. Divulgam-se nesses grupos os eventos, incluindo os encontros semanais, os textos para leitura e relatórios com fotos. Foi atingido no total um público de 257 pessoas, levando em consideração a quantidade de pessoas inscrita em cada grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este programa apresentou-se como abordagem de inovação ao processo de ensino-aprendizagem, como requerido pelas ações extensionistas. Além de trabalhar o projeto de vida e o plano individual de carreira para que as pessoas possam ser mais felizes e saudáveis, respondendo à nova realidade do deslocamento de carreira como citado por Balassiano e Costa (2012) e evitando as armadilhas profissionais do profissional ao se perceber trabalhando em área que demande pouco dos pontos fortes, como definido por Dutra (1996, 2002).

Tendo desenvolvido as atividades planejadas nos dois anos do programa (2012-2013 e 2013-2014), quando 645 (seiscentos e quarenta e cinco) pessoas, entre estudantes e professores universitários e do Ensino Médio, técnicos administrativos e gestores da região, participaram das atividades, pode-se afirmar que os objetivos foram atingidos, como exemplo de ação de extensão universitária, envolvendo o ensino e a pesquisa. Como também, trabalhou a demanda social e proporcionou a melhor integração com a Educação Básica, o setor comunitário e empresarial e com os egressos do curso.

No que se refere às vertentes trabalhadas, em suma, pode-se concluir que contribuiu para o desenvolvimento de carreira dos estudantes de Administração, além de proporcionar o embasamento teórico sobre os temas carreiras, competências e metodologia científica. A partir daí, foi discutido o projeto de vida, contemplando o plano individual de carreira. Os participantes afirmaram que essas atividades melhoraram o autoconhecimento dos participantes como também do mercado de trabalho para que tratem a carreira como apenas um aspecto do seu projeto de vida (DUTRA, 1996, 2002). Os estudantes informaram que com a elaboração do Plano Individual de Carreira com objetivos definidos e metas mensuráveis, considerando os seus pontos fortes e as

competências importantes para os gestores – flexibilidade, busca constante pelo conhecimento, pró-atividade, saber trabalhar em equipe, compromisso com o trabalho e a empresa, disciplina, disponibilidade, orientação para resultados, liderança, foco profissional, entrega de resultados e qualificação – e dos conhecimentos exigidos – planilhas eletrônicas, processador de texto, programa de apresentação e proficiência em língua inglesa – podem agora se preparem melhor para a inserção no mercado de trabalho e, quiçá, ocuparem as vagas estratégicas oferecidas na região. Por conseguinte, também podem reduzir a ansiedade pós-formatura e melhorar a qualidade de vida dos mesmos. Os estudantes do Ensino Médio relataram que o programa proporcionou maior interação entre eles e com a universidade, que os ajudou a decidir ou confirmar o curso que já tinham escolhido. Através das atividades do Gestão de Carreiras tiveram a oportunidade de esclarecer dúvidas referentes às profissões, o Exame Nacional do Ensino Superior (ENEM) e cotas, além de ter contribuído para permanecerem na escola e adentrarem o Ensino Superior. Asseguram que muitas das necessidades foram atendidas, como conhecer as áreas de atuação e as peculiaridades de cada curso, as instalações físicas da universidade. Relataram também que puderam visualizar como a universidade funciona, a duração de cada curso e a assistência estudantil oferecida aos estudantes egressos de escolas públicas.

Com os egressos foi realizada uma troca de experiência sobre o curso, as dificuldades no início da carreira e a trajetória no mercado de trabalho e participaram de rodas de conversa, dos encontros semanais e anual e demais eventos. Desta forma, foi estabelecida uma relação bastante construtiva quando, pelo menos, 20 egressos mantiveram-se conectados com a universidade e oportunizaram vagas de estágio/empregos e visitas técnicas aos seus locais de trabalhos. Adicionalmente, participaram das pesquisas do Laboratório de Carreiras e Desenvolvimento de Competências, fortalecendo as ações e a integração com o setor produtivo.

Finalmente, para continuarmos instigando a reflexão sobre a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, concluímos citando Boaventura de Souza Santos (s/d.):

Numa sociedade cuja quantidade e qualidade de vida assentam em configurações cada vez mais complexas de saberes, a legitimidade da Universidade só será cumprida quando as atividades, hoje ditas de extensão, se aprofundar tanto que desapareçam enquanto tais e passem a ser parte integrante das actividades de investigação e de ensino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALASSIANO, Moisés; COSTA, Isabel de Sá Affonso da (Org.). **Gestão de carreiras: dilemas e perspectivas**. São Paulo: Atlas, 2012.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

_____. Ministério da Educação. Despacho do Ministro, publicado no Diário Oficial da União de 05 de setembro de 2003. Republicado no Diário Oficial da União de 09 de setembro de 2003.

_____. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Extensão**. Disponível em: <www.mec.gov.br/Sesu/planonaex>. Acesso em: 11 nov. 2012.

_____. (2005). Resolução nº. 196, de 16 de outubro de 1996. Disponível em: <<http://www.datasus.gov.br/conselho/resol96/RES19696.htm>>. Acesso em: 22 out. 2012.

CAMPOS, Murilo; SANTIAGO, Alvany Maria dos Santos. Gestão de carreiras: uma experiência de ensino e pesquisa-ação. In: **Encontro Regional da Sociedade Brasileira de Administração e Economia Rural**. Anais... Ilhéus, BA, 2012.

CAMPOS, Murilo; SANTIAGO, Alvany María dos Santos. Transformaciones educativas desde el punto de vista extensionista: El caso de un proyecto de gestión de carreras en una universidad brasileña.”. In: **XII Congreso Iberoamericano de Extensión**. Anais... Quito, Equador, 2013.

DUTRA, Joel de Souza. **Competências: conceitos e instrumentos para a gestão de pessoas na empresa moderna**. São Paulo: Atlas, 2004.

_____. A gestão de carreiras. In: FLEURY, Maria Tereza Leme. (Coord.). **As pessoas na organização**. São Paulo: Editora Gente, 2002. p. 99-114.

_____. **Administração de carreiras: uma proposta para repensar a gestão de pessoas**. São Paulo: Atlas, 1996.

DUTRA, Joel de Souza, et al. **Gestão por competências: um modelo avançado para o gerenciamento de pessoas**. São Paulo: Gente, 2011.

FIORELLI, José Osmir. **Psicologia para administradores: integrando teoria e prática**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

FLEURY, Maria Teresa Leme. A gestão de competências e a estratégia organizacional. In: _____. **As pessoas na organização**. São Paulo: Gente, 2002. p. 51-62.

FORPROEX. Fórum dos Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **O Plano Nacional de Extensão Universitária**. Disponível em: <http://www.extensao.ufba.br/arquivos/inextensao/plano_nacional_de_extens%3o_universitaria.pdf>. Acesso em: 14 maio 2013.

_____. **Plano Nacional de Extensão Universitária**. Coleção Extensão Universitária. Belo Horizonte: Coopmed, 2007a.

_____. **Extensão universitária: organização e sistematização**. Belo Horizonte: Coopmed, 2007b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LUCCA, Newton de. A faculdade e a preparação para o mercado de trabalho. *Revista Virtual Direito Brasil*, v. 4, n. 1, 2010. Disponível em: <<http://www.direitobrasil.adv.br/arquivospdf/revista/revistav41/entrevistas/ne.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2011.

MACÊDO, Shirley. **A saga de Hefesto**: hermenêutica colaborativa como possibilidade de ação humanista-fenomenológica em clínica do trabalho. Tese de Doutorado. Laboratório de Práticas Psicológicas Clínicas em Instituições. Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2012.

MALSCHITZKY, Nancy. **A importância da orientação de carreira na empregabilidade**. Disponível em: <http://www.fae.edu/publicacoes/pdf/IIseminario/organizacoes/organicoes_16.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2011.

MUNHÊ, Vilma Pimenta Cirilo. **Gestão de pessoas por competência**. Disponível em: <<http://www.apresenca.com.br/+Apostilas/19.pdf>>. Acesso em: 04 maio 2012.

NOGUEIRA, M. D. P (Org.). **Extensão universitária: diretrizes e políticas**. Belo Horizonte: PROEX/UFMG, 2000.

ROESCH, Sylvia Maria Azevedo. **Projeto de estágio e de pesquisa em administração: guias para estágios, trabalhos de conclusão, dissertação e estudos de caso**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/auniversidadedosecXXI.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2013.

SANTOS, Ravena Moura Rocha Cardoso dos; ALMEIDA, Pedro Pena; SANTIAGO, Alvany Maria dos Santos. **Gestão de Carreiras: Um olhar para o futuro**. In: **XLII Encontro de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas do Nordeste – UNIVASF, Anais...** Petrolina- PE, 2014.

SANTIAGO, Alvany Maria dos Santos. **O mercado de trabalho: as possibilidades para os egressos do curso de administração**. Relatório de pesquisa. Petrolina, 2011.

SILVA, Mateus de Oliveira. **Gestão de pessoas através do sistema de competências: estratégias, processos, desempenho e remuneração: fundamentos e aplicação**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2005.

SILVA, Patricia P. da; SANTOS, Leidivana P. M. dos; SANTIAGO, Alvany Maria dos Santos Santiago. **Gestão de carreiras: mapeamento de vagas e competências exigidas pelo Mercado de Trabalho**. In: **VIII Jornada Científica da UNIVASF, VI Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão**. Anais... UNIVASF. Petrolina, PE 2013.

SILVA, Rafael Brito; CORREA, Eugenio Pinheiro; ALENCAR, Jefferson Silva; SANTIAGO, Alvany Maria dos Santos. **Gestão de carreiras: levantamento do perfil do egresso do Curso de Administração**. In: **III Mostra de Extensão, VI Semana de En-**

sino, Pesquisa e Extensão - UNIVASF, Anais... Petrolina-PE, 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO. **Projeto pedagógico do curso de Administração** - 2008. Disponível em: <<http://www.graduacao.univasf.edu.br/administracao/arquivos/Projeto%20Pedagogico%20do%20Curso%20de%20Administracao.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2011.

_____. Conuni. **Resolução 07/2009**. Disponível em: <www.univasf.edu.br – Acesso à Informação > Institucional > Administração > Conselho Universitário > Resolução>. Acesso em: 12 maio 2013.

_____. Conuni. **Resolução 05/2007**. Disponível em: <www.univasf.edu.br – Acesso à Informação > Institucional > Administração > Conselho Universitário > Resolução>. Acesso em: 12 maio 2013.

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de pesquisa em administração**. 3. ed. São Paulo: Atlas S.A., 2008.

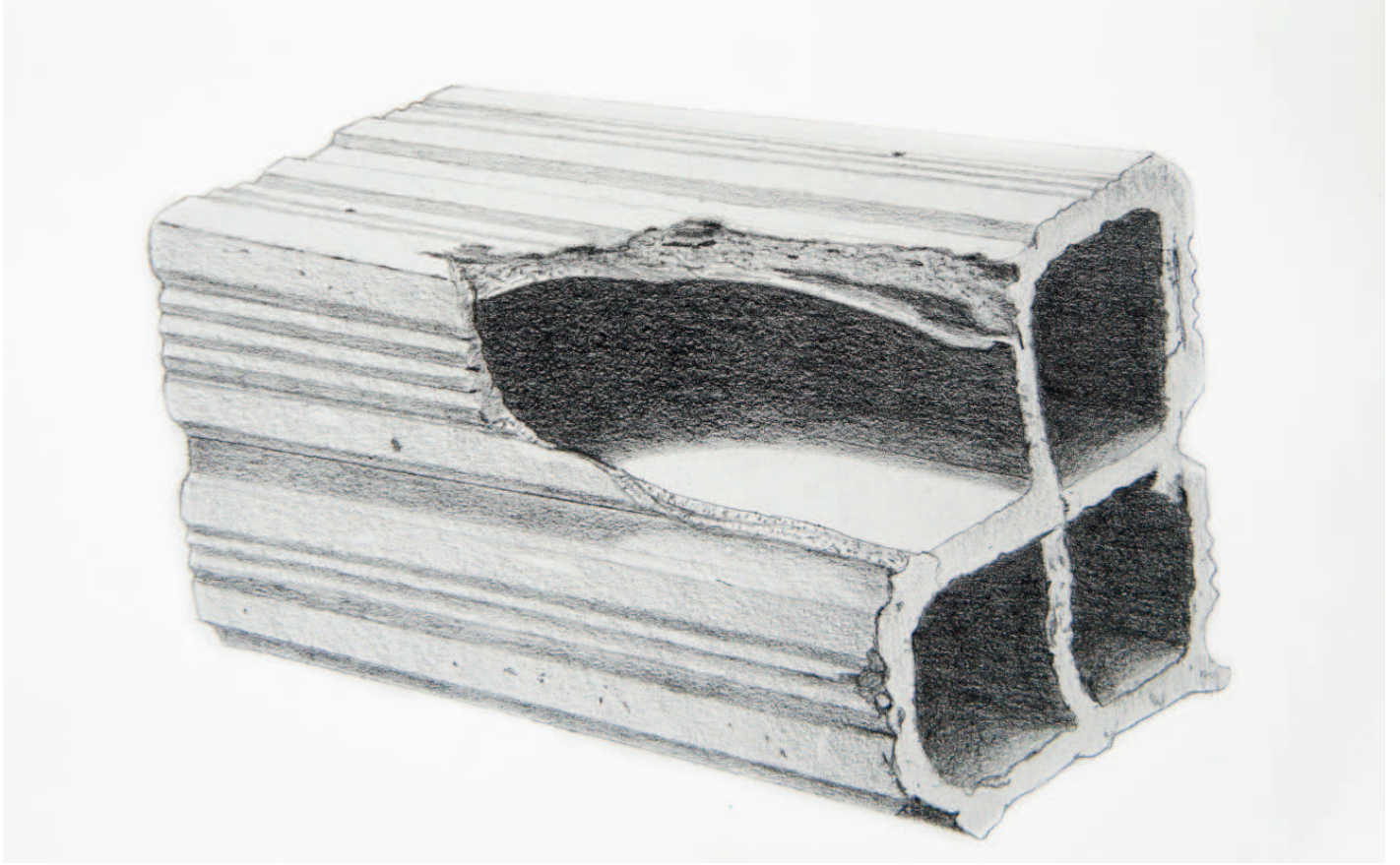
VERIGUINE, Nadia Rocha. *Autoconhecimento e informação profissional: implicações para o processo de planejar a carreira de jovens universitários*. Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

LIMA, Murilo Campos Rocha; SANTOS, Ravena Moura Rocha Cardoso dos; SANTIAGO, Alvany Maria dos Santos. Gestão de carreiras: inovação e indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão. **Extramuros**, Petrolina-PE, v. 2, n. 1, p. 114-133, jan./jun. 2014. Disponível em: <informar endereço da página eletrônica consultada>. Acesso em: informar a data do acesso.

Recebido em: 25 jun. 2013.

Aceito em: 29 jun. 2014.



Entrevista

Experiências extensionistas do além-mar: entrevista com o professor Filipe Vaz

por Gisele Giandoni Wolkoff¹



Quando conheci primeiro virtualmente o Prof. Filipe Vaz, tive a honra de perceber que estava diante de uma grande figura: um homem generoso e cheio de talento, sobretudo, talento interpessoal, alguém com uma capacidade única de gestão de pessoas! O Prof. Filipe Vaz me encaminhou os documentos e, acima de tudo, a motivação para que o nosso projeto à CAPES, relativamente ao Programa das Licenciaturas Internacionais, vingasse. Pouco tempo depois, em férias, julho, lá estava eu em visita à Universidade do Minho (doravante UMinho) e na generosa acolhida do Prof. Filipe e suas colegas (agora, minhas, também! a Isabel e a Ana Lúcia Curado). De lá para cá, só pude me empolgar com a parceria que a CAPES permitiu entre a UTFPR e a UMinho, porque o Prof. Filipe nunca mediu esforços para que o nosso programa fosse sempre bem sucedido! Nunca tivemos problemas, porque ele e sua equipe fizeram questão de resolvê-los todos. E sem dramas. Assim, quando o Prof. Fulvio Torres Flores, editor responsável da *Extramuros*, acenou positivamente à proposta deste bate-papo para a seção *Entrevista*, corri a pensar nas questões que envolvem não apenas a internaciona-

¹ Licenciada, bacharel, mestra e doutora em Letras pela USP. Desenvolveu pesquisa pós-doutoral no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Organizou o volume *Poem-ando Além Fronteiras: dez poetas contemporâneas irlandesas e portuguesas* (*Poem-ing Beyond Borders: ten contemporary Irish and portuguese women poets* (Coimbra: Palimage, 2011) e mantém carreira artística como escritora marginal, tendo publicado *Partidas e Rumo ao Sol* (Coimbra: Palimage, 2013 e 2014, respectivamente). Leciona no curso de Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Pato Branco, e é responsável pelo projeto *Mapeando as Américas: produções culturais contemporâneas em comparação*, financiado pela Fundação Araucária (PR). E-mails: giseleg@utfpr.edu.br e gwolkoff@gmail.com.

Fotos da página: (dir.) Prof. Filipe e (esq.) Profa. Gisele, ambos no campus de Gualtar da UMinho. (Arquivo pessoal)

lização das universidades em nível mundial, mas também e, sobretudo, na extensão, ainda sempre posta de escanteio... e esperemos que não mais, principalmente, com as palavras quase-mágicas do Prof. Filipe que, nesta entrevista que se segue, acena-nos à motivação, à vontade de continuar no exercício docente e entrelaçar a pesquisa à extensão, fazendo-nos levar os discursos que nos permeiam para além dos muros da universidade... Extramuros, parabéns, também, por oportunizar!

Filipe Vaz, como prefere ser chamado o Prof. Dr. José Filipe Vilela Vaz, licenciou-se em Física e Química em 1992 pela UMinho e, após o doutorado em Ciências (Física), inicia as suas atividades docentes no Departamento de Física, sendo promovido a professor associado em 2007, ocasião em que intensifica as suas atividades pedagógico-científicas e de gestão acadêmica, tendo sido presidente e vice-presidente do Conselho Pedagógico da Escola de Ciências, Diretor das Licenciaturas em Física e Engenharia de Metais, e do Mestrado de Física dos Materiais Avançados, é atualmente Pró-reitor de Novos Projetos de Ensino² da Uminho. Com mais de 140 artigos publicados, participações em conferências, orientações em pós-graduação (mestrado, doutorado e pós-doutoramento) dedica as suas pesquisas sobre diversos oxinitretos de metais em transição, e colabora com diversas empresas como a JADO IBÉRICA (Braga) e a Eemagine-GmbH (Alemanha). Em 2012, tornou-se responsável pelos programas de mobilidade internacional, sobretudo o Programa das Licenciaturas Internacionais, em parceria inicialmente com a Universidade Tecnológica Federal do Paraná e hoje, com outras universidades federais brasileiras.

GGW: Em sua opinião, qual o significado de programas de extensão? Como eles contribuem à melhoria das dinâmicas universitárias?

FV: Os programas de extensão apresentam-se cada vez mais como projetos estratégicos estruturantes para as Universidades Portuguesas, e muito em particular para a Universidade do Minho [UMinho]³. São projetos fundamentais para a nossa relação com os parceiros sociais, mas acima de tudo para a nossa ligação com uma sociedade cada vez mais globalizada e em constante crescimento.

Na UMinho, os programas de Extensão são encarados como uma função social, implementados através de um conjunto de ações dirigidas à sociedade, que por sua vez estão intimamente ligadas às nossas atividades de Ensino e de Investigação⁴.

Por que esta importância para a nossa Universidade? Bom, nunca poderemos esquecer que as finalidades primordiais de qualquer atividade de extensão serão sempre: i) as da promoção e difusão do conhecimento gerado, no sentido de garantir o desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade como um todo; ii) a promoção e a garantia dos valores democráticos da igualdade de direitos e da participação, tão essenciais numa sociedade democrática como a nossa; iii) sem esquecer algo que me parece fundamental: o respeito pelas pessoas e pela sustentabilidade dos recursos naturais.

Neste sentido, a UMinho procura articular estes programas com a sua missão, o que tem vindo a trazer uma melhoria significativa na nossa visibilidade, e consequentemente uma crescente participação da sociedade nas nossas atividades, contribuindo significativamente para a nossa dinâmica externa. Hoje em dia, a UMinho “galgou os

² A extensão compõe o rol das diversas atividades do Prof. Filipe Vaz na UMinho.

³ A Universidade do Minho foi fundada no ano de 1973 e é hoje reconhecida pela competência e qualidade do seu corpo docente, pela excelência da investigação que se faz nas suas centenas de laboratórios, pela ampla oferta formativa graduada e pós-graduada e pelo seu alto nível de interação com outras instituições, em particular, com a sociedade civil e a região em que se insere, o Minho. Por estas razões, a UMinho é um agente central na região Minhota, uma importante referência nacional e uma parceira reconhecida no panorama europeu e global. Localizada no Norte de Portugal, a Universidade tem um campus na cidade de Braga e outro na de Guimarães, para além de outros menores e específicos para determinadas áreas do saber.

⁴ Em Portugal, usa-se o termo “investigação” para se referir a “pesquisa”.

seus muros” e tornou-se um player importante na sociedade envolvente, sendo atualmente um dos parceiros mais importantes da província onde se insere e que lhe dá o nome: o Minho⁵.

GGW: Como eles acontecem pela UMinho? Quais programas existem por aí, por exemplo?

FV: Tal como já referi, a dinamização de atividades de interação com a sociedade e a promoção e projeção da UMinho junto do tecido social e empresarial, tem sido assumida como um vetor de ação estratégico.

Consciente do seu papel e das suas responsabilidades, ao nível da educação para o desenvolvimento de uma cultura científica e tecnológica, a UMinho aposta na promoção de iniciativas e projetos que visam a disseminação destes conhecimentos junto da população em idade escolar e da sociedade em geral. A perceção positiva do público face ao papel da ciência e da tecnologia no desenvolvimento e na competitividade tem vindo a crescer e tem reflexo no aumento da atratividade das profissões científicas.

Em termos de projetos específicos, poderia numerar dezenas deles que atualmente se encontram a decorrer, mas vou destacar apenas alguns que me parecem mais estruturantes e que melhor demonstram o que referi acima.

O primeiro projeto no domínio do ensino que gostaria de destacar consiste na abertura da Universidade ao ensino médio e elementar: no decorrer do ano letivo convidamos alunos, escolas e público em geral a participar em diversas atividades laboratoriais que acontecem com a participação de Professores mas também de estudantes de graduação e pós-graduação da UMinho. Um outro projeto que consideramos relevante diz respeito ao ciclo de palestras e de conferências de divulgação da nossa oferta formativa, que visa a captar novos públicos, mas acima de tudo alertar a população e as empresas das valências para as competências dos nossos formandos. Por último, gostaria de destacar os cursos de Preparação e Avaliação para a Frequência do Ensino Superior para maiores de 23 anos; com este projeto, o estado Português, e a UMinho em particular, dão oportunidade aos adultos que deixaram o ensino de poderem regressar e obter uma formação superior. É um projeto que tem permitido a milhares de adultos o regresso à Escola, neste caso, à Universidade.

A componente de divulgação científica tem sido uma prioridade da UMinho, com o envolvimento dos docentes em distintas atividades de divulgação, tendo como setores-alvo as Escolas Básicas e Secundárias, público em geral, os media e outras entidades (públicas ou privadas); revelando efeitos diretos na captação de estudantes e de novos públicos. Neste contexto, foram implementadas várias iniciativas, entre as quais se destacam: o “Programa de Visitas à UMinho” (Figura 1), envolvendo a participação de cerca de cinco mil alunos nas mais de 200 atividades laboratoriais e palestras oferecidas; a participação na atividade “Verão no Campus” (Figura 2), que envolve sempre várias centenas de alunos do ensino médio; a iniciativa “De portas abertas à Ciência e Tecnologia”, integrada na Semana da Ciência e da Tecnologia, na qual são recebidos mais de mil alunos/professores dos ensinos básico e secundário para participação em

⁵ O Minho é uma região localizada no extremo noroeste português, contando com mais de vinte cidades, entre as quais Braga e Guimarães. Braga é atualmente a terceira maior cidade portuguesa, nascida da antiga cidade romana de Bracara Augusta. Guimarães, classificada Património Cultural da Humanidade pela UNESCO, é conhecida por ser o “berço da nação”.

atividades laboratoriais e palestras; e a “Festa da Ciência”, iniciativa que, ao longo de uma semana, conta com a participação de cerca de dois a três mil alunos do ensino pré-escolar, básico e secundário.

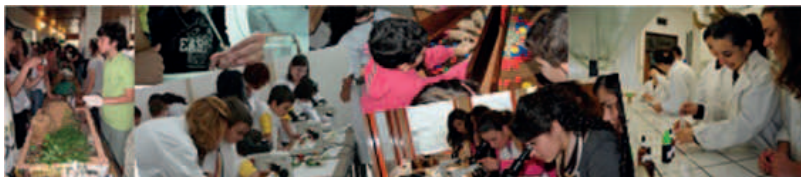


Figura 1. "Programa de Visitas à UMinho".



Figura 2. “Verão no Campus 2014”. Imagem do vídeo de divulgação no site da UMinho.

Outra atividade importante consiste no ciclo de “Tertúlias” com o objetivo de divulgar temas atuais nos vários campos do saber.

Por fim, gostaria ainda de realçar iniciativas como o “iSci – Interface Ciência” (Figura 3) e a participação da UMinho em diversas feiras de emprego dedicadas à interface com o tecido empresarial, onde um conjunto de empresas tem a oportunidade de interagir com os nossos alunos na análise e na busca de possíveis soluções ou estratégias para a resolução de problemas previamente colocados pelas mesmas.

Consciente do seu papel e das suas responsabilidades, ao nível da educação e da cultura científica e tecnológica, a UMinho aposta na promoção de iniciativas e projetos que visam aumentar a empatia do público para o papel da ciência e da tecnologia no desenvolvimento e na competitividade de uma região e de um país.

Figura 3. Cartaz do iSci – Interface Ciência 2013.



GGW: É possível relacionarmos programas de extensão com internacionalização ou programas de mobilidade? Ou são duas ações muito diferentes?

FV: Penso que não só será possível como até desejável. A internacionalização dos projetos que acima mencionei será o passo natural a dar, alargando ainda mais o campo de atuação da UMinho. O nosso Reitor fez uma aposta clara e decidida na Internacionalização⁶ da nossa oferta formativa e da investigação. Os programas de extensão são sem dúvida um veículo e uma ferramenta importantíssima para este fim, tornando os programas de mobilidade uma aposta certa. Quem melhor que os nossos visitantes ou os nossos alunos em mobilidade para afirmarem esta aposta e divulgarem a nossa Universidade? São sem dúvida “duas portas para o mesmo edifício”.

Por fim, não posso deixar de referir aquele que consideramos ser o exemplo mais claro dessa possibilidade de conciliar programas de extensão com internacionalização e/ou programas de mobilidade: o programa de Licenciaturas Internacionais, PLI, que se vem tornando como um dos projetos de maior relevo para a UMinho. A nossa Reitoria apostou muito forte neste programa, sendo que representa atualmente um modelo de cooperação com um dos nossos parceiros preferenciais e mais queridos, o Brasil. É entendimento do nosso Reitor que este deve ser um programa estratégico e ao qual se deve dar atenção especial. Talvez por isso tenha nomeado um dos elementos da sua equipa para o acompanhar e para facilitar até ao limite a integração dos alunos e um acompanhamento de muito perto de toda a sua evolução e resolução dos problemas que possam surgir, e por mais pequeno que sejam. Tem sido uma experiência extrema-

⁶ A internacionalização representa um forte compromisso e as atividades internacionais são muito intensas, não só no espaço da UE (União Europeia) e dos PALOP (Países de Língua Oficial Portuguesa), mas também com diversos outros países, de vários continentes. O ano letivo de 2010/2011 foi marcado pelo início de uma oferta alargada de formação em regime pós-laboral e a distância. Esta oferta terá um grande impacto social e permitirá abrir a Universidade a novos públicos, no quadro de exigência e qualidade que sempre caracterizou a Instituição.

mente enriquecedora e gratificante para mim, sendo que os alunos Brasileiros que vou conhecendo, e provenientes das mais diversas regiões Brasileiras, se revelavam todos os dias como pessoas de grande valor, dotados de um espírito de sacrifício enorme e de uma gentileza difícil de igualar. Tem sido um orgulho e um enorme privilégio lidar com este programa e com os alunos que, para imensa pena minha, vão agora regressar ao Brasil após dois anos de permanência entre nós. Alegro-me ainda o facto de alguns deles comentarem que já sentem saudades de Portugal e da UMinho.

GGW: No Brasil, ainda é comum relegarmos a extensão em todos os sectores envolvidos a um segundo plano. Você considera isso uma tendência mundial ou acha que o mundo já se encaminha a outro movimento? Podemos dizer que a UMinho está à frente de uma mudança e um olhar mais pormenorizado ao contexto extensionista?

FV: De todo. Acho que a extensão é um veículo fundamental e de importância singular. Penso que, pelo que já referi, se percebe que a tendência Mundial terá que ir nesse sentido. Hoje, e mais do que nunca, as Universidades têm que se abrir ao exterior. As Universidades vivem para o Mundo e pelo Mundo. Os problemas da sociedade terão que ser “atacados” também na Universidade.

A extensão é um instrumento poderoso e que pode ajudar no posicionamento da Universidade no Mundo, nomeadamente no que toca à tomada de consciência da sua mais-valia e da sua importância na resolução de problemas comuns. A Universidade não sobreviverá fechada sobre si mesma. A Universidade tem que galgar muros e a sociedade tem que a “abraçar” como um parceiro estratégico e valioso.

GGW: Como conseguimos envolver o pessoal académico na extensão, quando a prioridade parece sempre ser o desenvolvimento de pesquisa e, claro, o ensino regular...

FV: Explique-se muito bem a nossa estratégia e a importância da extensão para a Instituição. Sejam claros e dê-se valor a essas atividades. As pessoas têm que perceber as finalidades e os objetivos que temos a médio e longo prazo. Coloquemos o foco na importância da Universidade na resolução dos problemas da sociedade e na importância da divulgação e difusão do conhecimento para a população geral. Aposte-se claramente na definição de projetos de envolvimento da sociedade e em modelos em que a sociedade participa no crescimento da Universidade.

Que a Universidade consiga explicar aos seus docentes a importância de se ligar ao Mundo e do benefício que aí advém. Coloquemos os nossos melhores comunicadores em projetos deste tipo.

GGW: Já ouvimos muito acerca do seu sucesso à frente da pró-reitoria da UMinho e, sobretudo, dos programas de mobilidade. Como você acha que a administração interfere no desenvolvimento das propostas de extensão?

FV: Acho que é fundamental. “O exemplo tem que vir de cima”, dizemos nós com alguma insistência. Só vamos convencer as pessoas a participarem nestes programas de extensão se nos envolvermos profundamente.

Não diria que tenho sucesso, mas apenas que tenho a responsabilidade de proporcionar as condições necessárias para todos aqueles que entram nos programas de mobilidade. Se convidamos estudantes Brasileiros a virem para a UMinho, então temos a obrigação de lhes proporcionar as melhores condições para triunfarem. Não falo disto apenas ao nível formal, mas a todos os níveis, incluindo o pessoal. Um aluno que se desloca da sua zona de conforto precisa de uma atenção especial e de uma ajuda constante e diária. Ou o fazemos, ou perdemos a sua confiança, minando definitivamente as suas possibilidades de sucesso.

Assim, a administração não só interfere como pode determinar o êxito de qualquer destes projetos de extensão, muito em particular os de mobilidade Internacional.

GGW: Poderia deixar umas palavras finais a fim de ajudar a aprimorar a motivação para o crescimento/promoção do desenvolvimento do nosso potencial acadêmico?

FV: Tenham ambição e acreditem que podem crescer e desenvolver-se, precisando apenas de pessoas motivadas e dispostas e dar tudo por um projeto em que acreditem. Nunca desistam à primeira dificuldade e sejam criativos. Por mais pequenos que sejamos, a imaginação e a ambição não têm limites. Se querem uma Universidade forte e tão boa como as melhores, lutem por ela. Eu gostaria de pensar que o faço todos os dias, ainda mais quando tenho grandes dificuldades.

COMO CITAR ESTA ENTREVISTA:

WOLKOFF, Gisele Giandoni. Experiências extensionistas do além-mar: entrevista com o professor Filipe Vaz. *Extramuros*, Petrolina-PE, v. 2, n. 1, p. 135-141, jan./jun. 2014. Disponível em: <informar endereço da página eletrônica consultada>. Acesso em: informar a data do acesso.

Recebido em: 3 maio 2014.

Aceito em: 25 jun. 2014.



1



2



3



4

As imagens utilizadas para ilustrar a Capa, assim como as seções *Relatos*, *Artigos* e *Entrevista* desta revista, foram gentilmente cedidas por seu criador, o artista plástico Zé de Rocha (José Raimundo Magalhães Rocha), professor do curso de Artes Visuais da UNIVASE.

DADOS TÉCNICOS

Título: EXTRAMUROS - Revista de Extensão da UNIVASF

Projeto gráfico: Cecilio Ricardo de Carvalho Bastos

Logotipo: Ricardo Guimarães Cardoso

Editoração Eletrônica: Thiago Bruno Rodrigues de Rezende Oliveira

Capa e imagens de seção: Zé de Rocha (José Raimundo Magalhães Rocha)

Formato do arquivo: Portable Document Format (PDF)

Formato do papel: 21 x 29,70cm

Fontes: Bodoni e Chiantin

Número de páginas: 143